

## LAVOURA/PECUÁRIA

# UMA IDÉIA MADURA DA DIVERSIFICAÇÃO

*A integração entre lavoura e pecuária, iniciada há mais de 15 anos na região Pioneira, promove o lançamento de um novo programa cooperado: o de terminação de bovinos no inverno.*

Páginas 8, 9 e 10

### TRIGO

*Produtores querem preço justo e comercialização garantida*

Páginas 4, 5, 6 e 7

### ARRENDATÁRIOS

*Bolsa garantirá a continuidade da prática de arrendamento de terras*

Páginas centrais

## COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/000700  
Insc. INCRA nº 248/73  
CGC.MF 90.726.506/0001-75

### ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

#### Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

#### Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolívar Sperotto

#### Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

#### Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

#### Superintendente/Dom Pedrito:

Eduardo Augusto Pereira de Menezes

#### Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

#### Superintendente/MS:

Lotário Beckett

#### Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olívio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Straliootto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

#### Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Flávio Barreto.

#### Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender

#### Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker.

#### Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Goi.

### LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

### CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

## COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

### Associado da ABERJE

### REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

### REVISOR

Sérgio Corrêa

### CORRESPONDENTES

**Campo Grande:** Rosane Henn  
**Porto Alegre:** Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

## AO LEITOR

**C**erca de cinco mil cabeças de gado oriundas da fronteira do Estado deverão chegar às propriedades da área de atuação da Cotrijuí Pioneira, para dar início ao mais novo programa cooperado lançado pela Cooperativa: o de terminação de gado de corte durante o inverno. Fruto de um programa pioneiro como o do Novilho Precoce, esse cooperado de hoje representa mais uma vez o amadurecimento de uma idéia antiga que visava desenvolver a pecuária de corte, como forma de ocupar os solos ociosos da região. A situação concreta da lavoura, pouco tempo depois, colocava esse programa de lado, para, ao mesmo tempo, introduzir definitivamente outras atividades. Foi assim que se estendeu a pecuária leiteira, mais tarde ressurgiu a suinocultura e se desenvolveu a avicultura e a piscicultura. Todas elas, no entanto, ganharam esse espaço significativo nas propriedades, graças ao aumento da área de forrageiras, que respondendo aos aspectos essenciais da conservação do solo, fornecem ainda uma alimentação alternativa do ponto de vista nutricional e econômico. E é justamente essa produção, que ano a ano vem comprovando os seus benefícios, que coloca uma nova possibilidade de renda ao produtor da região, num momento em que a agroindustrialização também recebe um novo projeto. Os objetivos do novo cooperado, o espaço criado pela pesquisa estão nas páginas 8, 9 e 10.

## DO LEITOR

# A união pelo trigo

### Odacir Klein

A triticultura nacional enfrenta o período mais difícil de sua história. Depois de vencer a etapa artesanal, que consistia basicamente em jogar a semente na terra e esperar que as condições climáticas fossem favoráveis a cultura, os produtores decidiram nos últimos anos, investir pesado na pesquisa e no desenvolvimento tecnológico deste cereal.

Há cinco anos os produtores gaúchos, através de suas entidades representativas, encamparam um movimento no sentido de delinear medidas técnicas políticas para colocar o setor em novo patamar produtivo. E conseguiram. As lavouras, que antes apresentavam média entre 800 a 900 quilos por hectare, foram colocadas em níveis semelhantes às de países onde a triticultura é desenvolvida.

Após muitos sacrifícios e determinação conseguimos produzir, na safra do ano que passou, quase 6 milhões de toneladas, para um consumo de 6,5 milhões, praticamente alcançando a tão sonhada auto-suficiência.

Para chegar a esse objetivo a pesquisa desempenhou um papel fundamental, ao passar para os produtores materiais genéticos de alta produtividade e maior rusticidade em relação as doenças. As recomendações de plantio foram levadas pela assistência técnica ao campo, e o produtor, por sua vez, "domou" uma cultura antes considerada de alto risco.

Todo o resultado de anos de trabalho, apesar dos benefícios que trouxe a nação, continua sendo uma conquista ameaçada. E as ameaças para desestruturar a nossa produção de trigo vêm do próprio governo federal e que, depois de conduzir uma comercialização desastrosa, na safra 88, deixando de adquirir 219 mil toneladas do produto gaúcho, agora cria obstáculos para o êxito da nova safra, impondo um preço aviltante e empurrando os produtores a reduzir o plantio. A indefinição de uma política adequada e justa para o setor está semeando o desânimo e a desconfiança dos triticultores.

Sempre que a esfera governa-

**P**lantar ou não plantar. Esta é uma questão que começa a encher de dúvidas a cabeça dos triticultores brasileiros, envolvidos numa política de desestímulo muito grande e que deságua em preços totalmente defasados, incapazes de cobrir os custos operacionais e financeiros da cultura. Será que vale a pena plantar trigo e vender a 171 dólares a tonelada, quando dias destes o governo estava pagando 215 dólares?, perguntam uns. Será que o pior não é deixar de plantar?, perguntam outros ainda apostando na cultura e lembrando todo o trabalho feito durante anos e anos de pesquisa para que o trigo alcançasse o patamar que alcançou na safra passada, pulando de uma média de produtividade entre 800 a 900 quilos por hectare para mil e 500 quilos por hectare. Já vai bem longe o tempo em que o grão era simplesmente jogado na terra e deixado ao deus dar. Hoje já somos quase auto-suficientes na produção de trigo e o triticultor planta sabendo que vai colher porque usou tecnologia. Só o governo é que não está vendo a vontade dos produtores de continuar produzindo. Ou será que está vendo, mas prefere recompensar os triticultores argentinos? Matéria sobre trigo, custos de produção e a palavra dos produtores páginas nas 4, 5, 6 e 7.

ses de uma safra para outra é o mesmo que estimular o "plantio de Proagro".

Este quadro de desalento toma feições absurdas ao considerarmos que enquanto lutamos por um preço digno de continuar plantando o cereal-rei, o trigo estrangeiro custa ao Brasil em torno de 230 dólares a tonelada.

Não é aceitável que pessoas que ocupam postos transitórios no governo detenham o poder de desestabilizar um setor gerador de milhares de empregos, que contribui na produção de um alimento básico à população e evita que o país dispense milhões de dólares na aquisição do produto importado.

Não é apenas a luta pelo preço que atormenta os produtores. Enfrentamos ainda outros pesadelos: os acordos de importação. O protocolo número 22, firmado pelo Itamarati com a Argentina, nos obriga a importar, anualmente, de 1.550 a 2.000 toneladas do produto no período de 1989 a 1993. Este acordo demonstra a má vontade e o descaso do governo com a triticultura nacional.

A Fecotrigo quer acabar com esta aflição dos triticultores brasileiros, forçados a engolir um contrato de gabinete que beneficia os plantadores do país vizinho.

As entidades ligadas a produção de trigo devem, cada vez mais, estar alertas para evitar que sejam aplicados golpes de desestímulo contra o trigo nacional. Somos responsáveis pela ascensão e tecnificação das nossas lavouras. Esse esforço dispendido pelos produtores não pode ser jogado pela janela em detrimento de interesses, ainda obscuros, de alguns setores do governo.

Preservar a triticultura em nosso país é uma questão de independência enquanto agricultores e consumidores. A competência de nosso produto já está mais do que provada, e a nossa cota de sacrifício está se esgotando. O que resta aos produtores é não cruzar os braços e pelear até vencer mais esta batalha.

Odacir Klein é presidente da Fecotrigo



*A Fecotrigo quer acabar com esta aflição dos triticultores brasileiros, forçados a engolir um contrato de gabinete que beneficia os plantadores do país vizinho.*

mental se reúne para decidir algo que diz respeito ao setor primário, o faz em prejuízo da classe produtora. Foi o que ocorreu há poucos dias, com o Conselho Monetário Nacional fixando o preço do trigo em NCz\$ 171,00 a tonelada, a valores de abril, ou NCz\$ 10,26 por saca de 60 quilos, enquanto os cálculos da federação apontam que apenas os custos financeiros e operacionais chegam a NCz\$ 14,00, sem computar as despesas fixas, uso da terra, lucratividade e custos de manutenção.

O preço estabelecido pelo governo sequer cobre os custos operacionais, obrigando o agricultor a colher 32,02 sacos por hectare para pagá-los. Se agregarmos os custos financeiros, esta necessidade salta para 37,38, sacos por hectare. É importante lembrar que na safra passada, a produtividade foi de 26 sacos por hectare, considerada excelente. Ora, exigir um salto des-

CURTAS

A inflação oficial ficou em 7,31 por cento, segundo anunciou o IBIC. Esta foi a taxa mais alta medida pelo Índice de Preços ao Consumidor, desde que o Plano Verão foi decretado. Esse índice eleva o acumulado desde fevereiro a 17,94 por cento. No ano passado a inflação total já alcança 100,83 por cento. O acumulado em 12 meses chega a 991,53 por cento.

O "boeing da alegria" já levou ao exterior, desde o dia 15 de março de 1985 até 20 de abril deste ano, em turismo oficial, 36.546 pessoas. Viagens estas, dirigidas para os quatro cantos do mundo, pagas pelo bolso dos contribuintes brasileiros.

O número de trabalhadores cresceu de 53 milhões e 800 mil em 1985, para 55 milhões e 400 mil em 1986 e 57 milhões e 400 mil em 1987. Neste ano, a terça parte da mão-de-obra ativa era de mulheres que continuam recebendo exatamente a metade da remuneração paga ao homem. A maior parcela, 33,8 por cento dos trabalhadores — dados de 1987 — continuavam recebendo até um salário mínimo — a referência era o Piso Nacional de Salários —. Recebiam até dois salários mínimos 23 por cento dos trabalhadores. Houve um aumento na proporção de pessoas nas faixas de rendimento acima de dois até cinco salários, passando de 21 em 85 para 27,2 em 87. Os trabalhadores com mais de 10 salários passaram de 5 em 85 para 6,4 em 87. Na faixa dos que recebiam mais de 20 salários, foram computados 2,2 por cento, o que representava um milhão e 200 mil trabalhadores.

A convite da Sociedade Matogrossense do Sul de Medicina Veterinária esteve em Campo Grande no dia 11 de abril, o responsável técnico pela área de ovinocultura da Cotrijuí de Dom Pedrito, o agrônomo e zootecnista Paulo Pedroso. A palestra foi durante a realização da 51ª Expo-grande — a maior exposição de agropecuária do Mato Grosso do Sul, e o tema foi sobre manejo de ovinocultura e comercialização de lã, carne e peles. Aproveitando a oportunidade, Pedroso visitou as unidades da Cotrijuí no Estado para analisar as potencialidades de ovinocultura na região.

## 680 conflitos agrários

O Brasil registrou, só no ano passado, 680 conflitos agrários, envolvendo 684.513 pessoas e que resultaram em 102 assassinatos, oito acidentes com vítimas, 153 ameaças de morte e 68 tentativas de homicídios. Estes números fazem parte de um relatório da Comissão Pastoral da Terra e apresentados em Itaici aos bispos reunidos na 27ª assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A Região Nordeste, segundo o relatório da Pastoral da Terra, liderou o quadro de conflitos em 88, apresentando 199 casos. Em seguida aparece a região Norte com 141 casos, inclusive a morte dos sindicalistas Ivair Higino de Almeida e Chico Mendes, a Centro-Oeste com 115, a Sul com 88 e a Sudeste com 78. Mas o maior número de assassinatos, no entanto, aconteceu na região Norte, com 48 mortes, seguido pela Nordeste com 27, Centro-Oeste com 9, Sudeste com 8 e Sul com um caso.

Para o presidente da Pastoral da Terra, dom Augusto Alves da Rocha, bispo de Picos, no Piauí e o secretário-executivo da Comissão, padre Ernando Allegri, os crimes do campo, cada vez "mais brutais, seletivos e coletivos", têm como finalidade dar um fim nas lideranças e pessoas engajadas na luta pela reforma agrária.

## A grande safra...

O governo brasileiro tem alardeado nos últimos meses o resultado da safra de grãos do país, ora em fase de colheita, que está sendo calculada ao redor dos 70 milhões de toneladas. O alarde é tamanho, que noite dessas o próprio ministro da Agricultura, candidato a candidato à presidência da República, sr. Iris Resende, chegou a ocupar espaço em cadeia nacional de televisão, em horário nobre, para falar a respeito da "grande safra".

Ora, fosse o Brasil um país sério, os nossos números de produção seriam ocultados, em vez de anunciados aos quatro ventos, como o vem fazendo o sr. Sarney. Apenas para que se faça idéia do ridículo que nossa estatística da produção de grãos pode ocasionar no mundo, tomemos como exemplo um país que tem merecido duras críticas — inclusive de muitos políticos e economistas brasileiros — pelo fato de importar quantidades de alimentos, inclusive de nosso próprio país, para melhorar a dieta de seu povo. Esse país é a Rússia.

A Rússia importa produtos agrícolas, principalmente trigo e soja, às vezes em grandes quantidades. Mas, e daí? O mais importante a saber é o quanto ela produz e o quanto consome. Hoje, todos sabem que a produção média anual de cereais na Rússia é de 200 milhões de toneladas. Sendo o consumo uma necessidade generalizada para cem por cento da população, às vezes é necessário apelar para a importação.

Mas o que desejamos destacar neste breve comentário não é a atualidade da Rússia Soviética, mas, precisamente, seu passado czarista, um breve período dele. Nada mais do que cinco anos: de 1909 a 1913. A Rússia imperial do princípio do século, apesar da inexistência de técnicas agrícolas, do latifúndio dos "kulaks" e das geleiras, que inviabilizavam os cultivos em grande parte do solo, ainda assim produzia mais do que o Brasil de 1989. A produção média anual no citado período, foi de 72,5 milhões de toneladas de grãos. É verdade que o governo imperial russo exportava grande parte dessa produção. Os kulaks — grandes proprietários — exportavam, em média, 15 milhões de toneladas/ano, o que resultava em fome crônica para a maior parte da população. Havia um certo consenso entre a aristocracia czarista, que muzhik (camponês pobre) não necessitava de alimento. Resulta que, qualquer semelhança com o que ocorre em nosso país, pode não ser mera coincidência.

## Os 40 anos da CAAL

Completo 40 anos de vida a Cooperativa Agroindustrial Alegretense Ltda — CAAL, que alcança a idade adulta em franco progresso. Impulsionada por um grupo de 43 produtores de arroz, surgiu com o nome de Cooperativa Arrozeira Alegrete Ltda, nome que mudou posteriormente para Cooperativa Agrícola Alegretense Ltda. Tempos depois uniu-se à Cooperativa Progresso, que já havia incorporado a Cooperativa Tríticola, resultando, finalmente, no que é hoje a conhecida Cooperativa Agroindustrial Alegrete.

Nesses 40 anos de atividades, a CAAL — como é mais conhecida nos meios cooperativistas e empresariais do país — tem promovido um trabalho de enorme alcance social que ultrapassa o interesse imediato de seus associados para se projetar em toda a população alegretense, que de maneira direta ou indireta, se beneficia da vida da cooperativa.

A cooperativa tem hoje a seguinte diretoria: presidente, Jorge Alberto Castellini Moreira; 1º vice-presi-

dente, Arsênio Simões da Silveira e 2º vice-presidente, José Eurico Trindade da Costa.

Conselheiros titulares: Antônio Souza Dornelles, Eber Lopes Souza, Luiz Felipe Ferreira da Costa, Raul Englert, Bolívar Ferreira Souza Filho, Derlin Ferreira Antunes, Leonel Zinelli e Quirino Ferreira da Costa Neto.

Conselho Fiscal: Frederico Alberto Noetzold, Rui Fernando Severo Ramos e Valdecir Tadeu Batistela Lucas.

### PREVIDÊNCIA

## A discriminação continua

Cerca de 300 agricultores de Ijuí, entre homens e mulheres — grande parte com idade entre 55 e 60 anos de idade —, estiveram reunidos no dia 2 de maio, no Salão Paroquial da Igreja da Natividade, para assinar protocolo que dá direito a encaminhar pedido de aposentadoria. O encontro foi organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí e, segundo o seu presidente, Carlos Karlinski, o documento assinado no dia da reunião não significa o pedido direto e imediato de aposentadoria. "Esse é um processo para mais adiante e que ainda depende de lei complementar", esclarece. Outras questões, como a discriminação do aposentado rural em relação ao urbano e a licença maternidade para a mulher rural, também estiveram em discussão. "O trabalhador rural continua sendo discriminado em termos de previdência, recebendo de aposentadoria apenas meio salário mínimo", diz Karlinski, lembrando que o trabalhador urbano já foi beneficiado e passará a receber um salário.

### POLÍTICA SALARIAL

## 12 mudanças em 20 anos

A política salarial mudou 12 vezes desde 1979. Naquele ano, frente a inflação acumulada nos últimos 12 meses de 90 por cento — a maior dos últimos 15 anos — o governo decidiu mexer na política salarial em vigor desde os anos 60 e que estabelecia correção anual: introduziu o regime de correção semestral. Mas como a periodicidade destes reajustes passou a ser inversamente proporcional a aceleração da inflação, o governo criou a correção mensal através da URP, que não resolveu a disparidade, mas que mesmo assim perdeu a cabeça com a criação do Plano Verão.

Mas foi em 1983 que o trabalhador sofreu um duro golpe em seu salário. Com o fantasma da recessão rondando o país — o Produto Interno Bruto apresentou uma queda de 2,8 por cento em relação a 82 — o governo resolveu por bem extinguir as regras que previam reajustes semestrais com base no INPC para todas as faixas salariais, além de ganhos reais — acima da inflação — de 10 por cento para quem percebia até três salários mínimos. Com a mudança, o governo eliminou a garantia dos ganhos reais, estreitou as faixas salariais e diversificou as alíquotas dos reajustes automáticos que passaram a ser corrigidos da seguinte forma: 100 por cento do INPC para quem recebia até três salários mínimos; 95 por cento para quem recebia de três a sete; 80 por cento de sete a 15 e 50 por cento para quem recebia de 15 a 20 salários mínimos.

Em maio do mesmo ano, mais um duro golpe com o estreitamento das faixas salariais, embora os trabalhadores com até três salários mínimos continuassem com reposição integral. Três meses mais tarde, o trabalhador levou mais uma dura cacetada com o decreto-lei que determinou, para todas as faixas salariais — inclusive o mínimo —, o reajuste semestral de 80 por cento do INPC, na época o indexador dos salários e que caminhava próximo a inflação oficial. Só neste ano a inflação acumulou uma variação de 211 por cento. Como o Congresso foi contra a medida, o governo, em outubro reeditou o efeito cascata que veio de roupa nova: reajuste semestral integral — até três salários mínimos; 80 por cento do INPC para quem recebia de três a sete salários mínimos; 60 por cento de sete a 15 e 50 por cento para quem recebia acima de 15 salários mínimos. Um ano depois o governo decide amenizar as perdas, assegurando por lei, para quem ganhava acima de três salários mínimos, reajuste automático em 80 por cento do INPC.

A primeira mudança na política salarial, durante o governo Sarney aconteceu em dezembro de 85, com o reajuste integral para quem ganhasse até 10 salários mínimos. Mas permaneceu o limite de 80 por cento do IPCA — o novo indexador — para as faixas superiores. Em março de 86 o Plano Cruzado congelou e instituiu uma escala móvel, determinando reajuste automático para todas as faixas salariais toda a vez que a inflação oficial acumulasse 20 por cento.

Nesta edição, excepcionalmente, não estaremos publicando a seqüência de reportagens sobre as novas prefeituras da região. Na próxima edição voltaremos ao assunto trazendo mais uma etapa da série.

# À espera de melhor preço

Triticultores esperam reajuste no preço e garantias de comercialização para iniciar plantio da lavoura

Mais uma safra de trigo começa a ser plantada por esse Brasil afora. Até aqui nada de novo, não fosse o fato do país viver um ano de eleições presidenciais, de VBCs insuficientes para cobrir os custos de produção, os preços defasados, as altas taxas de juros, os recursos apertados e as muitas indefinições relacionadas com a comercialização do produto, ainda sob a tutela do governo, mas ameaçado, desde a safra anterior, de passar para o setor privado. Essa indiferença de parte do governo em relação a cultura do trigo começou bem em meio a safra passada, a maior dos últimos anos e que chegou quase à casa dos 6 milhões de toneladas para um consumo de 6,5 milhões de toneladas. É o país chegando à casa da auto-suficiência à beira de uma crise muito grande de desânimo.

A primeira "puxada de tapete" nos ânimos dos produtores começou com a história do Protocolo de número 22, assinado entre o Itamarati e a Argentina, comprometendo o Brasil de importar, anualmente, de 1.550 a 2.000 toneladas do produto no período de 1989 a 1993.

A situação é tão controvertida que o próprio governo hoje até já fala em exportar trigo. Segundo a Secretaria Nacional de Abastecimento, existe um excedente de 3 milhões de toneladas abarrotando armazéns, tirando fora, é claro, a produção nacional que no ano passado deixou de ser adquirido. Só que este trigo que o Brasil está querendo vender para os argentinos, ameaçados de uma frustração na lavoura, veio da própria Argentina, no ano passado, para competir com o produto nacional.

Um outro golpe aconteceu no final do ano, entre a colheita do trigo e o plantio da soja. Para surpresa de quem estava contando com o dinheiro do trigo para dar uma aliviada nas contas, o governo simplesmente anunciou que estava com falta de recursos em caixas. Resultado: 219 toneladas de trigo gaúcho só foram adquiridas pelo governo, dias atrás, às vésperas do plantio de uma nova lavoura.

Mas as más notícias não páram por aí. Alguns dias atrás, o Conselho Monetário Nacional decidiu fixar o preço do trigo em 171 dólares a tonelada, o equivalente, em valores de abril, a NCz\$ 10,26 o saco de 60 quilos. O preço da tonelada, em dezembro de 88 era de 215 dólares a tonelada. Pelo trigo estrangeiro, o governo não se acanha de pagar 230 dólares pela tonelada. Esse valor de 171 dólares a tonelada nem sequer cobre os custos de produção que, segundo os cálculos da Cotrijuí chegam a NCz\$ 16,56 o saco de 60 quilos. É justamente em função de toda esta disparidade entre o preço do produto estrangeiro e o nacional, que a Fecotri e demais lideranças do setor andam num vaivém constante até Brasília, na tentativa de sensibilizar as autoridades para as consequências desastrosas que essa política de total desestímulo poderá ocasionar para a lavoura de trigo. "A reivindicação que está sendo levada até Brasília pede um reajuste de 30 por cento para todos os preços mínimos, inclusive para o trigo", informa Rui Polidoro Pinto, vice-presidente da Fecotri. O reajuste reivindicado deverá ter por base preços de novembro.

## JCA RESPONSABILIDADE

Não consideramos este preço fixado pelo governo como definitivo

observa Oswaldo Olmiro Meotti, diretor presidente da Cotrijuí, ainda confiando na sensibilidade do governo em atender as reivindicações do setor, embora reconheça que o país atravessa um período de pouca responsabilidade em função até da realização das próximas eleições presidenciais. Mas entende que o governo será obrigado a repensar esta situação até porque a Argentina, em função de problemas políticos, econômicos e climáticos, não terá condições de cumprir com as cotas estabelecidas através do Protocolo 22. "E, se esta política de desestímulo continuar, é óbvio que vai acontecer uma redução na lavoura de trigo, obrigando ao governo, mais adiante, a ter de importar o produto dos Estados Unidos ou Canadá.

Mas enquanto as lideranças continuam brigando pelo reconhecimento, por parte do governo, do trigo como uma cultura economicamente rentável, os produtores começam a programar suas lavouras, falando em redução de área. Dados preliminares levantados pela Fecotri indicam que pode acontecer uma redução de até 26 por cento na área plantada. Essa redução representa que a área pode cair de 1 milhão, 050 mil hectares cultivados em 88 para 773.044 mil hectares, embora, segundo o Léo Góí, agrônomo e diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, na Pioneira ainda seja muito cedo para se fazer alguma previsão real. "O período oficial se estende até junho", diz ele apostando na mudança de idéia do próprio produtor.

Na safra passada, na área de atuação da Cotrijuí, Regional Pioneira, foram cultivados 129 mil hectares com trigo, mas considerando as reações dos produtores e a procura de semente, o

Léo está prevendo uma redução de área ao redor dos 15 por cento. Dentro do programa de rotação de culturas, considera que o trigo continua ocupando uma área equilibrada, embora, por outro lado, mostre preocupação em relação a qualidade e ao nível tecnológico a ser empregado nestas lavouras, e que, certamente, poderá influir na produtividade final.

No Banco do Brasil, agência de Ijuí, o movimento dos produtores ainda continua pequeno e tem uma razão: "só estamos contratando financiamento através de repasse via Cotrijuí para

os minis e pequenos produtores", informa Nereu Paulo Patussi, gerente da agência local. Esses produtores vão financiar suas lavouras com recursos do Tesouro Nacional, corrigido pelo IPC e mais 12 por cento de juro ao ano. Para os médios e grandes produtores, as indefinições ainda são grandes. O governo não sabe qual será a procedência do dinheiro a ser financiado e muito menos por quais índices deverão ser corrigidos. "Por enquanto, diante de todas estas indefinições, adianta Patussi, estamos apenas colhendo propostas de financiamento dos médios e grandes produtores.

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) - CULTURAS TEMPORÁRIAS SAFRA DE INVERNO - 1989

A - AVEIA, CENTEIO E CEVADA - GRÃOS			LIBERAÇÕES							
PRODUTO (1)	FAIXAS DE PRODUTIVIDADE (KG/HA)		VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC)		1*			3*		
	DE	ATÉ	NCZ\$/HA	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	
AVEIA	-	1.000	65,50	45,92	ABR	13,12	JUL	6,56	SET	
	1.000	1.400	93,07	65,15		18,61		9,31		
	1.401	1.800	119,72	83,80		23,94		11,98		
	acima de	1.800	143,24	100,27		28,65		14,32		
CENTEIO	-	1.200	80,55	64,44	MAR	8,06	MAI	8,05	JUL	
	1.201	1.600	99,37	79,50		9,94		9,93		
	1.601	1.800	114,73	91,78		11,47		11,48		
	acima de	1.800	143,24	100,27		28,65		14,32		
CEVADA	-	1.200	102,55	71,79	ABR	20,51	JUL	10,25	SET	
	1.201	1.600	125,18	87,63		25,04		12,51		
	1.601	2.000	170,02	119,01		34,00		17,01		
	acima de	2.000	191,48	134,04		38,30		19,14		

B - TRIGO/TRITICALE - GRÃOS

B - TRIGO/TRITICALE - GRÃOS			LIBERAÇÕES							
PRODUTO/ÁREA DE ABRANGÊNCIA	NÍVEL DE REFERÊNCIA	PRODUTIVIDADE DE REFERÊNCIA (2) (KG/HA)	VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC)		1*			3*		
			NCZ\$/HA	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	NCZ\$/HA	A PARTIR DE	
TRIGO DE SEQUEIRO Estados: PR, SP e MS	1	1.100	126,57	88,60	MAR	25,31	MAI	12,65	JUL	
	2	1.620	214,17	149,92	MAR	42,83	MAI	21,42	JUL	
	1	1.100	126,57	88,60	ABR	25,31	JUL	12,65	SET	
	2	1.620	214,17	149,92	ABR	42,83	JUL	21,42	SET	
TRITICALE DE SEQUEIRO Estados: PR, SP e MS	1	1.100	113,90	79,73	MAR	22,78	MAI	11,39	JUL	
	2	1.620	192,79	134,95	MAR	38,56	MAI	19,28	JUL	
	1	1.100	113,90	79,73	ABR	22,78	JUL	11,39	SET	
	2	1.620	192,79	134,95	ABR	38,56	JUL	19,28	SET	

Os valores financiados, tanto para os minis como para os pequenos produtores corresponderão a 100 por cento do VBC. Médios terão direito a 50 por cento e grandes produtores 50 por cento do custeio.

## Mais aveia neste inverno

As previsões para a safra de inverno, que tem no trigo a cultura principal em Mato Grosso do Sul, são pessimistas e apesar de não se ter dados oficiais, calcula-se que a redução da área plantada deverá atingir os 30 por cento com relação ao ano passado. Em 88 o Estado cultivou 373.774 hectares com trigo, e se confirmadas as expectativas, este ano deverão ser cultivados em torno de 260 mil hectares.

Como o período ideal para o plantio recomendado pela pesquisa encerrou no dia 30 de abril e sem liberação de recursos pelo Banco do Brasil até esta data, muita gente já desistiu de plantar trigo neste inverno. É o caso do agricultor Bernardo Sponchiado, associado de Rio Brilhante. Na última safra ele plantou 150 hectares de trigo e agora, depois de seis anos consecutivos, não vai plantar nenhum hectare da cultura na sua propriedade. Ele acha que o governo não quer que o produtor plante trigo, por isso toda a indiferença que cerca a questão, incluindo-se aí a tão falada privatização da compra do produto. Sponchiado reclama também do preço que o governo estabeleceu para o produto, a seu ver muito baixo para uma lavoura de muito risco como é a do trigo. Ele lembra que os preços vêm caindo nos últimos anos, e se antigamente um saco de trigo dava para comprar 200 litros de óleo e ainda sobrava algum dinheiro, hoje ele precisa de quatro sacos do cereal para comprar o mesmo produto.

A decisão de não plantar trigo, entretanto, não preocupa o associado, pois ele optou pela aveia, uma cultura que não dá o retorno financeiro do trigo, mas que tem permitido outros benefícios à sua lavoura. Sponchiado, cuja área de plantio totaliza 440 hectares, vem nos últimos três anos fazendo experimentos com aveia e está muito satisfeito com os resultados.

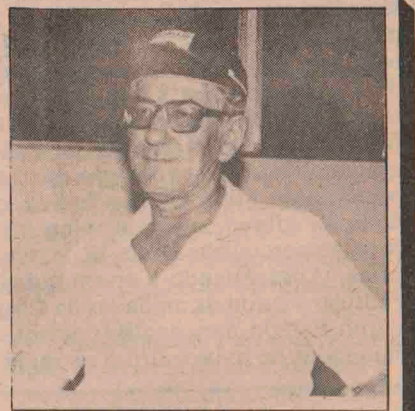
Ele diz que onde plantou aveia na safra passada, a produtividade da soja nesta safra aumentou, ao passo que a produção de soja no lugar do trigo plantado em 88, permaneceu a mesma. A produtividade média nesta safra de verão ficou em 50 sacos por hectare. Para o associado está comprovado que a cobertura vegetal da aveia é excelente para a correção e melhoramento do solo, aumentando assim a produtividade das culturas subsequentes. Por isso Sponchiado resolveu ocupar quase a totalidade da sua lavoura com a aveia preta, deixando apenas 30 hectares para experimentos com milho e 10 hectares com feijão.

Muitos agricultores deverão ter o mesmo procedimento, optando pela aveia no lugar do trigo e isso faz com que a cultura venha em cons-

tante expansão nos últimos anos no Estado, sendo a mais utilizada atualmente para adubação verde. Em 88 foram cultivados no Mato Grosso do Sul aproximadamente 70 mil hectares de aveia, e nesta safra a área deverá ultrapassar os 100 mil hectares. Já a área de trigo experimenta este ano sua terceira redução consecutiva. Em 87 foi o ano que mais se plantou, ocupando o cereal uma área de 432.287 hectares e foi também quando se obteve a melhor produtividade, que ficou na média de 1.297 quilos por hectare. Com as medidas restritivas do crédito rural impostas no ano passado, esta área reduziu para 373.744 hectares e isto resultou num prejuízo de cerca de um milhão de cruzados novos que o governo estadual deixou de arrecadar em ICM, de acordo com levantamento feito pela coordenadoria de agricultura da Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

A redução da triticultura se dará em quase todos os municípios que a Cotrijuí atua, e uma estimativa preliminar feita pelos departamentos técnicos das Unidades aponta que onde não vai reduzir muito a área, deverá aumentar o número de agricultores que plantaram com recursos próprios, como é o caso de Maracaju e Sidrolândia. Já em Ponta Porã, a área estimada para esta safra é a metade de 88, quando foram cultivados 60 mil hectares. A previsão para este ano é de 30 mil hectares, acompanhado de um aumento de quase 100 por cento da lavoura de aveia, estimando-se que sua área ocupe 15 mil hectares. Trabalha-se atualmente com estimativas, mas uma coisa é certa, a triticultura no Estado terá redução considerável este ano. E este panorama deverá se repetir em outros lugares, inclusive no Paraná, o maior Estado produtor, que poderá ter sua área reduzida em 50 por cento.

Se a intenção do governo é realmente desestimular o produtor na triticultura, o objetivo está sendo alcançado e o Brasil, que quase alcançou a auto-suficiência na produção do cereal, continua na dependência de importar o trigo para abastecer o mercado interno.



Bernardo Sponchiado

# O custo de um hectare de lavoura: NCz\$ 414,20

Quanto vai custar um hectare de trigo neste inverno? Esta é uma questão que, certamente já deve andar remoendo as idéias de muitos tricultores meio assustados com a política do governo de desestímulo a cultura. Quem andou lidando com os números e descobriu o custo de um hectare de planta, foi o Sérgio Dalepiane, responsável pela área de Custos de Produção, ligada a diretoria Agrotécnica da Cotrijuf na Pioneira. O Sérgio fez um levantamento completo, mostrando os custos de quem vai plantar utilizando plantio convencional e direto. (Ver tabela em anexo).

Um hectare de trigo, plantado pelo sistema convencional, vai custar ao produtor nada mais nada menos do que NCz\$ 414,20. Já uma lavoura feita pelo sistema de plantio direto, terá um custo menor: NCz\$ 396,97. Cada saco de trigo produzido, considerando neste caso uma produtividade média de 1.500 quilos por hectare, vai apresentar um custo de NCz\$ 16,58 — plantio convencional — e NCz\$ 15,89 plantio direto. Pelo preço de hoje — 2 de maio — o produtor teria de colher 40 sacos de trigo por hectare para pagar todo o custo da lavoura. A lavoura de trigo deste ano, considerando todos os custos de produção, se comparada com a plantada em 88, teve um acréscimo de 994 por cento.

## OS CUSTOS CONSIDERADOS

Para se chegar aos cálculos finais, o Sérgio considerou dois tipos de custos: variáveis e fixos. Os custos variáveis são aqueles que representam o desembolso direto do produtor para plantar um hectare de lavoura e variam de acordo com a tecnologia empregada. São custos variáveis as despesas com máquinas e implementos — (conservação e reparos, combustíveis) —, sementes, fertilizantes, agrotóxicos, transporte, lapas, despesas financeiras

e Proagro.

O item "insumos" tem o maior peso dentro dos custos variáveis, totalizando NCz\$ 175,00. Este valor corresponde a 67 por cento dos custos variáveis e 42 por cento do custo total. Dentro deste item, os agrotóxicos — fungicidas, inseticidas e herbicidas — representam 39 por cento da despesa gasta com insumos, ou seja: NCz\$ 68,26 por hectare. É o item que mais encarece a lavoura de trigo. Neste caso, o Sérgio considerou uma aplicação de inseticida, outra de herbicida e mais dois tratamentos com fungicidas. Em segundo lugar aparecem os fertilizantes, representando 24 por cento do total gasto no item despesas variáveis. O item insumos é válido tanto para a lavoura convencional como para a de plantio direto.

As despesas com máquinas e implementos representam 21 por cento nos custos variáveis para a lavoura convencional e 18 por cento para a lavoura feita com plantio direto. O produtor também vai gastar menos combustível em um hectare de plantio direto do que na mesma área feita no sistema convencional. As despesas neste caso, fecham em NCz\$ 54,43 — plantio convencional. As despesas financeiras, para os dois sistemas, representam 3 por cento do custo final de um hectare de lavoura. O Sérgio avisa que, no cálculo das despesas financeiras foram considerados apenas os juros normais de financiamentos.

Com custos fixos, foram considerados as despesas com depreciação e seguros de máquinas, equipamentos, construção, mão-de-obra, Imposto Territorial Rural, remuneração da terra, melhoramento do solo, entre outros. Dentro dos custos fixos, a maior despesa fica mesmo com o uso de máquinas e implementos, apresentando um gasto de NCz\$ 50,78. Este item re-

presenta, dentro dos custos fixos, 33 por cento das despesas e, 12 por cento das despesas finais, isto para o caso da lavoura convencional. A lavoura feita dentro do sistema de plantio direto, apresenta um custo menor. Outro item caro, é a remuneração da terra que corresponde ao valor de arrendamento. Ela representa, em um hectare de terra, NCz\$ 37,50.

Na lavoura plantada dentro do sistema convencional, os custos variáveis representam 63 por cento das despesas totais de formação de um hectare de planta. As despesas fixas representam 37 por cento. Quem plantar dentro do sistema de plantio direto, vai gastar um pouquinho menos — comparar as despesas no quadro ao lado.

## CUSTO PRODUÇÃO TRIGO — SAFRA/89

Custos	Plantio convencional			Plantio direto		
	NCz\$/ha	US\$/ha	US\$/sc	NCz\$	US\$	US\$/sc
<b>1. Custos variáveis</b>						
1.1. Máq. e Implem.						
Conserv. e rep.	38,22	37,47	1,50	35,12	34,43	1,38
Combustíveis	16,21	15,89	0,64	10,77	10,56	0,42
<b>1.2 Construções</b>						
Cons. e reparos	2,69	2,64	0,11	2,69	2,64	0,11
<b>1.3. Insumos</b>						
Sementes	44,20	43,33	1,73	44,20	43,33	1,73
Fertilizantes	63,50	62,25	2,49	63,50	62,25	2,49
Agrotóxicos	68,26	66,92	2,68	68,26	66,92	2,68
1.4. Transporte	7,16	7,02	0,28	7,16	7,02	0,28
1.5. lapas	5,25	5,15	0,21	5,25	5,15	0,21
1.6. Financeiro	11,64	11,41	0,46	11,64	11,41	0,46
1.7. Proagro	4,28	4,20	0,17	4,28	4,20	0,17
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>261,41</b>	<b>256,28</b>	<b>10,27</b>	<b>252,87</b>	<b>247,91</b>	<b>9,93</b>
<b>2. Custos Fixos</b>						
2.1. Máq. e Implem.						
Depreciação	48,41	47,46	1,90	42,47	41,64	1,67
Seguro	2,37	2,32	0,09	2,04	2,00	0,08
<b>2.2. Construções</b>						
Depreciação	7,16	7,02	0,28	7,16	7,02	0,28
Seguro	0,56	0,55	0,02	0,56	0,55	0,02
<b>2.3. ITR</b>						
Seguro	2,50	2,45	0,10	2,50	2,45	0,10
<b>2.4. Mão-de-obra</b>						
2.5. Outros	15,68	15,37	0,61	15,17	14,87	0,59
Remun. da terra	37,50	36,76	1,47	37,50	36,76	1,47
Custo de oport.	28,72	28,16	1,13	26,81	26,28	1,05
<b>2.6. Melhoram. solo</b>						
Seguro	9,89	9,70	0,39	9,89	9,70	0,39
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>152,79</b>	<b>149,79</b>	<b>5,99</b>	<b>144,10</b>	<b>141,27</b>	<b>5,65</b>
<b>TOTAL</b>	<b>414,20</b>	<b>406,07</b>	<b>16,26</b>	<b>396,97</b>	<b>389,18</b>	<b>15,58</b>

Cotação 21.04.89 — dólar = NCz\$ 1,02  
Custo com base nos preços de abril

# O uso das máquinas

Que lidar com o trigo neste ano não vai ser fácil, a maioria dos agricultores, decididos a continuar investindo na cultura já deve andar sabendo. O custeio liberado pelo governo é apertado, o preço do produto é minguado e o custo de lidar com as máquinas, desde a primeira entrada na lavoura para dar início ao preparo da terra é de arrear. "Mas pior do que tudo isto, é se assustar", diz o Adão Ciotti, um agricultor de São Pedro, interior do município de Santo Augusto, mostrando a sua confiança na cultura e sem qualquer medo dos custos elevados e do "nariz torcido do governo" para o lado do trigo. Afinal, é preciso continuar plantando.

O Sérgio Dalepiane andou mexendo com os números e fez um levantamento no qual mostra o quanto vai custar ao produtor largar as máquinas na lavoura para dar início ao plantio da safra de inverno. Ele computou as principais operações: aração, gradagem, subsolagem, aplicação de inseticidas, herbicida, distribuição de calcário, capina, semeadura, colheita, entre outras. O trabalho considerou operações realizadas num hectare de lavoura, tomando por base valores referentes ao mês de abril/89.

Não precisa encomprar muito o assunto para dizer que a colheita é a

operação mais cara, embora o produtor, por não considerar nas suas contas o desgaste e depreciação da máquina, faça uma outra análise. Em todo o caso, segundo os cálculos do Sérgio, para colher apenas um hectare de trigo, por exemplo, o produtor gastaria, se a colheita fosse hoje, NCz\$ 60,75. Em segundo lugar, a operação de custo mais elevado fica por conta da construção do terraço de base larga — ver matéria ao lado. Na verdade, as despesas de construção de um terraço de base larga em nível, deve ser encarada como um investimento na propriedade e, seus custos, rateados entre várias safras. Depois da operação de construção do terraço, aparece o item aração, apresentando um valor de NCz\$ 16,20, seguido pela semeadura direta que tem um custo de NCz\$ 16,17, contra os NCz\$ 7,23 gastos com semeadura convencional. "É uma operação de custo mais elevado, só que o produtor, ao fazer a semeadura direta, vai estar eliminando outras opera-

## CUSTO HORA/MÁQUINA

OPERAÇÃO	CUSTO — NCz\$	
	Por hora	Por hectare
Aração	7,79	16,20
Subsolagem	8,11	10,62
Gradagem pesada	9,90	9,90
Gradagem leve	9,75	6,14
Pulverização	9,28	6,12
Capina mecânica	7,65	6,20
Distribuidor de calcário	8,74	5,68
Semeadura convencional	10,96	7,23
Semeadura direta	24,50	16,17
Terraço base larga	9,63	19,26
Remonte terraço base larga	8,88	8,88
Colheita	54,74	60,76

ções como a aração, gradagens e subsolagens", diz o Sérgio, tentando mostrar que, na verdade ela não é assim tão cara como parece. O menor gasto fica por conta da distribuição de calcário: NCz\$ 5,68.

Nos cálculos de conservação e reparos, foram considerados um custo de 6 por cento sobre o valor do trator; 8 por cento para a automotriz e 4 por cento para os implementos. Como valor de sucata, considerou 15 por cento sobre o valor do trator; 20 por cento para a automotriz e 5 por cento sobre o valor dos implementos. Ele não incluiu na formação dos custos o pagamento da mão-de-obra do operador e nem a lucratividade dos proprietários das máquinas, caso o levantamento sirva para determinar preços em caso de contratação de serviços de terceiros.

# NCz\$ 19,26 por um terraço

Nada melhor do que o intervalo entre uma colheita e o plantio de uma nova cultura para o agricultor dar uma "ajeitadinha" na sua terra, buscando melhorar as condições físicas, químicas e biológicas. É esta a oportunidade de se corrigir a fertilidade do solo, sempre tomando o cuidado de levar em conta a orientação técnica e construir aquele terraço de base larga em nível que está faltando numa coxilha. É claro que um agricultor não vai melhorar as condições de seu solo apenas corrigindo a acidez e construindo terraços. É todo um conjunto de técnicas que envolvem desde o sistema de plantio direto, rotação de culturas, cobertura de solo no inverno, subsolagem, a não queima de resteva, redução do trânsito de máquinas na lavoura, entre outras.

Todo o mundo sabe que, considerando o custo do dinheiro, qualquer operação dentro da lavoura, anda pela "hora da morte", mas, em se tratando de solo, qualquer investimento tem o seu retorno, que pode ser medido não apenas pelo aumento de produtividade na lavoura, como também pela melhoria, a médio prazo, das condições do solo.

Levando as contas na ponta do lápis, o produtor vai sentir que construir um terraço de base larga em nível não custa tão caro assim como parece. Num quilômetro de terraço — que pode ser construído em 7 horas de trabalho — ele vai gastar em torno de NCz\$ 67,42, segundo os custos levantados pelo Sérgio Dalepiane. Como um quilômetro de terraço de base larga ocupa uns 3,5 hectares de lavoura, as despesas gastas em cada hectare trabalhado vão ficar em NCz\$ 19,26.

As despesas maiores, no caso da construção do terraço, ficam mesmo por conta das operações envolvendo o trator e o terraceador, totalizando NCz\$ 9,25 por hectare. O custo de locação do terraço, para cada hectare é de NCz\$ 0,76 e o trabalho do trator, realizado neste mesmo tempo, fecha em NCz\$ 7,39, conforme mostra a tabela anexa.

**TRIGO**

# Os prejuízos do atraso

Triticultores de Santo Augusto reclamam do atraso do dinheiro, mas confirmam vontade de continuar plantando trigo

A falta de recursos para comprar o restante da safra de trigo colhida no ano passado deixou na mão 214 agricultores de Santo Augusto, que só puderam ver a cor do dinheiro dias atrás. Entre esses agricultores, encontrava-se o seu Aldinei Sperotto. Mas ele, a exemplo do Adão Ciotti, não está esquentando a cabeça com os problemas que aconteceram com a comercialização do trigo no ano passado. Ele havia plantado 140 sacos de sementes, com recursos próprios e, para este inverno, pretende plantar 200 sacos. Novamente não pretende recorrer ao banco para plantar. "Sempre tenho semente em casa e, sou de opinião de que o que colher, é lucro. Pior é deixar a terra descoberta", diz o proprietário de 130 hectares de terra distribuídos entre São Pedro, no município de Coronel Bicaco e Pinhalzinho e Pedro Paiva, em Santo Augusto. Também vai aumentar a área com aveia.

A reclamação do seu Aldinei não fica para o atraso no recebimento do dinheiro do trigo, "pois na ocasião não estava precisando de dinheiro". Ele reclama mesmo é do preço. "Este sim ficou ruim. Quem conseguiu vender em novembro, pegou melhor preço de quem só vendeu no início de abril e pegou, limpo, pouco mais de NCz\$ 8,00 pelo saco". Diz que por esse preço, quase era melhor ter deixado o trigo para os porcos. Teria ganhado mais dinheiro.

## DINHEIRO PARA A CASA

A situação de João Juez Posatto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Augusto, ficou danada de ruim com o atraso do dinheiro do trigo. Ele não tem terra e plantou trigo em 5 hectares de lavoura de propriedade da sogra, onde colheu 60 sacos. Entregou toda a produção na unidade da Cotrijuí de Chiapetta e, só não recebeu o dinheiro em fins de novembro porque houve um atraso na transferência das notas. Mas mesmo assim, confiando na virada da OTN e conseqüentemente num melhor preço, atou um negócio para comprar uma casa. Sem recursos e sem querer perder o negócio da casa, arrumou um pouco de dinheiro na cooperativa — NCz\$ 200,00 hoje. "Para mim, lamenta ele, este atraso representou um grande prejuízo. Deixei todo o dinheiro que recebi da venda do trigo, no início de abril, na própria cooperativa para pagar umas contas, mas ainda nem fui ver em quanto anda a dívida do empréstimo".

Possatto tem certeza que essa política do governo vai afastar muitos agricultores da cultura do trigo. "Eu, por exemplo, não vou plantar trigo neste inverno. Estou totalmente descapitalizado. Não consegui fazer nenhuma receita. Apenas prejuízos. E quem vai querer vender a soja a NCz\$ 14,00 o saco para plantar trigo a pouco mais de NCz\$ 8,00?, pergunta ele.

## MUITOS PREJUÍZOS

O seu Luiz Carlos Pommer, proprietário de 44 hectares em São Pedro, plantou, junto com os filhos Luís Carlos, Valdir e Reinoldo, 15 hectares de trigo por conta. Colheu 200 sacos e vendeu 50 em novembro, deixando o resto para dezembro, mas só recebeu no início de abril. Resultado: as dívidas só cresceram. "Ficamos devendo o



Reinoldo Pommer

Jorge Rocha

João Possatto

Aldinei Sperotto

Nelson Schrelber

óleo nos postos, porque no vencimento da conta não tínhamos dinheiro para pagar", conta o filho Reinoldo. A solução foi buscar dinheiro na cooperativa. A situação só não ficou pior porque a lavoura não era financiada, mas para plantar a soja, tiveram que recorrer ao banco e financiar metade da lavoura. Também usaram todo o dinheiro da poupança, que vinha sendo reservada para as despesas da casa. "Passamos por um grande aperto", diz Reinoldo, obrigado a desistir do consórcio de um carro, porque não existia dinheiro para pagar as prestações.

O dinheiro que os Pommer receberam em abril, por conta do restante do trigo, serviu para pagar as contas ainda penduradas, "mas não deu para reaver as perdas. Foi um dinheiro que ficou parado, desvalorizando e que ainda nos levou a fazer mais dívidas", lamenta Reinoldo, referindo-se ao financiamento de parte da lavoura de soja. Para este ano, estão pensando em plantar uma área menor de trigo, "mas sem muito investimento. O preço está muito ruim e a questão da privatização ainda continua pendurada. O trigo é uma planta cara e arriscada para tantas indefinições, reclama prevendo maus momentos para os triticultores, caso o governo decida cair fora da comercialização do produto. "Nas mãos dos moínhos, a situação não vai ficar fácil".

O Jorge da Silva Rocha já decidiu: este ano vai trocar o trigo pela aveia. A decisão não é só por causa do talagaço que levou com o trigo no ano passado. Ela tem muito mais a ver com a necessidade de fazer rotação de culturas. "Vou calcariar a terra e plantar aveia para incorporar. Só volto a plantar trigo ano que vem", diz ele.

Proprietário de 10 hectares em São Jacó, Santo Augusto, o Jorge plantou toda a área com trigo e colheu 170 sacos. Deixou para liquidar em dezembro 60 sacos, dinheiro que pretendia aplicar na compra de mais um pedacinho de terra. Perdeu o negócio e ainda ficou devendo. "Se tivesse vendido

tudo em novembro, o dinheiro daria para pagar as contas e ainda podia sobrar algum troco".

## AS CONTAS ATRASADAS

A conta da máquina que colheu o trigo e as despesas com óleo no posto de gasolina, feitas por Nelson Schrelber no final do ano passado, só foram quitadas dia destes. Ele não tem terra própria, mas planta com o pai, em 30 hectares e arrenda mais 10, em São Jacó. Plantou ano passado 37 sacos de semente e colheu 198 sacos de produto. Vendeu metade em novembro e a outra metade em abril deste ano. Pelos 99 sacos recebeu um total de NCz\$ 837,00, que usou para pagar as contas penduradas.

No final do ano passado, na expectativa de receber o dinheiro, o Nelson mandou recapar os dois pneus trazeiros do trator. Para pagar, pegou NCz\$ 200,00 emprestados na cooperativa. Em janeiro pegou mais NCz\$ 80,00 para pagar a capina na lavoura de soja. Dois meses depois, com medo de que a dívida crescesse muito, ele vendeu 70 sacos de soja, ainda na lavoura, para saldar seu compromisso na cooperativa. Para manter a casa, ele e a mulher, a Jeane, foram trabalhar de péão, capinando lavouras pelas redondezas. Mas hoje, fazendo as contas, o Nelson só vê prejuízos. "Os 70 sacos de soja verde que vendi, me representam hoje mais 50 de prejuízo", lamenta ele, dizendo que pelo atraso, o preço do trigo não podia valer menos de NCz\$ 14,00 o saco. Plantou a soja por conta, porque tinha semente em casa, "sem usar um quilo sequer de adubo que não tinha dinheiro para comprar". E banco só enalacra ainda mais o pequeno produtor".

Neste inverno o Nelson está planejando plantar uns cinco sacos de semente de trigo. Não vai plantar uma área maior por duas razões: não tem área apropriada para a cultura e nem recursos suficientes para comprar semente.



Adão Ciotti: cultura viável

## Apostando sem medo

"Vou investir no trigo neste inverno", destaca Adão Ciotti, um agricultor proprietário de 10 hectares de terra e arrendatário de outros 50 hectares localizados em São Pedro, interior do município de Santo Augusto. "Estou planejando plantar uns 60 hectares, diz ele pretendendo financiar a área permitida pelo banco, fazendo o restante da lavoura com recursos próprios. Nem um pouco preocupado com a política de desestímulo do governo para a cultura, Adão está mesmo é apostando nas próximas eleições presidenciais que acontecem ainda este ano, no mês de novembro e na figura do novo presidente. Prefere dizer que a falta de recursos para a comercialização do trigo, foi um fato isolado e que, em parte, tem a ver com o envolvimento dos constituintes na elaboração da nova Constituição. "O trigo, além de uma opção de inverno, é uma cultura rentável e que sempre deu certo. O que não podemos é nos assustar", avisa, convidando os demais agricultores a continuarem plantando o cereal.

A história do Adão Ciotti é a mesma dos outros 213 agricultores do município de Santo Augusto que só puderam liquidar o trigo plantado no ano passado, dias atrás. No ano passado, ele plantou 27 hectares financiados, colhendo 596 sacos. Não quis liquidar o produto em fins de novembro, na expectativa de pegar um preço melhor com a virada da OTN. Foi o seu azar.

"Passei por uma situação bastante espremeida", conta ele, obrigado a recorrer a cooperativa para poder saldar seus compromissos com fornecedores e pagar a capina da lavoura de soja. Para levar as despesas da casa, Adão, que tem maquinário próprio, tratou de colher para terceiros. "Foi o jeito que encontrei para levar a situação", e cobrir o descaixe que a falta da receita do trigo ocasionou".

Pior que a falta de recursos para comprar a produção dos triticultores, segundo Adão, foi o preço pago pelo produto. Conta que se tivesse vendido a sua produção em dezembro, teria pego um preço ao redor dos NCz\$ 7,00 por saco, "o que teria dado para cobrir o financiamento junto ao banco". Com NCz\$ 9,00 por saco, ainda ficou com um saldo devedor junto ao banco no valor de NCz\$ 1 mil e 300 "que preciso liquidar em 45 dias".

# O melhor é plantar

Mesmo que os VBCs sejam desanimadores e totalmente incompatíveis com os custos de produção, que o preço seja considerado uma "vergonha" e que a comercialização continue sem regras definidas, ainda assim é preciso continuar plantando trigo. Pior é deixar a terra nua, sem cobertura. Jogar fora todo um trabalho que a pesquisa vem fazendo na busca de variedades mais resistentes às doenças ou ainda fazer o jogo do governo, reduzindo a lavoura e abrindo espaços para o livre trânsito do produto argentino.

O que plantar no inverno, na verdade, tem sido uma das grandes preocupações dos agricultores. Para os associados da Cotrijuí na Pioneira, é oferecido, a cada ano, uma proposta objetiva, "procurando proporcionar alternativas para o uso racional da propriedade rural, seja através da utilização de espécies que possibilitem a produção de grãos, de pastagens, rotação de culturas ou ainda que visem a conservação e recuperação do solo", observa o agrônomo e supervisor da área de Sementes da cooperativa na região, Décio Luís Cassol. E, entre outras opções, os associados encontram, além do trigo, as aveias, o azevém, a colza, o tremoço, os trevos, o alho, entre outras espécies.

## TRIGO: MUITAS VARIEDADES

Para quem ainda continua apostando na cultura e, inclusive pretende aumentar a área de lavoura, a Cotrijuí está colocando grande quantidade de sementes de cultivares recomendadas pela pesquisa. Mas em maior volume, a disponibilidade fica por conta das variedades CEP-14 — de ciclo tardio — e a CEP-11, de ciclo precoce. As variedades CEP-21, CEP-19 e CEP-17 e ainda a BR-23, estão com suas disponibilidades limitadas e, deverão ser destinadas ao quadro de produtores de sementes fiscalizadas e certificadas da Cotrijuí para multiplicação.

Mas plantar trigo, não significa apenas soltar a semente na terra e esperar que São Pedro toque a lavoura. Seguir as recomendações da pesquisa é fundamental para se alcançar bons níveis de produtividade. E, entre estas recomendações, o Cassol destaca dois pontos que merecem a atenção dos produtores: a rotação de culturas e a diversificação de cultivares. "O produtor não pode se restringir a plantar apenas um material", salienta o agrônomo, destacando a importância de usar mais do que uma variedade para diminuir os riscos com problemas de doenças. Ele também recomenda o uso do adubo, a observância da época ideal de plantio para cada cultivar e os tratamentos com fungicidas, quando necessário, que devem ser sempre de acordo com a orientação técnica.

riedade, a CEP-14, por ser de ciclo longo e suscetível ao ataque de ferrugem, deve ser semeada entre 10 a 20 de maio, conforme observações feitas nos últimos anos.

## BOAS PERSPECTIVAS

Ao contrário do que acontece com o trigo, as aveias atravessam bons momentos. O bom desempenho da cultura na safra passada não é fruto apenas das boas condições climáticas ocorridas, mas também resultado de um grande trabalho de pesquisa, "definindo uma tecnologia apropriada, conseguiu-se desenvolver cultivares de alto potencial produtivo". Além desta característica, o Cassol cita o fator qualidade do grão, o elevado PH, possibilitando melhor remuneração comercial pelo aproveitamento do grão na alimentação humana.

Para os produtores de aveia, a Cotrijuí dispõe das cultivares UPF 8, UPF 11, a UPF 7 e a UFRGS, 7, 8, 9, 10, 11 e 12, e ainda as linhagens do CTC. "São cultivares e linhagens que respondem muito bem à tecnologia, proporcionando alta produtividade e qualidade do grão".

## OUTRAS OPÇÕES

A colza, uma cultura ainda bastante questionável em função dos problemas que apresenta na hora da colheita, destaca-se pelo seu agressivo sistema radicular, capaz de provocar o rompimento das camadas compactadas, permitindo uma maior infiltração da água da chuva e, conseqüentemente, reduzindo a erosão do solo. É excelente para rotação, principalmente quando anteceder a cultura da soja. As cultivares desenvolvidas no CTC ainda são as mais recomendadas.

A cultura da fava é importante por dois aspectos: rotação de culturas e produção de grãos para aproveitamento na ração animal. Trabalhos de pesquisa comprovam sua eficiência como componente de rações, permitindo uma redução em seus custos através da utilização de seus grãos. Entretanto, lembra Cassol, deve-se evitar o seu cultivo em ano sucessivos na mesma área no sentido de se evitar o surgimento de doenças.

Depois de muitos anos marginalizado, a pesquisa lançou um novo material de centeio: é a BR-1, uma cultivar de duplo propósito, capaz ainda de alcançar uma boa produtividade de grãos após um período de pastejo. A cultivar é de ciclo curto e possui elevada resistência a ferrugem. O tremoço também vive uma nova situação. Graças um trabalho de limpeza do material existente, conduzido no CTC, já é possível, segundo o Cassol, oferecer aos produtores uma semente livre de problemas de doenças, como a antracnose. A Cotrijuí dispõe de boa qualidade de semente da cultivar precoce original.

## CEP 21-Campos a nova cultivar

A cultivar CEP 21-Campos está sendo lançada pelo Centro de Experimentação e Pesquisa Fundacep/Fecotrigo com plantio recomendado para todo o Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde também participou da rede oficial de experimentação durante mais de três anos. A disponibilidade de sementes da nova variedade, colocada à disposição dos triticultores gaúchos e catarinenses é de 28.056 sacos. Os associados da Cotrijuí vão contar com uma disponibilidade de 4.400 sacos de semente, que deverá ser multiplicada a nível de lavoura.

A CEP-Campos é uma cultivar de ciclo precoce, muito semelhante em suas características agrônomicas e capacidade produtiva, à CEP-19. É resultante de três conjuntos de variedades — duas delas são brasileiras, uma é americana de inverno e outra variedade mexicana. A primeira geração foi conduzida no México, em 78/79, no Centro Internacional de Melhoramentos de

Uma nova era na pesquisa. Assim, Luiz Pedro Bonetti, pesquisador e diretor do Centro de Experimentação e Pesquisa Fundacep/Fecotrigo classificou o ato de lançamento da nova variedade de trigo que leva o nome CEP 21-Campos, numa homenagem a memória, ao trabalho e ao esforço do pesquisador Alfeu Euzébio de Campos, falecido no ano passado e que, durante 18 anos, esteve ligado ao Centro. "Esta homenagem representa a saudade do colega", disse ainda Bonetti lembrando às autoridades que a pesquisa está cumprindo com a sua parte. "Fica com as lideranças a defesa da cultura e a responsabilidade para que as coxilhas desse Rio Grande continuem com trigo". O lançamento da nova variedade aconteceu no CEP, em Cruz Alta, no dia 21 de abril e contou, entre outras, com a presença do presidente e vice-presidente da Fecotrigo, Odacir Klein e Rui Polidoro Pinto.

Milho e Trigo. Esse material foi trazido de volta ao Brasil, para o CEP de Cruz Alta onde os trabalhos foram conduzidos até a 6ª geração, quando foi formada a linhagem CEP 83117.

Já no primeiro teste a CEP 21-Campos despontou com alto potencial produtivo, superando os 4.000 por hectare a nível experimental. Mas ao longo dos cinco anos de pesquisa posterior — ela foi avaliada em todas as regiões tritícolas do Estado — apresentou uma média de produtividade de 14 por cento acima das melhores variedades atualmente em cultivo, "demonstrando desta forma, seu alto potencial produtivo", assinala Luiz Pedro Bonetti. Alguns experimentos, como os conduzi-

dos no município de Não-Me-Toque, alcançaram 4.400 quilos por hectare. Mas na média geral, os rendimentos variaram entre 2.800 a 4.000 quilos por hectare.

É uma variedade que apresenta elevada resistência às principais doenças do trigo, como a ferrugem e o oídio, "dispensando a preocupação dos produtores em, já no início do plantio, ficarem na dependência de aplicação de fungicidas", destaca o pesquisador. É ainda moderadamente resistente à ferrugem do colmo, à septória da folha e da gluma.

A CEP 21-Campos é a 21ª variedade desenvolvida pelo Centro de Experimentação e Pesquisa Fundacep/Fecotrigo.



PROTEGER A ESPIGA SEM DELSENE® DÁ MUITO TRABALHO.

Com DELSENE® e um pouquinho de trabalho, você tem as espigas do seu trigo protegidas. DELSENE® é um fungicida sistêmico e protetor que age imediatamente por tempo prolongado. DELSENE®: a maneira mais eficiente e menos trabalhosa de proteger suas espigas.

**DELSENE®**  
O FUNGICIDA DA ESPIGA

**DU PONT**  
MARCA REGISTRADA

# O caminho da diversificação

E aí está a integração lavoura-pecuária, novamente chamando a atenção de muitos produtores da região. Esta idéia que muito bem se confunde com a da diversificação, tem origem num antigo projeto da Cotrijuí Pioneira, que já visava a ocupação da terra ociosa com pastagens melhoradas do solo. De lá para cá, essas forrageiras vêm sendo testadas ano a ano pela produção, ao mesmo tempo em que o trigo já não se apresenta como a única cultura de inverno. É nesse contexto, e contando com expressiva oferta de pastagens, que a Cotrijuí Pioneira inicia mais um programa cooperado: o de terminação de bovinos de corte em rotações curtas, com o objetivo de consolidar mais uma alternativa de renda ao produtor da região, e aliviar as pastagens naturais da fronteira.



Gado mais forrageira cultivada: uma integração pioneira

Todo ano, ao se aproximar o inverno, o produtor da Região Pioneira da Cotrijuí, começa a pensar no plantio, pesando duas culturas: a do trigo e das forrageiras, que tanto podem servir como pastagens, como para incorporação direta ao solo. Esta prática, embora não seja muito antiga, vem se consolidando ao longo de quase 15 anos, desde a época em que, pela primeira vez o gado bovino começou a voltar para a região, através de uma tentativa de recuperar a terra desgastada pelo contínuo processo de monocultivo.

## O PRIMEIRO PROGRAMA

Criado em 1973, o primeiro programa de pecuária de corte, baseado na produção de novilhos jovens, trazia um objetivo definido de lançar a prática de rotação de culturas no inverno, com várias espécies de forrageiras. Apesar do curto espaço de tempo que vigorou, esse primeiro programa deu a arrancada definitiva para outros programas de diversificação, e principalmente para a pesquisa em forrageiras, através da criação do Centro de Treinamento da Cotrijuí três anos mais tarde.

"A pecuária também entrou na ótica de viabilização da propriedade", afirma o gerente de produção vegetal da Cotrijuí Pioneira, João Miguel de Souza, lembrando que a falta de expressividade alcançada nessa primeira tentativa, ocorreu em função de "um fator bem concreto", da concorrência que a criação feita em rotação longa apresentava a lavoura de verão, usada intensamente pela soja.

Mas se essa competição foi determinante para o programa de novilho jovem, também possibilitou em curto prazo, o surgimento de outras atividades, viabilizadas a partir da produção de forrageiras.

A primeira delas foi a pecuária leiteira, que dois anos após o programa de pecuária de corte, se estruturou em larga escala pelos campos da região, trazendo uma alternativa de renda mensal para o produtor. Em seguida veio a suinocultura, a piscicultura e a avicultura, que ganharam durante esses anos todos um espaço na pesquisa e produção.

## GADO EM ROTAÇÃO CURTA

Como um impulso recíproco, todas as atividades, contabilizadas ano

a ano em relação ao trigo, propiciaram um aumento gradativo da área de forrageiras. Somente nos últimos cinco anos, essa área que há quinze anos era praticamente inexistente, cresceu numa proporção de 10 por cento, podendo neste inverno subir para os 50 por cento. E claro que aqui entra uma boa dose de descrédito em relação ao trigo, devido as incertezas que cercam a sua comercialização, mas principalmente pelo atraso da última parcela que fez muita gente engasgar de juro.

Ainda assim, a forrageira tem provado a conquista do seu espaço, especialmente no ano passado, quando cobriu 40 por cento da terra e proporcionou a volta da pecuária de corte, através de um programa lançado recentemente pela Cotrijuí Pioneira. Dessa vez, sem se apresentar como uma atividade competitiva à lavoura de verão, ela está sendo implementada pela terminação de bovinos magros, oriundos da fronteira, que deverão ser produzidos em rotações curtas, nas quais o gado pode ser terminado num prazo mínimo de 60 e num prazo máximo de 120 dias.

Apresentando um peso mínimo de 300 quilos na origem, estes animais terão todo o ganho de peso adquirido nas propriedades da região, dividido

entre o proprietário do gado e o associado, numa proporção de 30 e 50 por cento. Os 20 por cento restantes são destinados a cooperativa, para a manutenção dos serviços de transporte e acompanhamento técnico, desde a origem até a comercialização.

## AGROINDUSTRIALIZAÇÃO

"O projeto cooperado de terminação de bovinos concretiza um grande sonho do Rio Grande do Sul", diz ainda João Miguel, lembrando programas anteriores da Secretaria de Agricultura do Estado em trazer para a região, o gado da fronteira, que possui uma das melhores pastagens naturais do mundo, mas que é muito castigado no inverno, quando o seu desempenho é prejudicado. Dessa forma, continua o agrônomo,

o programa permite uma redução do índice de mortalidade dos campos da fronteira e um aumento nos índices reprodutivos, no momento em que diminui a lotação das pastagens naturais.

Por outro lado, acentua João Miguel, o programa bovino traz a possibilidade de mais uma fonte de renda ao agricultor através da carne, sem comprometer os aspectos ligados a conservação do solo, e alinhava ao mesmo tempo mais um suporte para a agroindustrialização, ampliada agora pelo projeto de frigorífico da Região Pioneira. Se é certo que para produzir animais é preciso plantar o grão que os sustenta, também é necessário, na mesma medida, superar uma distância entre a produção e a comercialização do produto local, finaliza João Miguel.

## AS LAVOURAS DE INVERNO NA COTRIJUI PIONEIRA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

CULTURAS	ANOS				
	85 área (ha)	86 área (ha)	87 área (ha)	88 área (ha)	89 área (ha)*
Forrageiras (aveia, ervilhaca, azevém, linhaça, colza, centeio, tremoço e trevos)	34.084	50.295	71.645	84.893	— 0 —
Trigo	82.700	131.300	102.150	129.000	— 0 —

\* Área de plantio no inverno de 89, ainda sem previsão definitiva

## Apoio a um antigo projeto

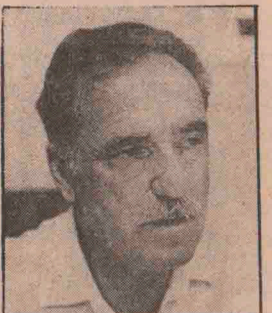
O fortalecimento da integração lavoura-pecuária chega também num momento em que a Cotrijuí Pioneira começa a dar os primeiros passos para a concretização de um antigo projeto industrial, de instalar um frigorífico próprio na região. Discutido há vários anos pelo quadro social e a direção da Cooperativa, o frigorífico passa agora a receber um estudo, depois que uma área de 21 hectares localizada na RS 155 foi adquirida pela Cotrijuí, no mês passado.

"O projeto do frigorífico, por enquanto, é uma intenção de ampliar a pecuária junto às propriedades da região, como uma alternativa de renda, baseada nos recursos de pastagens existentes na região". A afirmação é do vice-presidente da Regional Pionei-

ra, Celso Bolivar Sperotto, para quem a Cotrijuí, pretende, num futuro próximo, responder através da indústria a todo o potencial de matéria-prima na área de atuação da Cooperativa.

Neste potencial, segundo o vice-presidente da Cotrijuí, estão incluídos não somente os animais de corte, como também o aproveitamento do descarte proveniente da bacia leiteira para embutidos, além do peixe, cuja produção está crescendo na região. A operacionalidade desse empreendimento está sendo estudado através de um levantamento de potencialidades de produção e comercialização de todos os municípios onde a Cotrijuí atua, a fim de se complementar uma tendência de industrialização, já confirmada em outras atividades.

Visando a instalação de uma estrutura moderna que introduza na região um novo sistema de embalagem do produto animal, o projeto do frigorífico vem se somar a uma idéia de diversificação que permita ao produtor e a Cooperativa, sobreviver às eventuais frustrações da safra. "Os exemplos da safra passada, lembra Celso Sperotto, reafirmam essa idéia, na medida em que muitos produtores ultrapassaram a queda na produção de soja, devido a alternativa de comercialização de outros produtos agropecuários".



Celso Sperotto



Do novilho precoce à terminação em lotações curtas, passaram-se quinze anos em que as forrageiras perenes ou temporárias têm demonstrado o seu valor para o solo e para os rendimentos de produção animal.

**FORRAGEIRAS**

# A cobertura decisiva...

Pouca gente tem dúvida que a integração da lavoura-pecuária ganhe força neste inverno em que o plantio de trigo já promete uma redução considerável na área. O seu fortalecimento, no entanto tem uma razão mais antiga, da época em que a Cotrijuí Pioneira repassava aos associados terneiros adquiridos em feiras. A primeira compra desses animais aconteceu em 1975, o que levou alguns produtores a formar um pedaço de pastagens, principalmente nas áreas que tradicionalmente ficavam descobertas.

Três anos mais tarde essa idéia de cobrir o solo com culturas se tornava uma proposta concreta através do surgimento do CTC, que começou a incrementar a integração da lavoura-pecuária, partindo de trabalhos essencialmente conservacionistas. Em 1977, inicia-se então, o trabalho pioneiro do Novilho Precoce, que procurava avaliar as forrageiras que melhor responderiam a produção de carne e às necessidades biológicas do solo, conciliando assim, os aspectos técnicos e econômicos da criação de animais à base de pastagens.

**NOVILHO PRECOCE**

Os primeiros resultados desse trabalho foram comprovados em seis anos de pesquisa, nos quais, os animais foram alimentados três anos com aveia e avevém, no inverno, e milho no verão, tendo a inclusão dos trevos (branco, vesiculoso Yuchi e o subterrâneo Clare) nos três anos seguintes. Desse trato, onde a inclusão dos trevos pouco diferenciou as médias finais e no qual o gado foi loteado em 2,7 animais por hectare, se comprovou o sucesso do sistema de engorde em pastagens, uma vez que o ganho médio de peso vivo anual por hectare alcançou os 773 quilos, enquanto o GPM diário foi de 673 gramas considerando os 12 meses do ano.

O trabalho desenvolvido com o novilho precoce demonstrou ainda os ganhos econômicos, através da comparação entre o custo de produção de um hectare de trigo ou de soja e um hectare com novilho. Nesse ponto, o hectare coberto com pastagem perene, por exemplo, teve um custo aproximado ao da soja e do trigo no primeiro ano, e passou, nos anos seguintes a superar o monocultivo.

Ao mesmo tempo em que comprovava os resultados econômicos da criação de novilhos precoce sobre pastagens consorciadas, o CTC mantinha um outro trabalho ainda mais apurado, que era o de demonstrar a redução de custos desse tipo de criação, quando o gado fosse alimentado somente com pastagens cultivadas e sem suplementação energética. Realizado em praticamente um ano, este trabalho foi decisivo para a consolidação da aveia preta como sendo a melhor alternativa para pastagens, devido ao seu valor nutritivo e a sua capacidade de proteção ao solo.

A aceitação da aveia ocorreu através de resultados que apontaram melhor rendimento de produção e industrial (carcaça), já que os animais que pastejaram tiveram um GPM diário de 1.068 gramas por novilho, durante 112 dias de utilização, além de que,

quase 90 por cento dos novilhos trabalhados atingiram os pesos previstos de abate num prazo médio de até um ano após sua aquisição.

**A MELHOR OPÇÃO**

Todos esses resultados obtidos pelo novilho precoce seriam revisados mais tarde quando a pecuária de corte, em rotações longas, foi inviabilizada de um modo geral, para a pequena propriedade.

Aos resultados econômicos que ganhava a produção, se colocava o peso decisivo dos juros no bolso do produtor, restringindo o aproveitamento das forrageiras à pecuária de leite.

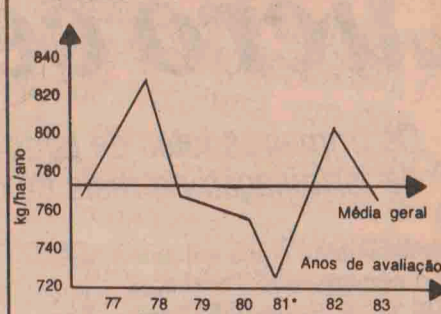
Mas, se a criação de novilhos não ganhou uma escala maior dentro das propriedades da região, as lavouras de inverno, por sua vez, mudaram aos poucos a sua paisagem, aumentando a cada ano uma área de pastagem necessária à cobertura vegetal do solo. Este espaço formado basicamente por aveia preta e ervilhaca passou a apresentar uma alternativa de alimentação durante o período de inverno, caso os animais fossem terminados nesse período.

Peso inicial (kg), ganho de peso médio (kg) de quatro lotes de bovinos pastejando aveia preta por um período de 98 dias. CTC, Augusto Pestana/RS

	Peso Inicial (kg)	Ganho de Peso Médio Diário (kg)
A - 24 animais A. Angus com 1,5 anos	288	0,905*
B - 13 animais Devon com 3,5 anos	290	1,59
C - 10 animais Hereford com 3,5 anos	310	1,37
D - 18 animais Nelore x Charolês c/4,5 anos	329	1,53
Média	304,25	1,35

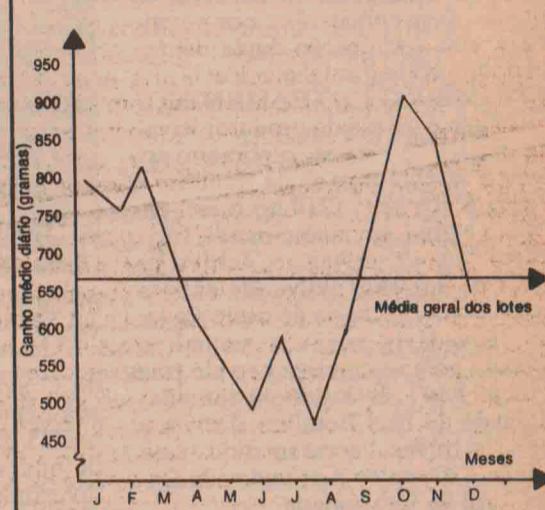
\* Não apresentou ganho de peso compensatório

Gráfico 1 - Rendimento de peso vivo kg/ha/ano em mistura de avevém e aveia no inverno e o milho com o feijão múdo no verão. CTC. Período de 1977 a 1983.



\* A partir do inverno de 1980, foram semeados junto com a aveia e o avevém os trevos branco e vesiculoso Yuchi e subterrâneo Clare.

Gráfico 2 - Média mensal de ganho de peso vivo (grama/dia) de sete lotes de novilhos, sobre misturas de avevém anual e aveia no inverno e milho com feijão múdo no verão. CTC. Período de 1977 a 1983



A partir do inverno de 1980 foram semeados com aveia e avevém os trevos branco, vesiculoso Yuchi e subterrâneo Clare

Baseado na rotina do manejo animal sobre pastagens, executado no CTC, o último trabalho em integração pecuária-lavoura se utilizou mais uma vez da aveia para comprovar o ganho econômico da forrageira na receita final da propriedade. Para isso se utilizou quatro lotes de animais, com procedência e características diferentes, dentro de um período de pastoreio de 98 dias, loteados numa carga de 2,56 animais por hectare, e apresentando um peso inicial médio de 304,25 quilos.

Como demonstra a tabela ao lado, todos os lotes, com exceção do primeiro, apresentaram um ganho de peso compensatório, já que durante os 98 dias de pastoreio, os três lotes alimentados com aveia preta obtiveram um GPM diário de 1,3 quilos.

## ...para ampliar as atividades

Da introdução e avaliação de várias cultivares de aveia branca e preta, O CTC mantém hoje 19 linhagens selecionadas, sendo a preta comum-RS, a mais utilizada na região. Como cultura anual de ciclo precoce, essa forrageira também ganhou o seu espaço pelo aproveitamento alimentar a uma atividade tradicional como a suinocultura. Em regime semi-extensivo ou confinados, os suínos responderam muito bem a aveia, como demonstra um trabalho realizado pelo CTC, onde a melhor conversão alimentar foi obtida pela maior inclusão de aveia na ração.

Em consequência dessas pesquisas surgiram outras experimentações com diversas forrageiras, utilizados em pequena escala na região, mas com ótimo aproveitamento comprovado pela produção. Uma delas é a fava, que já vem sendo experimen-

tado há vários anos pelo CTC em trabalhos de condução, que apontam uma contribuição de até 24 por cento na ração de suínos em crescimento e terminação.

**AVES E PEIXES**

Como a suinocultura, também a avicultura se serviu das forrageiras, quando a partir de 1983, iniciou-se várias experimentações com raças rústicas produzidas à base de pastagens, com o objetivo de determinar as espécies que melhor se adaptariam ao "pastoreio" direto das aves, e identificar as raças mais adequadas ao regime semi-extensivo. Dessa iniciativa, se mantém hoje, um trabalho em pesquisa e produção, onde as aves, principalmente da raça "carijó" (Plymouth Rock Barrada) são criadas em piquetes e têm como alimentação as forrageiras perenes Quicuío e Bermuda, recebendo

DESEMPENHO DE SUÍNOS COM AVEIA PRETA

PARÂMETROS	Porcentagem de aveia na ração (%)			
	0	15	30	45
Consumo de ração (kg/animal)	208,53	237,28	211,69	228,6
Conversão alimentar (kg)	3,306	3,567	3,516	3,662

no inverno uma sobre-semeadura de trevos e avevém. A lotação média das aves tem ficado em aproximadamente 20 metros quadrados por ave adulta.

Provando que o caminho da diversificação é muito amplo, a piscicultura também passou a ser incrementada na região. Desenvolvida desde 1979, essa atividade começou a introduzir espécies produtivas e

adaptadas às condições da região, através da multiplicação e distribuição de alevinos, de carpas principalmente, aos associados e terceiros.

Produzidas em sistema de policultivo, essas espécies comprovaram os seus ganhos econômicos um pouco mais tarde, quando a consorciação de peixes com aves e suínos, se torna uma prática rotineira na região, e já se estende para outras regiões do exterior.

# Lucro certo, com pouco gasto

Os primeiros lotes de gado magro da fronteira começam a chegar na região, trazendo uma expectativa de terminação de mais de cinco mil animais neste inverno.

Aproximadamente cinco mil animais. Esse é o número total de cabeças de gado, entre vacas vazias, bois e novilhos, que a Cotrijuí Pioneira, através da sua coordenação de pecuária, está pretendendo terminar neste ano, por meio do programa cooperado de bovino de corte. A estimativa otimista do setor pode ser explicada pelo grande número de produtores interessados em participar do programa, mas também pela boa situação de muitas lavouras de pastagens, bem conduzidas, que permitem até uma terminação dupla dentro do período máximo estabelecido.

## O PRIMEIRO LOTEAMENTO

Esse é o caso do produtor Rivadávia Batista de Freitas, o primeiro associado a receber o gado da fronteira e que possui nos seus 1214 hectares, em São João Mirim, no município de Jóia, um bom lote de pastagens cultivadas há mais de dez anos. Dividido entre a ovinocultura, a pecuária de corte e a lavoura, Rivadávia resolveu assumir o cooperado pela alternativa que ele traz "de lucro real", loteando na fazenda, 92 animais de raça Beerdin, Devon e Santa Gertrudes, apresentando uma média de 370 quilos, oriundos da Cabanha Azul de Uruguiana.

Para alimentar esses animais, o produtor conta com 350 hectares de aveia já em crescimento, divididas de forma natural como recomenda o manejo adequado. Além disso, Rivadávia já tem plantados outros 120 hectares de pastagens para substituir o trigo, deixado de lado este ano, principalmente em função dos atrasos do pagamento, mais uma parte roçada do campo natural, onde ele pretende fazer um plantio direto de aveia.

Com todo esse pasto, o produtor que ainda mantém um bom lote de cana como alimentação alternativa, está estimando a terminação dos animais num período menor do que o prazo mínimo estabelecido pelo programa cooperado, o que lhe coloca a possibilida-



Santa Gertrudes, Devon e Beerdin engordados em Jóia

de de fazer duas terminações neste inverno.

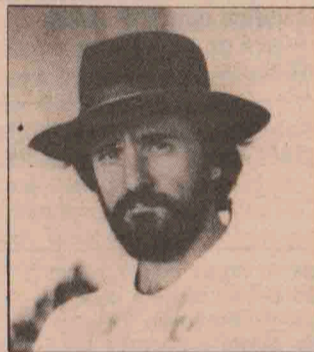
"Esse gado é muito bem tratado", avalia Rivadávia justificando a sua expectativa de terminar o lote em uns 45 dias e confirmando sua intenção de buscar um retorno real com poucos investimentos. O único gasto citado pelo pecuarista foi com as 10 toneladas de semente de aveia que teve de comprar este ano, porque todo o material produzido no ano passado ficou na lavoura, para ser incorporada como massa verde no solo onde plantou a soja.



Luiz Zanetti

## NOVA FONTE DE RECURSOS

Um outro produtor já inscrito no programa cooperado e que deverá receber um lote de gado nos próximos meses é Luiz Zanetti, proprietário de 120 hectares na localidade de Santa Lúcia, em Ijuí. Como muito produtor, Zanetti vem destinando uma boa área de terras às pastagens, a qual deve aumentar ainda mais neste inverno, já que de trigo ele nem quer ouvir falar, por enquanto. "Trigo não dá para plantar", diz ele meio enraivecido, mas



Luiz Fiorim



Rivadavia  
Batista de  
Freitas

complementando que "deixar a terra sem nada também não resolve".

Por causa dessa aversão ao trigo, muito esquentada pelo atraso do governo na última safra, o produtor que sempre plantou pastagens para fazer incorporação, pretende aumentar essa área, já que os 50 sacos de trigo em semente que ele tem guardados podem nem ser semeados.

Se isso acontecer realmente, a sua intenção de terminar o boi magro na fronteira certamente se realiza, afinal o produtor também já está acostumado com as lides da pecuária, embora mantenha apenas um pequeno rebanho de gado de corte e umas vacas leiteiras para o consumo. "Sempre gostei de lidar com o gado", diz Zanetti, calculando um lote de 35 a 40 animais, para quando a aveia estiver em condições de ser pastoreada, e explicando o seu interesse pela atividade. "É mais um dinheiro que entra", afirma o produtor ressaltando a sua importância, principalmente quando a soja falha".

## ANTIGA EXPERIÊNCIA

O produtor Luiz Fiorim, por sua vez, está decidido a fazer o cooperado de gado, porque além de manter um terço dos seus 113 hectares com pastagens, há mais de cinco anos, também já realizou uma experiência de terminação de bovinos, quando engordou vários animais oriundos de Tupanciretã.

"O lucro foi muito bom", lembra o produtor de Boa Esperança, Ijuí, que a partir daquela época passou a dedicar uma área maior a aveia e outras pastagens. Agora, inscrito no cooperado para terminar 25 animais, ele conta com 33 hectares de aveia preta, uma área suficiente para alimentar este novo rebanho.

Esse gado da fronteira, no entanto, só deve entrar para os piquetes das pastagens após pastoreio de mais ou menos 15 dias, sobre uma resteva de 10 hectares de sorgo. Isso porque, explica Fiorim, evita possíveis distúrbios gástricos, como a diarreia, a estes animais não acostumados com a nova pastagem.

## MANEJO

# Lotação moderada é mais segura

Manter a alimentação adequada dos animais, através de uma massa de forrageiras que contemple também os aspectos da conservação do solo. Essas são, em síntese, as principais idéias que fazem o manejo correto de bovinos do sistema cooperado, possibilitando maior segurança de rendimento já comprovada pela pesquisa e produção.

Com um loteamento máximo de 100 animais por produtor, o programa aponta em primeiro lugar, a distribuição adequada de animal por área de pastagem, baseado em vários testes já desenvolvidos pelo CTC. De acordo com João Miguel, os resultados desses trabalhos têm demonstrado que se pode até trabalhar com 2,5 animais por hectare, porém, colocando em risco os aspectos de conservação exigidos pelo solo. Por isso, o mais recomendado é a lotação moderada, de até 1,5 animais por hec-

tare, diz o agrônomo, levando em conta o peso final de cada animal em cerca de 450 quilos, o que proporciona um ganho de peso médio diário de mais de um quilo por animal.

O uso da lotação moderada também é reforçada pela necessidade do manejo, a quem utilizar a aveia preta e estiver interessado em aproveitar o grão para comercializar ou para alimentação alternativa de suínos e gado leiteiro. Como os animais podem estar prontos em fins de agosto ou início de setembro, o produtor, caso mantenha a lotação moderada, pode colher em torno de 200 a 300 quilos de grãos por hectare.

## DIVISÃO DAS PASTAGENS

A melhor maneira de conduzir a lotação moderada é antes de mais nada se certificar da época certa de largar o gado nas pastagens, ou seja, quando a aveia preta ou o cen-

teio estiverem com uns 30 centímetros de altura. A indicação dessas duas forrageiras é feita em função do seu ciclo precoce, pois outras como aveia poderiam atrasar a terminação dos animais e aí sim competir com a lavoura de verão.

Mas, o manejo correto do pastoreio implica ainda em uma outra prática, não muito inédita, principalmente para os produtores de leite. É a divisão da área de pastagens com no mínimo quatro piquetes, que promove o melhor aproveitamento do pasto, facilita as práticas de conservação do solo e produção de grãos. Para instalação desses piquetes, o produtor pode utilizar cercas convencionais ou elétricas, sendo as primeiras mais recomendadas para os animais do projeto cooperado, que não estão mais muito habituados às outras cercas.

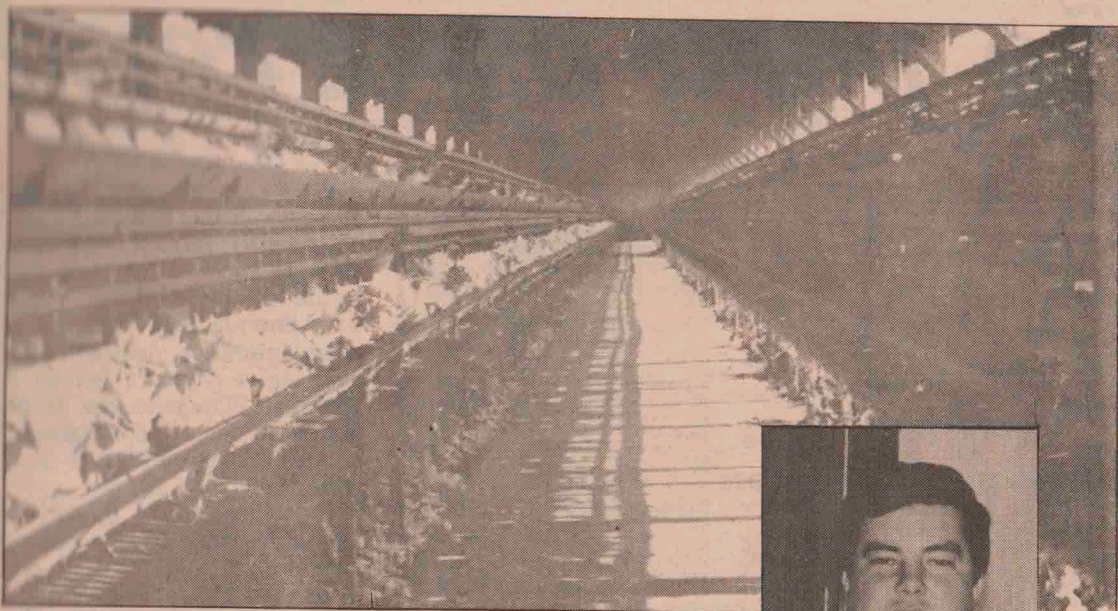


**COTRIEXPORT — CORRETORA  
DE SEGUROS LTDA.**

PARA SEGUROS DE:  
Incêndio — Veículos — Vida  
Acidentes Pessoais — Residenciais  
e outros

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513  
Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos,  
342 - 5º andar - Fone 33-50-32

# Fomento à avicultura



O projeto prevê o abate diário de 16 mil frangos

Será implantado até o final deste ano na Regional de Mato Grosso o projeto integrado de avicultura, um dos programas mais ambiciosos da cooperativa no Mato Grosso do Sul. Pela sua complexidade vai exigir recursos de grande monta, além de uma organização perfeita e uma participação constante dos associados envolvidos no trabalho.

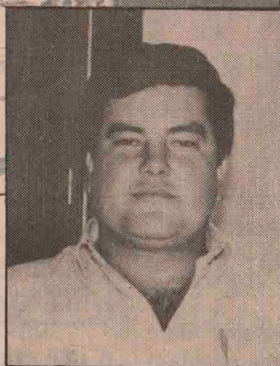
O projeto pode ser dividido em duas partes: a área de abate dos frangos em frigorífico a ser constituído pela cooperativa e a área de fomento, na qual a Cotrijuí vai viabilizar ao associado a criação de frangos de corte. Um estudo criterioso de elaboração do programa detectou que os proprietários que fornecerão a matéria-prima para o abatedouro, deveriam estar localizados num raio de 60 quilômetros tanto do frigorífico como também da fábrica de ração da cooperativa. Desta forma ficou definido que a estrutura de abate será construída no município de Dourados e mais especificamente onde se localiza o seu distrito industrial, atendendo aos requisitos de distância para racionalizar o custeio de transporte.

Atualmente o consumo de frangos no Mato Grosso do Sul é de aproximadamente quatro quilos per capita ao ano, abaixo da média nacional

que se situa na faixa dos 12 quilos por pessoa. Esta demanda é abastecida por outros Estados como Goiás, porque não existe produção própria no Estado. Desta forma a cooperativa vai inicialmente abastecer o mercado interno, destinando 30 por cento à sua rede de mercados e o restante será distribuído em outros pontos de venda.

Inicialmente está previsto o abate de 16 mil frangos por dia, o que significa apenas 33 por cento da capacidade total do abatedouro que funcionará no início com um único turno de oito horas, já estando prevista a ampliação para três turnos. Como a produção inicial de sete mil toneladas fica abaixo da demanda do Estado, que é de 10 mil por ano, a cooperativa calcula que o aumento da produção logo será necessário, pois espera um aumento no consumo estadual e poderá repassar ao consumidor o produto com preços bastante competitivos no mercado, podendo no futuro abastecer outros Estados da região Centro-Oeste.

Mas além do frango resfriado, inteiro ou em cortes, outros produtos serão obtidos no abatedouro. O abate diário de 16 mil frangos fornecerá cerca de mil quilos de farinha de penas e sangue, e mil quilos de farinha de vísceras,



José Carlos Wypczynski

que serão utilizados na composição de rações e concentrados da fábrica de rações da cooperativa. Também serão obtidos diariamente em torno de 270 quilos de óleo de frango, que terão como destino as indústrias químicas, de cosméticos e de sabão, localizadas principalmente em São Paulo. Além disto, o produtor terá praticamente de graça para a utilização em sua propriedade a cama do aviário, que representa um excelente adubo orgânico e se traduzirá em redução de custos com a lavoura, pois pode ser usado em substituição aos produtos industrializados.

## O FOMENTO

Numa primeira etapa a cooperativa vai receber frangos de 50 associados e cada um terá um aviário com 10 mil aves. A expansão do projeto prevê que na segunda fase mais de 50 associados se integrem ao programa e assim sucessivamente de acordo com as necessidades apresentadas.

Como o projeto tem um objetivo eminentemente social, pois vai possibilitar o crescimento dos pequenos proprietários rurais, não será

Será implantado até o final do ano na Regional de Mato Grosso do Sul, o projeto integrado de avicultura, um dos programas mais ambiciosos da Cotrijuí no Estado. Vai exigir recursos de grande monta, além de uma organização perfeita e a participação dos associados envolvidos no programa.

permitido que o integrante tenha mais de um aviário na propriedade.

Os primeiros associados a fazerem parte do projeto integrado serão selecionados entre o quadro social das localidades de Indápolis, Caarapó, Laguna Caarapó, Dourados, Montese e Douradina. E para viabilizar todos os aviários, a cooperativa vai buscar recursos em torno de um milhão de cruzados novos. O empréstimo será repassado ao produtor com juros de crédito rural, num prazo de pagamento ainda a ser definido de acordo com o financiamento obtido.

Esta verba inclui a construção civil do aviário, todo o equipamento necessário e a aquisição dos primeiros 10 mil pintos que cada produtor vai criar. A Cotrijuí vai ainda fornecer a preço de custo, a ração de crescimento e engorda (o item ração é o mais caro na produção de frangos de corte) e irá comercializar o produto final, pagando ao associado o preço de mercado.

O veterinário José Carlos Wypczynski, responsável técnico pelo fomento do projeto integrado, afirma que todos os agricultores interessados em criar frangos acreditam que a atividade possa ser um bom investimento, apesar de muitos ainda terem dúvidas quanto aos juros que terão que pagar pelo empréstimo. E muitos associados, continua o veterinário, querem participar não tanto pelo lucro financeiro que ele possa gerar, mas com interesse pelo adubo que cada aviário vai produzir através da cama de aves.

Wypczynski acredita nos resultados positivos do programa, mas ressalta que o produtor terá que levar muito a sério o trabalho, e para isso

vai contar com a equipe técnica da cooperativa que lhe dará assistência integral. Como o manejo com a avicultura em escala comercial é completamente desconhecido para a maioria dos agricultores, os técnicos serão responsáveis pelas informações a serem repassadas a eles e além desse treinamento serão organizadas visitas a aviários do Paraná, onde se concentra a atividade, uma vez que em nosso Estado não existe uma estrutura de granjas com aves de corte.

O vice-presidente da Cotrijuí no MS, Nedy Rodrigues Borges, também acredita no êxito do empreendimento, lembrando que vários fatores contribuem para este otimismo. Em primeiro lugar, diz ele, não existe produção de frangos no Estado e um grande mercado consumidor a ser atendido. Aliado a isto temos uma estrutura pronta, ou seja, produtores dispostos a entrar no ramo de avicultura, uma equipe de técnicos para prestar assistência e uma fábrica de ração que vai permitir o fornecimento do produto a um custo mais baixo para reduzir as despesas do associado.

Além de possibilitar que a cooperativa cumpra sua função social, promovendo o crescimento do associado, o projeto integrado de avicultura, que inclui numa segunda etapa a instalação de uma cozinha industrial para fabricação de produtos embutidos, poderá gerar outros programas semelhantes, como o projeto integrado de suínos. Mas primeiro vamos auferir os resultados deste trabalho que é pioneiro na cooperativa, conclui Nedy Borges.

## GANATET.



## PIROPLASMOSE E ANAPLASMOSE SIMULTANEAMENTE.

- Não apresenta período de carência p/ abate e produção de leite.
- Alta margem de segurança: até 3 vezes a dose recomendada.
- Pode ser utilizado simultaneamente com anti-helmínticos e inseticidas.
- Pode-se repetir a dose, 48 a 72 horas após a 1ª aplicação.

um produto da  
**LINHA FORTE  
SQUIBB**

**SQUIBB VETERINÁRIA**

QUALIDADE  
SERVIÇO  
CONFIANÇA

# A solução para os arrendatários

Agricultores arrendatários de Sidrolândia, no Mato Grosso do Sul, se unem num só objetivo e criam a Bolsa de Arrendamento, inspirados na Bolsa de Arrendamento de Terra de Uberaba, Minas Gerais. Ela busca, em síntese, formas de viabilizar a continuidade dos arrendamentos. A Bolsa de Arrendamento tem o apoio da Prefeitura Municipal de Sidrolândia, da Cotrijuí, do Sindicato Rural e da Secretaria Estadual da Agricultura.

O Mato Grosso do Sul, uma das mais recentes fronteiras agrícolas do país foi responsável há alguns anos por um intenso fluxo migratório de agricultores que para cá vinham em busca de terras mais baratas. Este processo de migração interna diminuiu bastante nos últimos tempos, pois a intensa procura fez com que o preço das terras agricultáveis sofresse uma crescente valorização, impedindo assim que muitos agricultores adquirissem seu próprio pedaço de chão.

Em consequência, aumentou a prática do arrendamento, e hoje, em alguns municípios do Estado, a área cultivada por arrendatários supera aquela cultivada pelos próprios proprietários. Este é o caso de Sidrolândia, onde 60 por cento das terras agricultáveis são ocupadas por arrendatários. Atualmente, entretanto, estes agricultores têm enfrentado graves problemas, que começam quando o contrato de arrendamento estiver no seu término. Esta situação se agravou no ano passado, principalmente pela discussão da reforma agrária no Brasil, que veio à tona em função da Assembleia Constituinte. O pânico tomou conta do meio rural e a ameaça de desapropriação era o grande receio no campo. Esta preocupação ainda paira no ar, pois mesmo promulgada a Constituição, o artigo 185, que trata da reforma agrária, ainda necessita de emendas. Não ficou definido, por exemplo, o parágrafo sobre a propriedade produtiva e sua função social, que gerou uma grande polêmica em torno do assunto. A incerteza e o desconhecimento com relação a questão agrária tem gerado intranquilidade para o produtor rural e atinge aquele que necessita arrendar a terra para sobreviver.

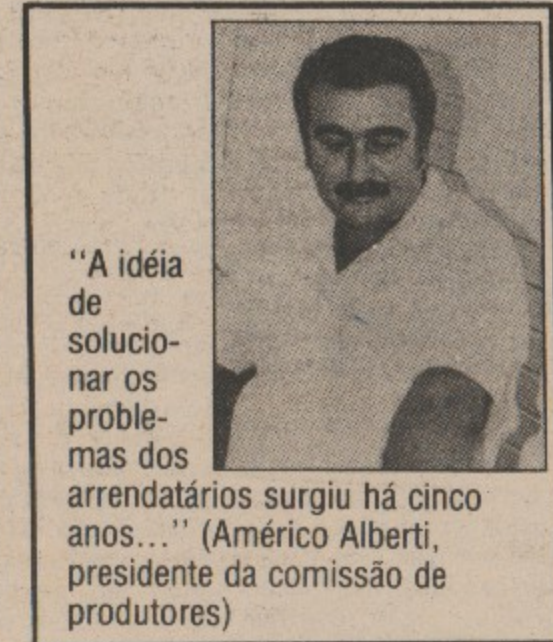


"A Bolsa de Arrendamento fará um cadastro de proprietários arrendatários..." (Itair Campagnaro)

Para contornar a situação, os arrendatários de Sidrolândia resolveram se unir e buscar formas de viabilizar a continuidade dos arrendamentos. Com este

objetivo foi criada a bolsa de arrendamentos, que tem o apoio da prefeitura municipal, da Cotrijuí, do sindicato rural e da Secretaria Estadual da Agricultura.

Américo Alberti, presidente da comissão dos produtores rurais, conta



"A idéia de solucionar os problemas dos arrendatários surgiu há cinco anos..." (Américo Alberti, presidente da comissão de produtores)

que a idéia de solucionar os problemas dos arrendatários nasceu há cinco anos, mas então a pretensão era a compra da área arrendada através do pagamento a ser feito com a produção agrícola. Ele acredita que se o projeto tivesse sido posto em prática naquela época, hoje a situação não estaria tão difícil.

Alberti lida com lavoura há quase quinze anos e sempre trabalhou em terra arrendada. Em março do ano passado seu contrato venceu e não foi renovado porque o proprietário necessitava da área para distribuir entre a família. Desde então o agricultor está sem terra para plantar e, para não ficar totalmente parado, ele fez a colheita para terceiros nas últimas safras.

O produtor, associado da cooperativa, calcula que muita gente ficou na mesma situação no ano passado (atualmente ele estima que cerca de 20 arrendatários estão com suas máquinas paradas porque não têm onde plantar). Os agricultores, continua, resolveram então agir e com o apoio da emissora de rádio local, considerando como fundamental para o sucesso do empreendimento, segundo ele, teve início a discussão, e a idéia da criação da bolsa foi logo ganhando adesões. A inspiração veio de um modelo já consagrado: a bolsa de arrendamento de terra de Uberaba, que funciona com sucesso há vários anos naquela cidade mineira. Alberti explica que a bolsa vai normalizar a situação dos arrendamentos, pois dará suporte legal e disciplinará os contratos firmados entre proprietários e arrendatários. A previsão



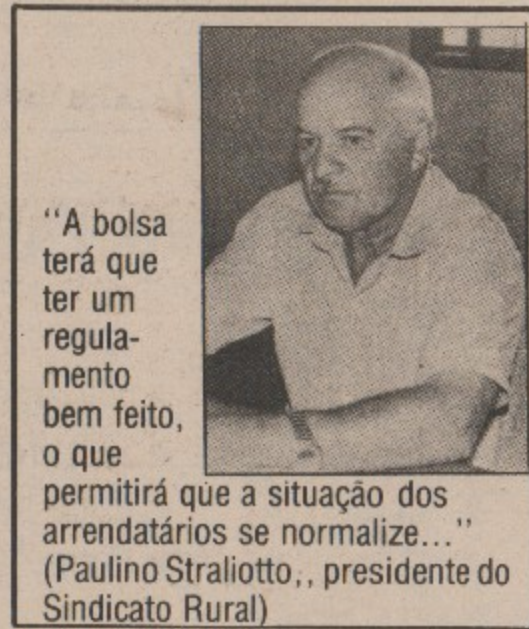
"A prioridade do arrendamento deverá ser dada ao produtor com maquinário e experiência na atividade agrícola..." (Lino Matiaze)

é que ela comece a operar neste mês e funcionará na prefeitura municipal. "Estamos esperando o pronunciamento do ministro Iris Rezende, que já deu seu parecer favorável a criação da bolsa", diz o produtor, que entregou a solicitação ao Ministro da Agricultura, presente na inauguração da Expogrande em abril.

Neste documento, a comissão e as entidades e órgãos que a apoiam solicitam a intervenção do ministro para a criação da bolsa que vai permitir um maior crescimento econômico do município (4º colocado em arrecadação de impostos no Estado), através do aumento da produção agrícola, que vem sofrendo sucessivas quedas nos últimos três anos, além de contribuir para a diminuição do êxodo rural e para diminuir a evasão de recursos financeiros e técnicos da região.

## COMO VAI FUNCIONAR

A bolsa de arrendamento fará um cadastro de proprietários e arrendatários, e os interessados deverão preencher uma ficha que será analisada sob os aspectos jurídicos e técnicos, diz o agrônomo Itair Campagnaro, um dos integrantes da comissão e arrendatário de 47 hectares em Sidrolândia. A avaliação técnica do potencial produtivo da terra será fundamental para o proprietário e arrendatário estabelecerem um preço justo para o pagamento do arrendamento.



"A bolsa terá que ter um regulamento bem feito, o que permitirá que a situação dos arrendatários se normalize..." (Paulino Stralioetto, presidente do Sindicato Rural)

to. Atualmente são cobrados em média, 5 sacos de produto por hectare ao ano, mas há muita gente que paga acima do que deveria, diz ele.

Na opinião de Lino Matiaze, que também faz parte da comissão, a priori-

dade do arrendamento deverá ser dada ao produtor que tenha infra-estrutura em maquinário, larga experiência na atividade agrícola e que seja preferencialmente estabelecido no município. Matiaze arrenda 60 hectares de várzea com outro agricultor, onde cultiva arroz, mas além disso exerce a função de técnico agrícola. "Do jeito que as coisas vão, diz ele, a maioria dos arrendatários precisam de outra atividade para tirar seu sustento".

O produtor Enelvo Felini, que tem arrendados 40 hectares e mais outra área de 200 hectares, cujo contrato termina este ano, considera que a bolsa de arrendamento é uma necessidade urgentíssima para Sidrolândia. Isto vai aumentar a produção que vem caindo ano após ano. Ele diz que a cada safra de soja as empresas compradoras do grão compram menos, e lembra que houve épocas em que o município plantava 120 mil hectares. Hoje a estimativa oficial calcula uma área de 90 mil hectares, mas ele acha que esta área não passa de 70 mil hectares. Com isto, a arrecadação



"A Bolsa de Arrendamento é uma necessidade urgentíssima para os produtores de Sidrolândia..." (Enelvo Felini)

municipal vem caindo, prejudicando toda a comunidade.

Enelvo, que é técnico agrícola, também tem comprovado esta queda através da venda de insumos da sua loja, que a cada ano tem diminuído. A bolsa vai promover a aproximação de proprietários e arrendatários, dando condições justas a ambos, e vai ajudar a amenizar os atritos causados pela legislação em vigor, que ainda não está esclarecida para muita gente, pondera o produtor. Felini salienta também que o proprietário — que é na maioria das vezes pecuarista — tem um retorno maior ao arrendar suas terras, porque o agricultor quase sempre faz a correção do solo, aplicando técnicas e insumos que resultarão num aumento da fertilidade da terra.

O prefeito de Sidrolândia, Dalto Fiuzza, confessa que não tem acompanhado os trabalhos para implantação da bolsa de arrendamento, mas confirma que foi solicitado o apoio da prefeitura e garante que fará tudo o que estiver ao seu alcance. A prefeitura vai colocar à disposição o espaço físico para o funcionamento da bolsa e vai prestar assistência jurídica nas intermediações que vierem a ser realizadas. Dalto Fiuzza acha que a bolsa vai dar certo e poderá ajudar muito, aumentando o número de negócios e gerando um consequente crescimento para o município. Se forem realizados de 15 a 20 contratos de arrendamento,

a bolsa já terá cumprido sua função, calcula ele.

O prefeito reconhece que nos últimos dois ou três anos houve um êxodo rural muito grande na região, e um declínio na produção agrícola. Mas para ele estes fatores devem ser compreendidos dentro de um contexto global, pois o agricultor tem sido constantemente desestimulado pela política agrícola equivocada que o governo tem adotado.

Paulino Stralioetto, presidente do sindicato rural de Sidrolândia, diz que a entidade vê com bons olhos a criação da bolsa de arrendamento, desde que as normas estabelecidas por ela sejam viáveis tanto para ambas as partes. Ele reconhece que muitos dos problemas que estão ocorrendo hoje decorrem do receio que o proprietário tem, por causa da indefinição das leis que entraram em vigor com a nova Constituição. Além disso, continua ele, muitas vezes os arrendatários não têm cumprido o que foi contratado e por isso a bolsa terá que ter um regulamento bem feito, o que permitirá que a situação se normalize. Isto vai amenizar o problema de arrendamento, gerando mais mão-de-obra, mais produção e vai beneficiar toda a sociedade. Stralioetto ressalta que o pagamento que o dono da terra recebe pelo arrendamento não é o mais importante, mas sim a conservação do solo e outras providências que o arrendatário deverá tomar e que resultarão no melhoramento da terra. Como essas medidas somente dão resultados num prazo mais prolongado, ele acha que os contratos de arrendamento deveriam ter uma duração mínima de três anos.

Em Sidrolândia tem ocorrido casos de agricultores que arrendam a área por uma safra apenas, mas normalmente o período oscila entre quatro a cinco anos. Sobre a redução da produção agrícola, o presidente do sindicato lembra que a área plantada no município começou a reduzir em 1986, causada pela saída de arrendatários que deixaram a atividade, e pela ação deliberada dos proprietários que diminuíram suas lavouras. Isto tem acontecido por causa da política governamental que não tem incentivado



"A prefeitura vai colocar à disposição o espaço físico para o funcionamento da Bolsa..." (Dalto Fiuzza, prefeito de Sidrolândia)

a agricultura e tem feito com que o produtor rural perca seu poder aquisitivo. Stralioetto exemplifica afirmando que antes do plano verão eram necessárias três mil sacas de soja para se comprar uma colheitadeira. Hoje o agricultor precisa de sete mil sacas para comprar a mesma máquina.

## "Bus Français" vem a Ijuí

As comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa, realizadas este ano, também alcançam o município de Ijuí, que estará recebendo nos dias 26, 27 e 28 de maio a visita do "Bus Français", um micro-ônibus carregado de vasto material de cunho científico, tecnológico e cultural. A promoção desse projeto cultural é feita pelo Consulado Geral da França, em São Paulo, juntamente com a Maison de l'Amérique Latine (casa da América Latina), uma instituição francesa de intercâmbio científico, e com apoio do Banco Francês e Brasileiro, Rhodia e Varig. Além de Ijuí, o "Bus Français" também estará visitando outras cidades do interior do Estado, sob a responsabilidade de dois engenheiros agrônomos, Benoit Zeller e Xavier Peyrache, especialistas em agricultura comparada e desenvolvimento. No município, a organização do projeto tem a coordenação da professora Evelyne Zysman, e conta com a participação da Prefeitura Municipal, da Unijuí, Cotrijuí, ACI e 36ª Delegacia de Educação.

O roteiro completo das exposições e vídeos pode ser confirmado com a professora Evelyne Zysman, na Unijuí, através do ramal 244.

a ser exposto na sexta-feira, às 20h30min, quando vários vídeos sobre ciências serão apresentados no auditório da Unijuí. No sábado é aberta uma extensão programação, no auditório do Colégio Evangélico Augusto Pestana, com apresentação de vídeos relacionados a agricultura, tratando sobre a cultura do feijão, produção vegetativa em proleta, rebanho em conserva e transplante de embriões.

Na parte da tarde, às 14 horas, também no Ceap, será apresentado em primeira exibição o filme "O fim de um época — A Nação ou o Rei", de Jean Vidal, que será reexibido novamente às 17 horas do sábado e do domingo. As 16 horas do sábado, mais uma exposição de vídeos, desta vez sobre arte e saúde, no mesmo local. Paralelo a todas essas programações acontecem ainda algumas exposições, onde se destaca a montagem sobre a Revolução Francesa, contando entre outras coisas, a simbólica recolonizadora.

O roteiro completo das exposições e vídeos pode ser confirmado com a professora Evelyne Zysman, na Unijuí, através do ramal 244.



## Família de raiz que se orgulha dos frutos

O dia-a-dia da grande família COTRIJUI se faz de momentos como este. Cuidar da terra, melhorar a semente, diversificar os frutos. E contemplar os resultados. E gozar o gosto de tudo o que a terra dá. No inverno e no verão, no outono e primavera. O ano inteiro, desde 1957.



A UNIÃO FAZ A FORÇA QUE NEM O TEMPO DESFAZ.

# O boicote dos arrozeiros

Convocada pela Associação dos Agricultores do município, realizou-se concurrida reunião na noite de 25 de abril, tendo por local a sede da Associação de Funcionários do Banco do Brasil - AABB, para deliberar sobre a estratégia de paralisação do comércio do arroz em Dom Pedrito. Organizada pelo presidente da entidade, Ruy Adelinio Raguzzoni, a reunião que se desenvolveu através de debates agitados por mais de 50 orizicultores do município, deliberou por unanimidade a paralisação de todos os negócios do produto, beneficiado ou em casca, a partir do dia seguinte, 26 de abril.

A decisão tomada foi de que o boicote à comercialização do produto fosse feito a partir dos engenhos, e não nas entradas conforme aconteceu anteriormente com poucos resultados práticos, além de muito mais difícil de ser controlado. Foi formada uma comissão central constituída pelo presidente da Associação dos Agricultores, Ruy Raguzzoni, futuro presidente do Sindicato Rural, José Roberto Pires Weber; Jorge Everaldo Peres, Gabriel da Cas, Dorvali Pacheco e Ademar Comin.

Ao instalar a reunião, que transcorreu com debates acalorados e críticas à política econômica do governo, "que só tabela a produção agropecuária e os salários dos trabalhadores, deixando os demais segmentos (da indús-

tria e das finanças), livres para explorar", Ruy Raguzzoni colocou a palavra à disposição do plenário para que se manifestasse.

Rogério Zart, agropecuarista e conselheiro da Cotrijuí, membro da comissão estadual de orizicultores, fez um relato da situação a nível estadual, dizendo que todos deviam pegar juntos por se tratar de uma luta comum, de arrozeiros e indústrias do arroz. Considerou uma temeridade o preço de comercialização estabelecido para o arroz, que estaria totalmente fora da realidade dos custos de produção. A continuar a situação desse jeito, queixou-se o Rogério Zart, não teremos a menor possibilidade de voltar a plantar arroz na próxima safra, sob pena de falência generalizada do setor.

Valter José Pötter também enfatizou a importância da conscientização de todos os produtores, pois que assim como está é impossível continuar produzindo arroz, um dos alimentos mais exigidos pelo povo brasileiro, pois está presente no prato de todos, diariamente.

Roberto Pires Weber, que vai se eleger presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito em eleições que se realizarão a 24 do corrente, considerou que o momento é ordeiro, mas se realizará com firmeza e decisão de todos, pois interessa a toda a comunidade.

## O QUE QUEREM OS ARROZEIROS

Reajuste no preço mínimo de NCz\$ 8,20 para 17,14, é a exigência dos produtores. Essa reivindicação foi levada à Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados por um grupo de representantes dos arrozeiros gaúchos, no dia 27 último. Documento semelhante foi entregue ao ministro da Agricultura, Íris Rezende.

Os produtores não aceitam que o governo adote o recurso da importação do produto do Uruguai. Aliás, foi colocada na reunião de Dom Pedrito por alguns participantes, que já estaria entrando arroz uruguaio através do Chui.

Essa informação acirrou mais os ânimos dos participantes, que redobram as críticas a ação do governo,

A paralisação dos arrozeiros, na briga por um preço mínimo compatível com o custo de produção será mantida até o dia 15 deste mês, quando a Frente Ampla da Agropecuária se reunirá com técnicos do governo para sugerir um reajuste de 30,6 por cento para todos os produtos. A decisão foi tomada em reunião tumultuada que aconteceu no dia 5 de maio, na sede da Farsul e que contou com a participação de 150 arrozeiros.

pois conforme já ocorrera no Plano Cruzado I, o governo opta pela importação, mesmo a custos de divisas que seriam melhor empregadas em outros produtos.

Os lavoureiros fizeram dívidas e querem honrar seus

compromissos, mas é preciso que o governo também cumpra com os seus e tenha maior respeito pela palavra empenhada, sugeriram os arrozeiros presentes a reunião da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito na sede da AABB.

## A lã na economia de Dom Pedrito

A lã, que já foi em Dom Pedrito o segundo segmento mais importante da economia do município, apesar de estar colocada hoje além de um terceiro plano, perdendo longe para a agricultura e pecuária bovina, nem por isso deixa de receber a atenção que merece em vista de sua tradição e valor que alcança, principalmente nos mercados internacionais.

Não existem estatísticas seguras sobre a população ovina pedritense, como de resto ocorre com todos os demais setores da economia em todo o país. A Inspeção Veterinária sediada em Dom Pedrito considera que o município cria meio milhão de ovinos, em média, podendo oscilar para mais ou para menos, porém em números que não chegam a comprometer a referida estatística.

Para os técnicos, o mais importante no momento não chega a ser a quantidade dos rebanhos, mas a qualidade deles. A Cotrijuí, atenta para esta segunda questão, investe muito em atendimento, em manejo e cuidados sanitários para a elevação dos níveis de qualidade. Só depois, então, aconselha a adoção de medidas que levem a expansão dos rebanhos. A qualidade dos velos tem melhorado sensivelmente.

A Comissão de Lã, constituída por criadores associados da Cotrijuí, pode se dizer que é o braço auxiliar do Departamento Técnico naquela Regional, que presta uma franca colaboração. É formada pelos associados Flávio Espartel da Silva - coordenador - João Luiz Dutra da Silveira, Clodomiro Elias da Rosa, Sérgio Lucas e Ataliba Martins. A Comissão de Lã, que se reúne periodicamente, tem a missão principal de opinar e sugerir medidas visando melhorar o setor em todos os níveis.



Flávio Espartel da Silva

# O TILT® que você precisa a COTRIJUÍ tem.

## Faça o seu pedido.

Prod. Registrado na DIPROF/SDSV/MA sob nº 030583-88  
\* Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

# A 60ª do Estado

A Cooperativa de Crédito Rural Santo Augustense Ltda., foi instalada no dia 28 de abril. Seu quadro social está formado por 27 agricultores.

Estamos instalando a 60ª cooperativa do Sistema Integrado de Crédito no Rio Grande do Sul. Assim, o presidente da Cocecrer — a Central de Cooperativas de Crédito Rural do Estado —, Ademar Schardong falou aos agricultores santo-augustenses, na tarde de 28 de abril durante a solenidade de instalação da Credicoopersa — Cooperativa de Crédito Rural do município de Santo Augusto. Presentes à solenidade, além de Ademar Schardong, o prefeito e vice-prefeito de Santo Augusto, Darci Pompeo de Mattos e Izilindo Stival, o vice-presidente da Cotrijuf, na Regional Pioneira Celso Sperotto, acompanhados pelos diretores Léo Góti, Ari Zimpel e Orlando Romeu Etgeton, os presidentes e gerentes das cooperativas de créditos dos municípios de Augusto Pestana, Guarani das Missões, Campo Novo, Três de Maio e Crissiumal, o presidente da Credicoopersa, Davi Alexandre Ceolin e os diretores de administração, Hélio Paiva Prauchner e de crédito rural, Carlos Leodony Andrighetto.

Ademar Schardong lembrou a fundação, em 4 de dezembro de 1902, da primeira cooperativa de crédito rural, inspirada no sistema da Alemanha, em Nova Petrópolis. "Daí em diante foram criadas dezenas de cooperativas de crédito, denominadas **Caixas União Popular** e que, em 1958 chegavam a 60", assinalou o presidente da Cocecrer registrando as marcas profundas que estas cooperativas deixaram nos agricultores. "Muito agricultor comprou terra financiada pela sua cooperativa de crédito".

## FORMULAÇÃO

Ao levantar um pouco a história do cooperativismo de crédito no Estado, Ademar Schardong lembrou os efeitos da lei de reforma bancária — de nº 4.595 —, instituída a partir de 1964 e responsável por uma completa reestruturação no sistema financeiro do



Ademar Schardong

país. "A reforma bancária levou os grandes conglomerados econômicos a atuarem em maior escala na retomada para o desenvolvimento industrial. O crédito rural passou a ser uma obrigação do Banco do Brasil e a agricultura passou a viver uma nova era de desenvolvimento, com recursos para o financiamento do custeio da lavoura, para programas de infra-estrutura, comercialização e armazenagem.

Mas a partir da década de 80, esta situação se reverte e os agricultores brasileiros passam a viver uma outra história com o Banco do Brasil, o órgão creditício oficial do governo, não tendo mais recursos suficientes para financiar o setor primário. Schardong não culpa o Banco do Brasil por este triste quadro. "A raiz da questão está no processo histórico de desenvolvimento do setor primário, diz, destacando que hoje, infelizmente, 80 por cento dos 100 por cento dos recursos gerados através da monetização dos produtos agropecuários são transferidos ou para a dívida pública ou para outros setores da economia. "Apenas 20 por cento retomam para serem aplicados no próprio setor".

Essa nova situação — com falta de recursos para o setor primário e a retirada do subsídio ao crédito rural —,

segundo o presidente da Cocecrer, levou as lideranças do setor e cooperativas a buscarem soluções a médio e longo prazos. E, já no ano de 1981, numa iniciativa do então vice-presidente da Fecotrijo, Mário Krueel Guimarães se deu início ao processo de reinstalação do cooperativismo de crédito no Estado, "como alternativa de desenvolvimento para o setor primário". A Cocecrer foi, então, constituída sobre nove cooperativas de crédito rural remanescentes do antigo sistema. "Hoje, lembrou com orgulho, somos 60 em todo o Estado".

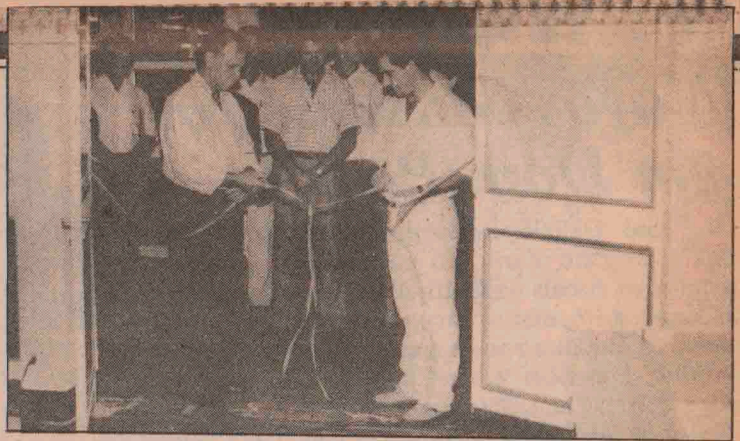
## DESAFIOS

O bom desempenho de uma cooperativa de crédito depende em muito da seriedade e competência com que é administrada, do uso do bom senso e da participação de seus associados", disse Ademar Schardong, lançando ainda um desafio aos agricultores presentes à solenidade de instalação da Credicoopersa. "O meu primeiro desafio aos agricultores e sócios fundadores: que até 7 de julho, dia da realização da assembleia ordinária, que cada um tenha colocado mais 10 associados para dentro da cooperativa. Só assim, vamos poder avaliar os seus objetivos, seu desenvolvimento e função nesta comunidade", disse ainda deixando um agradecimento ao "seu Eurico Prauchner" pelo desempenho e atuação frente à luta pela criação de uma cooperativa de crédito em Santo Augusto.

Para o presidente da Credicoopersa, Davi Alexandre Ceolin, uma cooperativa de crédito em Santo Augusto



Davi Ceolin fez o primeiro depósito na Credicoopersa



O corte da fita feito pelo prefeito municipal Darci Pompeo de Mattos e pelo vice-presidente da Cotrijuf na região, Celso Sperotto

representa a concretização de uma luta dos agricultores daquela região que se prolongou por quase dois anos. No discurso de abertura da solenidade de instalação da cooperativa, Davi Ceolin convidou a todos os agricultores a acreditarem na sua cooperativa. "Para que a nossa cooperativa de crédito esteja a serviço dos agricultores é preciso que, antes de mais nada, haja muita confiabilidade e participação de seus associados.

Para o prefeito municipal de Santo Augusto, Darci Pompeo de Mattos, a Credicoopersa é fruto de um trabalho de homens inteligentes, agricultores modernos, capazes e persistentes na sua capacidade de luta. "Como prefeito, só tenho que expressar a minha admiração pela forma como estes agricultores empunharam mais essa bandeira".

Também o prefeito municipal lembrou os "bons

tempos" da agricultura, "quando se tinha recursos para fomentar a produção, a expansão de área até chegar o aumento de produtividade". "Mas hoje o sistema de financiamento para a agricultura está cambaleando", disse ele convidando os agricultores a melhor se organizarem e darem uma resposta a esta situação. "Organizados e unidos na sua força, os agricultores têm condições de criar instrumentos de auto-sustentação", disse Darci Pompeo de Mattos, citando como um exemplo de organização, as barragens-ponte de Iraí, construídas pelos próprios agricultores através de associações comunitárias. "A cooperativa de crédito de Santo Augusto é também um destes exemplos que significam nada mais nada menos do que uma grande resposta a uma situação criada. Os próprios agricultores estão buscando a solução para os seus problemas".

## 27 associados fundadores

Instalada junto a unidade da Cotrijuf em Santo Augusto, a Credicoopersa já está operando normalmente desde o dia 2 de maio, atendendo a todos os agricultores do município", diz Saire Fink, gerente. Além do gerente Saire, o quadro funcional da cooperativa é constituído por mais três pessoas. O agricultor Davi Alexandre Ceolin é o diretor presidente, assessorado em suas funções por Carlos Leodony Andrighetto, diretor de Crédito Rural e Hélio Paiva Prauchner, diretor Administrativo. O Conselho de Administração está formado por Valdir Luiz Gonzatto, Nelson Moresco e Antônio Vieira dos Santos, como efetivos. Os conselheiros suplentes são Palomar Victor Montagner, Ivo Gonçalves de Lima e Adão Ciotti. O Conselho Fiscal está constituído por Dirceu Prates Correa, Alberto Tumelero e Carlos Antônio Ivanovitch Depiere, Edmundo Stadler, Clóvis Pompeo de Mattos e Arcelino Beazzi são os conselheiros fiscais suplentes.

A Credicoopersa começou a funcionar com 27 sócios fundadores. São eles: Davi Alexandre Ceolin, Hélio Paiva Prauchner, Clóvis Pompeo de Mattos, Dirceu Prates Correa, Edmundo Stadler, Ivo Gonçalves de Lima, Nelson Moresco, Palomar Victor Montagner, Valcir Luiz Gonzatto, Antônio Hech Weiller, Batista Chiusa, Ivo dos Santos Oliveira, José Lori Flores Gonçalves, Celso Bolivar Sperotto, Silvio Ceolin, Luiz Moresco, João Alves Teixeira, Nelson Bertoldo Kuss, Rui Polidoro Pinto, João Juarez Possatto, Heitor Rodrigues Antão, Adão Ciotti, Alberto Tumelero, Antônio Vieira dos Santos, Arcelino Beazi, Carlos Antônio Ivanovitch Depiere e Carlos Leodony Andrighetto.

# DINAMUTILIN® SQUIBB

- Único antibiótico de ação simultânea na Pneumonia Enzoótica e Disenteria Suína.
- Poderoso promotor de crescimento para as fases pré-inicial, inicial e de crescimento.
- Duas formulações: — Para ração peletizada  
— Para ração farelada
- Não induz à resistência cruzada
- Produto de uso exclusivamente veterinário

Telefones: Belo Horizonte (031) 201-1991 - Curitiba (041) 223-8128 - Porto Alegre (0512) 42-6956 - Recife (081) 221-2651 - São Paulo (011) 241-8513.



SQUIBB VETERINÁRIA

QUALIDADE  
SERVIÇO  
CONFIANÇA

## Novos conselheiros em Dom Pedrito

José Dalzizio Rodrigues Marchese e Rogério Zart, são os novos conselheiros fiscais da Cotrijuí Regional Dom Pedrito, eleitos para o período de abril do corrente ano ao mesmo mês de 1990. Marchese e Zart são dois gropecuaristas de projeção no município, que seguramente contribuirão em muito com a diretoria executiva. O primeiro é formado em administração de empresas, e o segundo, engenheiro agrônomo.

A sistemática tradicional da Cotrijuí de administrar com respaldo direto dos associados, se constitui no ponto alto da cooperativa. Como é sabido de todos os que conhecem a Cotrijuí, existem o Conselho de Administração, o Conselho Fiscal e os representantes, que formam um colegiado de assessoria e consultas.

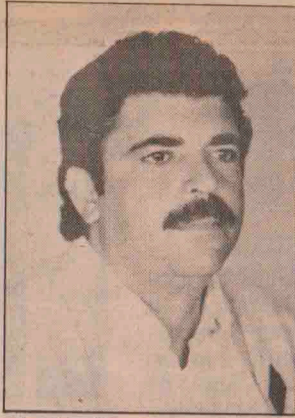
Somam-se ainda esse quadro administrativo descentralizado, vários núcleos de produtores, que através de eleições diretas escolhem seus representantes locais para representá-los nas assembleias gerais da cooperativa.

### UMA MAIOR ATENÇÃO

Os novos conselheiros fiscais da Regional de Dom Pedrito pretendem dedicar muita atenção aos assuntos da cooperativa. Rogério Zart, grande produtor de grãos — principalmente arroz — e pecuarista, dono da Estância Alvorada, acha que é necessário uma maior democratização nas decisões da cooperativa. Mas entende que isso só vai ser possível quando os próprios associados também participarem mais dessas deci-

sões. Ele condena os associados que não participam das reuniões de grupo convocadas e das assembleias gerais e ficam falando em público contra decisões da diretoria executiva. Esse tipo de associação, enfatizou Rogério Zart, é negativo e prejudicial para qualquer entidade associativa.

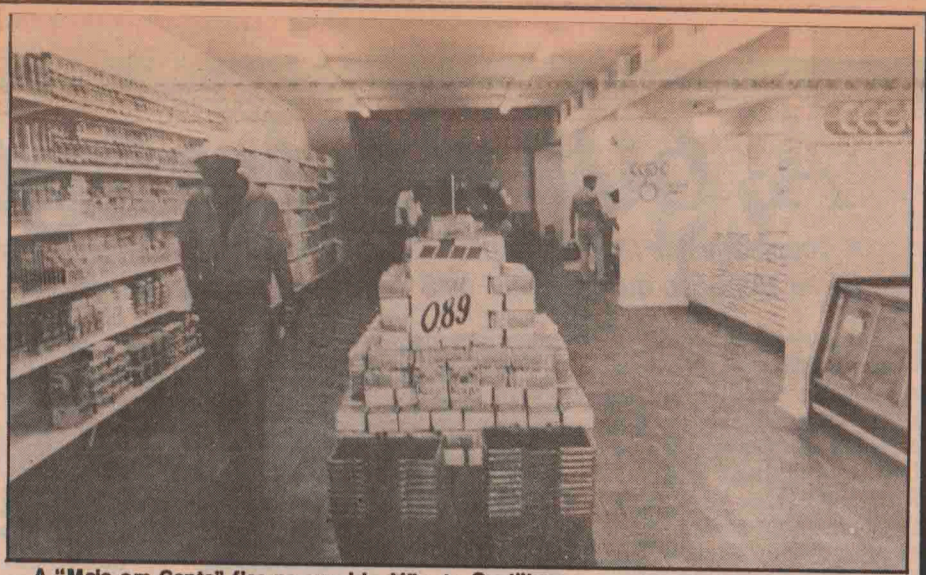
José Dalzizio Rodrigues Marchese é da mesma opinião, por entender que assuntos relacionados com a cooperativa devem ser debatidos e resolvidos internamente. E só pessoas insensatas e irresponsáveis levam problemas internos para o domínio público. Mas esclarece que a função do conselheiro fiscal é muito específica. Ao conselheiro, compete, por força estatutária, estar atento a vida financeira da cooperativa, o que será feito com todo o rigor que a função exige, explicou Marchese.



José Dalzizio Marchese



Rogério Zart



A "Mais em Conta" fica na avenida Júlio de Castilhos

## Loja "Mais em Conta" aberta em Porto Alegre

Depois da Casa de Carnes, um bem sucedido estabelecimento localizado num dos bairros "classe A" de Porto Alegre, onde são vendidos, em média, 500 quilos de carne por dia, a Cotrijuí leva a sua marca para servir também uma zona que se enquadra na classificação do bairro popular. É a Loja Cotrijuí, inaugurada no último dia 17 no andar térreo do edifício onde está instalado o "staff" da cooperativa em Porto Alegre, à avenida Júlio de Castilhos nº 346, local de massiva passagem de público flutuante, tanto motorizado como a pé.

A nova casa vai se popularizar sob o nome fantasia de "Mais em Conta", vendendo produtos alimentícios de origem própria, da Cooperativa Central Gaúcha de Carnes — CCGC, e outras co-irmãs. Segundo o gerente da área de comercialização, Luiz Fernando Riff Moreira, trata-se de experiência piloto. Dependendo dos resultados, a Cotrijuí poderá abrir outras casas em zonas diferenciadas da capital do Estado, com o objetivo de disputar um mercado que se torna cada vez mais atraente e competitivo, o de gêneros de primeira necessidade.

O forte da Loja "Mais em Conta" se concentra na oferta de produtos de sua própria marca. De Ijuí vem o óleo de soja, feijão, farinhas em geral, conservas salgadas, doces, condimentos e erva-mate. De Dom Pedrito vem arroz e carne bovina; embutidos e carnes curadas da CCGC e laticínios da CCGL.

O responsável pela administração da loja, Remi Mötke, que foi de Ijuí para atender o estabelecimento, está eufórico com o trabalho. Apesar do movimento ser ainda pequeno na loja, talvez por se tratar de avenida expressa, onde o maior movimento é de ônibus e automóveis. Mas a médio prazo — diz — o mercado irá fazer sua freguesia.

## Moinho: mais um serviço



A capacidade de moagem é de 80 toneladas por mês

Mais uma prestação de serviços aos associados da Cotrijuí na Regional Pioneira. Assim, Antônio Vieira dos Santos, gerente da unidade de Santo Augusto define as atividades do Moinho Cotrijuí, adquirido no final de 87 e colocado em funcionamento em setembro do ano passado. Apesar de desativado por mais de 10 anos, o Moinho Santo Augustense, como era chamado até antes de ser adquirido pela Cotrijuí, foi um dos mais modernos da região. É constituído por dois cilindros duplos movidos a energia elétrica e um descascador de arroz, atualmente desativado. O transporte do farelo e da farinha, depois de processada a moagem, é feito pelo sistema pneumático.

Para Antônio Vieira, o Moinho cumpre duas funções relacionadas com os produtores associados da Cotrijuí: a de diminuir os custos de produção e transformar o produto trigo em alimento. Ele conta que, de início, o Moinho apresentou alguns problemas de ajustes, "até por falta de conhecimentos" e que chegaram a interferir na qualidade do produto final. "Mas hoje, garante, já dominamos o processo de moagem e o padrão de qualidade da farinha vem melhorando a cada dia".

A capacidade de moagem é de 80 toneladas de trigo por mês, mas a cota do moinho, estabelecida pela Sunab é de 730 toneladas por ano. "Atualmente, explica Pery Bigolin, encarregado do Moinho, estamos moendo uma média de 3.500 quilos de trigo por dia. Se a cota fosse maior, não íamos vencer o serviço". Apenas no período de janeiro, fevereiro e março deste ano, foram moídos um total de 197.080 quilos de farinha, dando uma média diária de 2.189 quilos por dia. Como o moinho é classificado como colonial, ele só pode prestar serviço ao produtor. Ou seja: moer o trigo, sem comercializar a farinha.

"O Moinho é viável", observa Antônio e, dentro desta visão, ele está apostando numa ampliação dos serviços prestados aos associados. A idéia é colocar em funcionamento o descascador de arroz e, dependendo da política do governo em relação a cultura do trigo, ampliar a capacidade de moagem de trigo. "Se com dois cilindros estamos tirando 35 sacos de farinha por dia, com 4 cilindros, podemos ampliar essa produção para 100 sacos. É claro que tudo vai depender da liberação das cotas", observa ainda o gerente.



O trabalho de piscicultura chamou a atenção do holandês

## A visita do representante da OIT

Conhecer várias cooperativas do Rio Grande do Sul e detectar nessas os setores onde a Organização Internacional do Trabalho, a OIT, possa prestar auxílio através de projetos técnicos de âmbito administrativo e financeiro, realizado sob a coordenação do órgão encarregado pela entidade. Este o objetivo da visita feita a Cotrijuí, e promovida pela Fecotriço, no dia 10 de abril, pelo especialista em cooperativismo, Hans Nusselder, membro do Escritório para América Latina e Caribe, com sede em Lima no Peru.

Acompanhado do técnico da

Fecotriço, Sérgio dos Santos Lara, o representante da OIT conheceu as instalações da sede da Cotrijuí Pioneira, os trabalhos desenvolvidos pelo CTC e ainda a propriedade de Walter Berbaum, um dos maiores produtores de peixe da região, a fim de buscar subsídios de análise para a formação de futuros projetos. Com vários trabalhos em andamento por toda a América Latina, a OIT, segundo o seu representante, pretende ainda fortalecer o meio rural através de um maior intercâmbio entre as cooperativas sul-americanas.



Técnicos encontraram mais do que BHC dentro do silo condenado

## BHC tem novo depósito

Condenado. Este foi o laudo dado pelos técnicos do Ministério da Agricultura, sobre o silo localizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, e que abriga cerca de cinco toneladas de BHC, o "conhecido pó-de-gafanhoto", além de outros produtos de uso proibido na agricultura como o Lindane, Mercurial 376 Bayer, Detenol e MM35. A perícia feita pelos técnicos foi realizada no dia 10 de abril, após várias denúncias encaminhadas pela Delegacia Regional da Saúde de Cruz Alta.

Com conclusão da perícia técnica, o chefe do setor de fiscalização da Delegacia Regional do Ministério da Agricultura, engenheiro agrônomo João do Amaral Campos, qualificou a inadequação do silo pelos vazamentos que apresenta, mas também pela própria estrutura, metálica e por isso com sistema de aeração, que possibilita o escapamento do pó branco.

### MAIOR SEGURANÇA

Em contato com a direção da Cotrijuí, Regional Pioneira, a equipe do Ministério da Agricultura defendeu a necessidade de remoção do produto para um lugar mais seguro e afastado das residências existentes no CTC. A

manutenção dos produtos se deve em parte a sua inutilização na agricultura, porém, como o Ministério acredita que o BHC possa ainda ser doado a outros estados, através da Sucam, eles permanecem guardados em novo silo.

"O ideal é que fosse dada uma destinação definitiva ao produto", diz o gerente do CTC, engenheiro agrônomo Volney Viau, que está acompanhando a construção do novo abrigo dos venenos. A avaliação do agrônomo lembra uma antiga discussão levada por várias entidades ligadas à agricultura, saúde e meio ambiente, que baseados na Lei dos Agrotóxicos, defendem a reunião de todos os estoques de defensivos agrícolas, num depósito único, sob coordenação da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente.

Como essa solução não deve sair a curto prazo, Volney Viau vê como saída a armazenagem dos produtos de forma bem mais segura que o silo atual e distante do convívio humano. Esse novo abrigo, que está sendo construído pela Cotrijuí, deve estar concluído até o final de maio, quando então, técnicos da Defesa farão a reemba-lagem dos produtos e a desinfecção do local.



Bocudo: em avaliação

## Bocudo: uma espécie em extinção que começa a ser avaliada

O bocudo é um peixe de couro e que se adapta em rios e açudes

Tirando o Pacu, que é uma espécie nativa do Brasil, os demais peixes cultivados nos açudes da região são exóticos, trazidos de outros países. Quase todas as espécies criadas caracterizam-se por possuírem escamas — exceção feita a carpa espelho que apresenta poucas escamas —, embora no Brasil, os peixes de couro sejam muito apreciados pela qualidade de sua carne.

Na região, os peixes de couro mais conhecidos são o jundiá, o surubi e o pati. O jundiá, nativo dos rios, é um peixe de porte pequeno, atingindo, normalmente um peso médio entre 400 e 500 gramas. As demais espécies — surubi e pati —, são naturais de rios maiores como o Uruguai e o Paraná e,

junto com a Secretaria da Agricultura do Estado e Departamento de Meio Ambiente e que procura avaliar a qualidade da água dos rios da região, que se descobriu uma espécie ameaçada de extinção: o bocudo. "Uma forma de melhor avaliar os prejuízos do tipo de agricultura praticada na região há vários anos, é através do levantamento das espécies de peixes que ainda existem", observa Altamir Antonini, técnico agrícola encarregado pelo Centro de Piscicultura da Cotrijuí.

O bocudo, como é conhecido entre os agricultores e pescadores da região, é um peixe de couro que pertence à família *Pimelodidae* e que segundo relatos e avaliação feita na Estação de Piscicultura do CTC, se adapta muito bem em açudes. "É

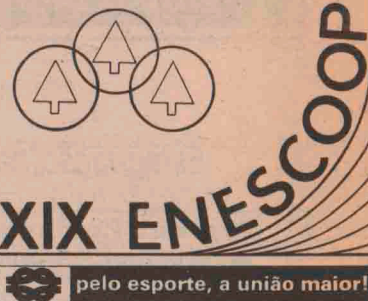
## O XIXº Enescoop

Tradicional competição poliesportiva entre funcionários de cooperativas, o Enescoop, este ano em sua décima nona edição, terá a Cotrijuí como instituição anfitriã. Definidas as datas — 1º, 2 e 3 de dezembro, a Afucotri desde agora mobiliza as diversas comissões com vistas a organização do evento.

Um evento de tal envergadura exige união de esforços e muito mais espírito de colaboração. Tanto é assim que o poder público, as instituições da Retomada e empresas fornecedoras estão sendo convidadas a colaborar. As delegações ficarão acomodadas no Parque de Exposições Assis Brasil e os jogos serão realizados, simultaneamente, nas quadras e pranchas das diversas entidades associativas e educacionais de Ijuí.

Para escolher o logotipo e o slogan do XIX Enescoop, foi instituído concurso com participação de funcionários e dependentes. O trabalho vencedor, de autoria de Ênia Chrysosthemos, foi premiado com uma serra Tico-Tico e uma panela de pressão. Ênia, do setor de pessoal, sugere: "Pelo esporte, a união maior", e inclui em seu logotipo uma simbiose entre olimpíadas e cooperação, através de seus símbolos universais.

Esta é a segunda vez que a Cotrijuí sediará um Enescoop. A primeira foi em 1978, quando Oswaldo Meotti presidia a Afucotri de Ijuí.



O logotipo foi criado por Ênia Chrysosthemos

## Repasse para o trigo e aveia branca

A exemplo do que já aconteceu no ano passado, antes do plantio da lavoura de verão, a Cotrijuí já está, desde o mês de abril, repassando financiamento para as lavouras de trigo e aveia branca. Mas vai um alerta do gerente da Área Financeira da Cotrijuí na Pioneira, Júlio Feil: o repasse de recursos para as lavouras de inverno via Cotrijuí, só está beneficiando minis e pequenos produtores. Médios e grandes devem procurar recursos junto as agências do Banco do Brasil.

O financiamento será limitado, o que também não é nenhuma novidade para os produtores, em um terço da área total de cultivo. Quem for proprietário de 30 hectares, por exemplo, terá direito a financiar apenas 10 hectares de lavoura. Essa limitação vale para a lavoura de trigo avisa Aramis Batista, responsável pelo setor de Crédito da Cooperativa na região. Limitando a área de trigo, o governo está incentivando o agricultor a cuidar melhor do seu solo, através da rotação de culturas.

Os valores financiados, tanto para a aveia branca como para o trigo corresponderão a 100 por cento do custeio. O produtor de trigo enquadrado na faixa 1 — 1.100 quilos por hectare — terá direito a um financiamento de NCz\$ 126,57 por hectare, enquanto

aquele situado na faixa 2 — 1.620 quilos por hectare — terá direito a NCz\$ 214,77. Já os produtores de aveia branca, enquadrados na faixa 1 — até 1.000 quilos por hectare — terão direito a NCz\$ 65,60; os da faixa 2 — de 1.001 a 1.400 quilos por hectare — a NCz\$ 93,07; os da faixa 3 — 1.401 a 1.800 quilos por hectare — a NCz\$ 119,72 e os enquadrados na faixa 4 — acima de 1.800 quilos por hectare — a NCz\$ 143,24. O adicional Proagro a ser pago para o caso do trigo é de 9 por cento sobre o valor financiado e 6 por cento no caso da lavoura de aveia branca.

O produtor estará recebendo 70 por cento do VBC no ato de assinatura do contrato. A segunda parcela, correspondente a 20 por cento do VBC será retirada em julho e o restante, 10 por cento, receberá em setembro. O valor do financiamento deverá ser pago em uma só vez, corrigido pelo IPC integral e mais ainda 12 por cento de juro ao ano.

Os minis e pequenos produtores interessados em financiar lavouras de trigo e aveia branca, poderão procurar informações junto aos escritórios da Cotrijuí em seus municípios de origem. Também serão beneficiados com o repasse os produtores de Dois Irmãos.

atualmente de difícil captura, já que os cardumes estão cada vez menores. Mas foi durante um trabalho que vem sendo realizado pela Cotrijuí em con-

uma espécie que pode chegar aos 10 quilos", diz Altamir contando que no rio Ijuí foram capturados exemplares com mais de 12 quilos. Neste trabalho que busca subsídios para melhor se conhecer a biologia desta espécie, o Altamir destaca a colaboração de produtores como Hugo Arnolds, residente na Linha 11 Oeste que, na intenção de colaborar com o trabalho, adquire exemplares vivos de pescadores e coloca à disposição da Estação de Piscicultura para estudos. "Procedimentos deste nível seguramente ajudam em muito e facilitam o trabalho em favor do resgate de espécies em extinção".

De posse de um plantel de peixes adultos e aptos a reprodução, a cooperativa pretende, inicialmente, observar a resposta destes peixes à indução hormonal — hipofiseação ou hormônios sintéticos "Só depois de dominado o processo reprodutivo, vamos produzir alevinos em escala para o povoamento de barragens, açudes e rios", observa o responsável pela Estação de Piscicultura do CTC, citando um outro trabalho a ser desenvolvido e que trata da monitorização e acompanhamento do comportamento da espécie.



# A realidade do mercado soviético

Estagnação nas compras de soja por parte da CEE leva países exportadores a buscar o mercado da União Soviética

Argemiro Luís Brum  
Montpellier — França

No momento em que se percebe que a estagnação nas compras de soja por parte da Comunidade Econômica Européia (CEE) é uma realidade (veja a tabela nº 1), uma das alternativas apontadas pelos países exportadores desta oleaginosa, para fazer frente a esta situação, é o mercado da União Soviética (URSS). Segundo alguns corretores brasileiros, o Brasil estaria dando muito mais importância atualmente às exportações de soja para a URSS do que para a CEE, ou qualquer outro país importador do produto.

Diante deste fato, algumas perguntas devem ser feitas e, se possível, respondidas. Entre elas, aquela que julgamos mais importante: a URSS é um mercado comprador seguro ao ponto de podermos esperar importações, no futuro, ao ritmo das efetuadas pela CEE nos anos 70 e 80?

É com o objetivo de responder a esta pergunta, e igualmente avançar algumas informações sobre quem é e o que está ocorrendo na chamada "maior potência do Leste", que escrevemos este artigo (\*).

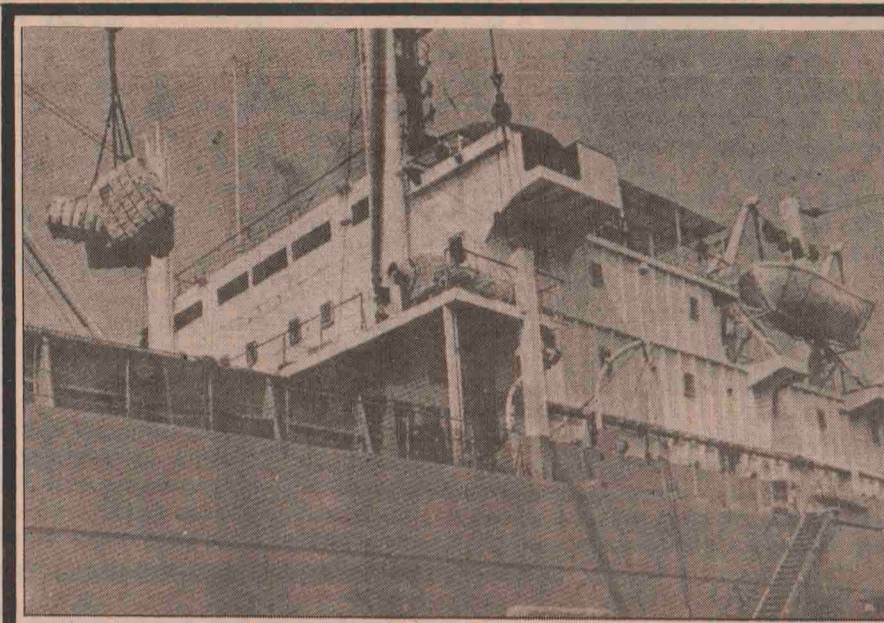
## AS IMPORTAÇÕES DE SOJA POR PARTE DA URSS SÃO MUITO RECENTES

A URSS é um país deficitário em alimentos. Ela importa aproximadamente um terço de seu consumo alimentar total e um quinto de suas necessidades em grãos, para um país com 280 milhões de habitantes.

Mas o mais grave é que estas importações soviéticas dependem sobretudo das receitas que este país retira ao vender para o mundo ocidental três produtos: o petróleo, o gás natural e o ouro.

Isto significa dizer que para sabermos se a URSS terá condições de importar, de forma significativa, soja e outros produtos alimentares, precisamos conhecer o comportamento do mercado destes três produtos e a posição dos soviéticos no seu contexto.

De fato, a URSS tira mais de 80 por cento de suas receitas em divisas, provenientes do Ocidente, com suas vendas de petróleo e de gás. Para se ter uma idéia da dependência soviética por estes produtos, salientamos que a queda nas cotações mundiais do petróleo em 1986, provocou um recuo de cerca de 9 por cento, em dólares nominais, nas exportações soviéticas de petróleo para os países não-socialistas, apesar de um aumento de 22 por cento no volume exportado do produto. Isto provocou uma redução das importações soviéticas



União Soviética:  
um mercado  
promissor, mas  
muito recente

provenientes dos países não-socialistas de cerca de 6 por cento em dólares nominais. Esta situação foi sensivelmente notada nas importações de alimentos, as quais diminuíram de 27 por cento em 1986 em relação ao ano anterior. Isto que em 1986 os preços internacionais dos principais grãos estiveram em forte baixa!

Segundo especialistas norte-americanos, uma baixa do preço do barril de petróleo em um dólar diminui a receita soviética de 500 milhões de dólares. Assim, uma baixa de 14 dólares (passagem de 28 para 14 dólares o barril entre outubro de 1985 e março de 1986) custou 7 bilhões de dólares à URSS. Sem contar que a baixa do petróleo causa ainda a baixa do preço do gás, pois a extração é praticamente simultânea. Pode-se imaginar o quanto diminuíram as receitas soviéticas em 1987/88 quando o preço do barril chegou abaixo dos US\$ 10,00 no mercado mundial.

Tal situação é agravada nos últimos tempos pela queda das cotações internacionais do ouro, terceiro grande produtor soviético na obtenção de divisas ocidentais. Em 1980 o metal precioso era cotado acima de 800 dólares a onça Troy (31,103 gramas). Neste início de 1989 ele gira em torno dos 380 dólares a onça.

Assim, a instabilidade dos mercados do petróleo, do gás e do ouro, associada a uma tendência de queda nas suas cotações internacionais nos últimos anos em termos médios, força a URSS a buscar alternativas à sua dependência alimentar.

Três estratégias foram postas em prática nestes últimos anos. Duas, antes da chegada ao poder de Mikhail Gorbachev e uma terceira após a sua posse como dirigente máximo da URSS.

As duas primeiras são: a busca da auto-suficiência in-

terna em alimentos através de um forte impulso na produção local; e o abandono progressivo das importações alimentares originárias dos países ocidentais e o privilégio às importações provenientes dos outros países socialistas.

No que tange a busca da auto-suficiência alimentar, a URSS, apesar dos altos e baixos, resultantes de uma economia planificada que nem sempre atinge os objetivos previstos no papel, tem conseguido certos avanços importantes, conforme o demonstram as tabelas de número 2, 3 e 4.

Sob a ótica de um exportador de soja como é o caso do Brasil, torna-se importante verificar alguns dados, presentes nestas tabelas, de forma mais apurada.

Sendo assim, na primeira tabela verificamos que a produção de cereais vem crescendo significativamente. Em relação a média de 1981/85, a produção de 1987 representou um aumento de 21 milhões de toneladas. Embora não se tenha os dados oficiais referentes a quantidade de cereais utilizada nas rações, é evidente que um aumento em sua produção permite uma maior substituição das importações de alimentos para animais, sobretudo trigo e milho. Neste contexto, os soviéticos têm importado nestes últimos anos, aproveitando os baixos preços registrados no mercado internacional até fins de 1987, apenas para recompor os seus estoques.

É significativo notar igualmente que a produção de carnes aumenta, porém o rebanho não tem crescido muito. Entre 1983 e 1988, o rebanho leiteiro diminuiu, o de suínos ficou praticamente estável e o de ovelhas e cabras igualmente diminuiu. Apenas os bovinos de corte demonstraram um aumento relativamente importante no período (+6,9 por cento) enquanto o de aves crescia 5,9 por cento

entre 1983 e 1987.

Enfim, é importante salientar que enquanto o rebanho total crescia de 5 por cento entre 1983 e 1987, a produção de carnes cresceu de 13 por cento. Descontados os possíveis aumentos de produtividade, os quais não têm sido significativos até o momento na URSS, estes números nos indicam que poderia estar havendo um abate maior do que o crescimento do rebanho. Isto poderá levar a URSS a importar carnes de forma mais significativa nos próximos anos, fato que já é evidenciado com relação a carne suína.

Entretanto, o relativo progresso na produção total de carnes e no crescimento ge-

ral do rebanho, acompanhado de uma maior demanda de carnes e produtos animais, justifica o aumento significativo nas importações de soja nestes últimos anos. Na verdade, conforme a tabela nº 5 o demonstra, a URSS aparece de forma significativa no mercado importador de soja, e sobretudo em farelo, apenas a partir de 1985.

O que percebemos com os dados desta tabela nº 5 é a forte instabilidade das compras soviéticas. Os números confirmam assim que, apesar das ótimas importações de farelo acontecidas em 1987 e 1988, e de uma recuperação nas importações de grãos, nada nos garante que tal tendência continuará no futuro. Sobre tudo porque, associada a política de aumento da produção interna de alimentos para substituir as importações, os soviéticos colocam em prática outra mudança substancial já há algum tempo: a substituição das importações ocidentais pela originária de outros países socialistas, inclusive da China.

Neste quadro encontram-se por exemplo as importações de grãos e farelos de colza, as quais substituem as importações de soja de forma cada vez mais significativa nestes últimos tempos.

Mas a grande modificação na agricultura e no comércio de produtos agrícolas acontece após a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder em março de 1985.

TABELA Nº 1: CEE — IMPORTAÇÕES DE SOJA (\*)  
(Ano Civil janeiro a dezembro — em milhões de toneladas)

	GRÃO	FARELO	ÓLEO
1973	7,1	4,4	0,2
1980	12,2	9,4	0,5
1981	10,6	10,6	0,4
1982	12,3	11,5	0,5
1983	11,1	12,1	0,5
1984	9,6	11,6	0,5
1985	10,3	13,1	0,5
1986	10,0	12,6	0,5
1987	10,4	12,5	0,5
1988 (**)	10,1	11,8	0,4

(\*) CEE composta de 10 países (Espanha e Portugal estão excluídos das estatísticas acima por terem ingressado na Comunidade apenas em 1986)

(\*\*) Estimativas

Fonte: Oil World

TABELA Nº 2: URSS — PRODUÇÃO DA AGRICULTURA SOVIÉTICA (em milhões de toneladas)

	1981/85 (média)	1985	1986	1987
Cereais	180,3	191,7	210,1	211,3
Beterraba para açúcar	76,4	82,4	79,3	90,0
Girassol	5,0	5,3	5,3	6,1
Batata inglesa	78,4	73,0	87,2	75,9
Algodão	9,1	8,8	8,2	8,1
Carne (abates)	16,2	17,1	17,7	18,6
Leite	94,6	98,6	101,1	103,4
Manteiga	1,4	1,5	1,6	n.d.
Ovos (em bilhões)	74,4	77,3	80,3	82,1

n.d. = não disponível

Fonte: OCDE com base nas estatísticas oficiais soviéticas.

# Reforma pela independência alimentar

A agricultura é um dos setores atingidos pelas medidas de reorganização da produção

Assim, a partir de 1985 a URSS passa a sofrer importantes modificações, tanto políticas, como sociais e econômicas. Palavras como "glasnost" (transparência) e "perestroika" (abertura) atravessam atualmente o mundo, que vê com interesse e curiosidade esta nova tendência soviética.

Entretanto, para que a abertura política dê certo, Gorbachev está consciente de que é preciso uma estabilidade social, a qual é possível na medida em que a população possa se alimentar melhor, e de acréscimo, sem necessitar gastar muito tempo nas filas dos mercados. Um povo descontente poderá fazer com que a oposição às reformas volte com força à cena política do país, anulando o projeto de reformas.

Dentro deste quadro, a agricultura é um dos primeiros setores atingidos pelas medidas de reorganização da produção. Em outras palavras, o objetivo principal é reformar a agricultura permitindo a URSS de cobrir suas necessidades alimentares e não depender mais das importações pagas com divisas fortes. Isto é, recuperar o velho projeto de auto-suficiência alimentar, porém, desta vez com eficiência e resultados concretos.

Um dos principais baluartes desta nova política agrícola consiste em privatizar as propriedades agrícolas. Em outras palavras, aqueles produtores que desejarem alugar terras para produzirem de forma particular, deixando de lado os kolkhozes ou os sovkhozes (\*\*), serão estimulados a fazê-lo. Tais aluguéis podendo durar entre 25 e 50 anos.

Isto porque o setor agrícola na URSS ocupa ainda 22 por cento da população ativa, empregada nos kolkhozes ou nos sovkhozes com uma área média de 5 mil a 6 mil hectares. No entanto, a imensa maioria da população rural possui um duplo trabalho: são assalariados nos campos coletivos e trabalhadores individuais nas suas pequenas áreas privadas. Acontece que estas pequenas áreas fornecem 60 por cento da produção de batatas do país, 30 por cento da produção de legumes, da carne, do leite e dos ovos, e globalmente 25 por cento da produção agrícola total. Entretanto, elas cobrem apenas 1,3 por cento da superfície agrícola útil do país.

A busca de uma maior especialização do setor privado agrícola é então uma das molas do novo sistema soviético. Entretanto, o sucesso está ainda longe de ser conseguido. De fato, frente ao tamanho do desafio, o período de transição deverá ser longo. Além disso, a pressão política contrária às ditas reformas se organiza rapidamente.

Em primeiro lugar, tem-se a resistência dos burocratas enraizados nos antigos sistemas, os quais vão desde o presidente do kolkhoze ou sovkhoze até os responsáveis locais e nacionais do partido e do Estado.

Em segundo lugar, um certo número de fatores de fundo cultural e histórico serão difíceis de esquecer. De fato, durante três gerações a atividade agrícola foi socialmente muito depreciada. Os "kolkhorianos" eram considerados ainda recentemente como cidadãos de segundo escalão. Os mais ativos saíram da agricultura e a população rural atinge, em certas regiões, uma idade muito avançada. Este fato coloca sobre a mesa os sérios problemas de força de trabalho que muitas regiões possuem. Além disso, a coletivização forçada durante o período em que Stalin era o chefe supremo da URSS se traduziu por uma perda da prática e do conhecimento agrícolas por parte dos produtores rurais. Os mesmos foram reduzidos, na época (sobretudo entre 1928 e 1953) à condição de trabalhadores diaristas, dentro de um regime de quase servidão, e foram extremamente desmobilizados. Assim, a docilidade face ao aparelho hierárquico foi igualmente reforçada.

Enfim, em terceiro lugar, as reformas de Gorbachev deverão levar em conta que os agricultores interiorizaram tudo aquilo que era considerado proibido durante os terríveis anos 30 (época forte da ditadura de Stalin), fato que provoca um ódio do vizinho que enriquece, levando-os, como já aconteceu em diversas vezes nestes últimos anos, a destruírem tudo aquilo que é construído dentro das novas propostas.

Entretanto, apesar desta situação de transição, junto a qual não se sabe exatamente aonde a URSS irá che-

gar, pode-se avançar algumas tendências relativas às suas importações de alimentos.

Assim, em resposta a nossa pergunta inicial, podemos dizer que é possível que as importações de cereais forrageiros diminuam significativamente até o ano 2000. Entretanto, no que tange a soja, tudo dependerá da evolução do consumo de produtos animais pela população e da capacidade da agricultura soviética produzir proteínas de forma suficiente para não mais depender das importações desta oleaginosa. A curto prazo a tendência deverá ser de um aumento nas importações, apesar da forte instabilidade existente, pois o mais urgente é colocar alimentos nas prateleiras dos mercados. A longo prazo, se as reformas gerais e a agrícola em particular surtirem efeito, poderemos assistir a uma reviravolta da realidade soviética e o seu mercado consumidor de alimentos importados, inclusive a soja, encolher de forma considerável.

Entretanto, não podemos esquecer que para as reformas darem certo, a URSS necessita de dinheiro. Como está difícil para fazê-lo exportando, em função da queda nas cotações dos três principais produtos por ela negociados no Ocidente, a URSS busca fazer reservas de capitais, para reinvesti-los na produção interna, através do desarmamento internacional posto em marcha com os Estados Unidos e da retirada de seu exército do Afeganistão de forma definitiva no dia 15 de fevereiro passado. Ao mesmo tempo, ela aguarda, como todo importador que se preza, que as cotações dos grãos no mercado internacional voltem a baixar. Uma alta como a ocorrida no caso da soja, do milho e do trigo por exemplo, em 1988, evidentemente não interessa aos soviéticos.

Ora, dois caminhos cujas variáveis os soviéticos estão longe de controlar, apesar de poderem exercer importantes influências.

## NOTAS:

(\*) Principais fontes de pesquisa para a produção deste artigo:

a) BEAUCOURT, Chantal. — L'économie soviétique à un tournant? (artigo apresentado em abril de 1987 durante um colóquio da OTAN em Bruxelas);

b) LAVINGNE, Marie. — URSS: le XIIe Plan (artigo publicado em abril de 1986 no "Le Moniteur du commerce international");

c) DRACH, Marcel. — La poursuite des réformes en Union Soviétique: la résurrection des fermiers (artigo publicado no jornal Le Monde Diplomatique, de Paris, do

mês de outubro de 1988 na página 5);

d) SENIUK, André. — Agriculture soviétique: les bureaucrates s'accrochent à leurs privilèges (artigo publicado na La Lettre de Solagral de março de 1989, nas páginas 18 e 19);

e) OCDE. — Suivi et perspectives des politiques des marchés et des échanges agricoles (documento de difusão geral publicado pela OCDE em Paris em 1988).

(\*\*) Segundo SENIUK (veja bibliografia acima), na origem, os kolkhozes eram propriedades rurais coletivas onde a renda dos trabalhadores era ligada aos resultados de toda a coletividade. Os sovkhozes eram propriedades do Estado, onde os trabalhadores eram assalariados. Hoje, não existe mais uma real diferença entre os dois.

TABELA N° 5: — IMPORTAÇÕES DE SOJA (em milhões de toneladas)

	GRÃO	FARELO
1973	0,7	— 0 —
1980	1,1	0,3
1981	1,4	1,1
1982	1,5	1,4
1983	1,4	2,9
1984	0,6	0,3
1985	1,0	0,5
1986	2,0	0,3
1987	1,5	2,9
1988 (*)	1,5	3,4

(\*) Estimativas  
Fonte: Oil World

TABELA N° 3: URSS — COMPOSIÇÃO DO REBANHO (em milhões de cabeças no dia 1° de janeiro de cada ano)

	1983	1984	1985	1986	1987	1988
Leiteiro	43,8	43,9	43,6	42,9	42,5	42,0
Outros bovinos	73,4	75,7	77,4	78,0	79,4	78,5
Porcos	76,7	78,7	77,9	77,8	80,0	77,3
Aves	1104,5	1126,1	1143,0	1165,5	1170,0 (*)	n.d.
Ovelhas e cabras	148,5	151,8	149,2	147,3	148,0	147,0

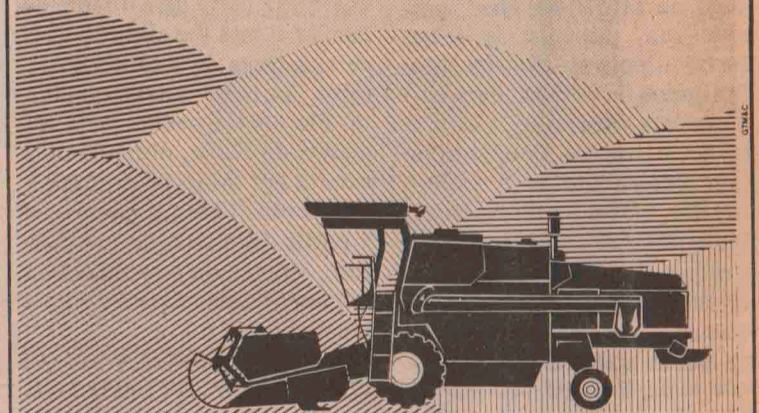
(\*) Estimativas  
n.d. = não disponível  
Fonte: OCDE com base nas estatísticas oficiais soviéticas

TABELA N° 4: URSS — PRODUÇÃO DE CARNE E DE MANTEIGA (em milhões de toneladas por ano civil)

	1982	1983	1984	1985	1986	1987
Total de carnes	15,4	16,4	17,0	17,1	18,0	18,6
— Boi e bezerro	6,6	7,0	7,2	7,4	7,8	n.d.
— Porco	5,3	5,8	5,9	5,8	6,1	n.d.
— Ovelha e cabra	0,8	0,8	0,9	0,8	0,9	n.d.
— Aves	2,4	2,6	2,7	2,8	3,0	n.d.
— Outras carnes	0,3	0,2	0,3	0,3	0,2	n.d.
Manteiga	1,3	1,4	1,5	1,5	1,7	n.d.

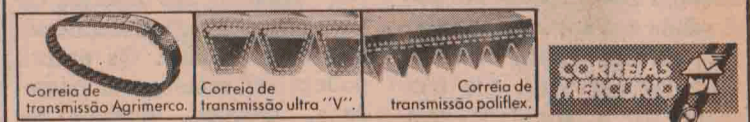
n.d. = não disponível  
Fonte: OCDE com base em relatórios oficiais soviéticos.

## MERCÚRIO ESTÁ CADA VEZ MAIS PERTO DA TERRA.



Agora você pode encontrar as melhores correias agrícolas sempre por perto. É só procurar pela marca MERCÚRIO na sua cooperativa. Para transporte, elevação de grãos,

para transmissão de força e vedações, as correias agrícolas MERCÚRIO são sempre a solução mais durável e econômica para quem trabalha na terra.



Procure na sua cooperativa.

# Racionalizando a propriedade

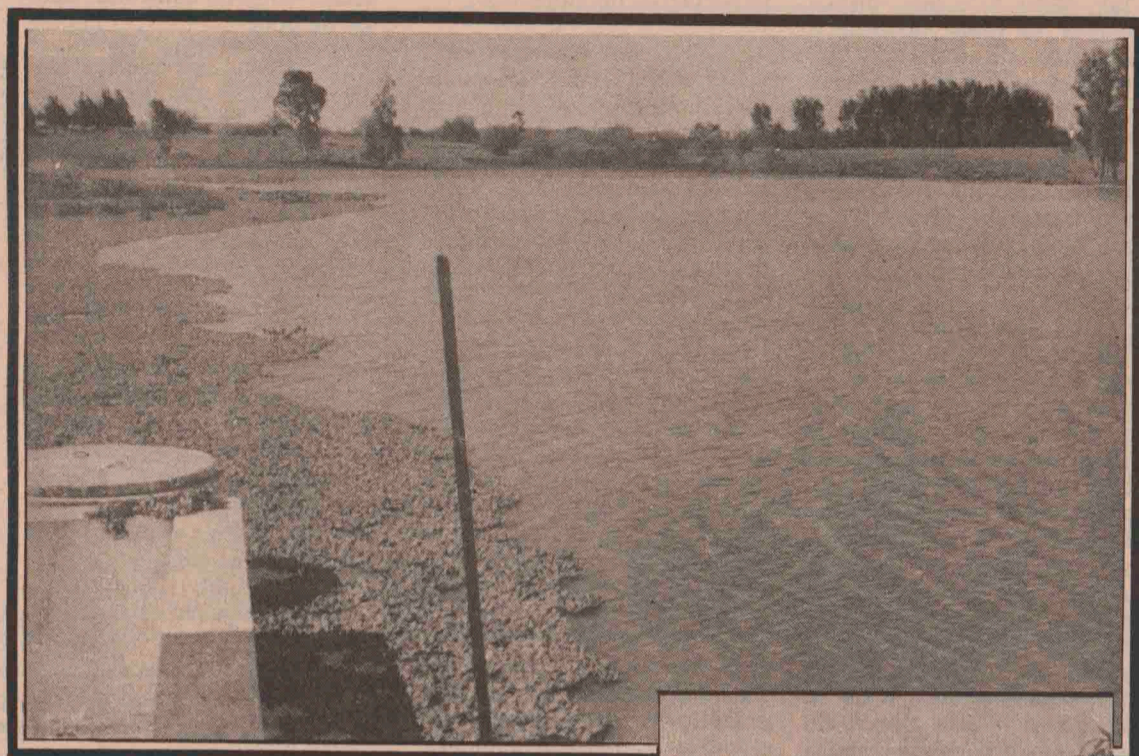
O dia de campo para falar sobre peixes, realizado em Indápolis, no MS, contou com a presença de 160 produtores

Fazer o uso racional da propriedade rural, aproveitando todas suas potencialidades e diversificando as atividades, tem sido uma das pregações da Cotrijunf ao seu associado, e esta recomendação tem sido levada ao pé da letra por muitos agricultores. É o caso de Antônio Conti, associado da cooperativa na Linha Potreirito, em Indápolis, no município de Dourados, onde foi realizado um dia de campo sobre piscicultura e que contou com a presença de 160 participantes.

O agricultor tem 55 hectares dos quais 48 são cultivados com soja, milho, trigo e pastagens, um hectare com reserva florestal e um hectare com açudes para piscicultura. O resto da área é ocupada com construções, horta e pomar. Antônio Conti iniciou sua criação de peixes no ano passado, tendo em vista o aproveitamento de uma área inadequada para o cultivo nos fundos de sua propriedade e que apresentava alguns requisitos essenciais para a piscicultura. Além disso ele vai ter a partir de agora mais uma fonte de renda e apesar da comercialização ainda ser deficiente, existe um mercado comprador garantido para o consumo de peixes.

Para viabilizar as primeiras instalações, o produtor investiu cerca de 1.500 cruzados novos, incluindo um tanque de meio hectare para engorda e a compra de quase cinco mil alevinos de pacu e carpa. Ele esperava colher cerca de oito toneladas, mas teve sua primeira colheita frustrada, pois obteve somente 180 quilos de peixes. Para explicar esta frustração, Conti e os técnicos da cooperativa que acompanharam o trabalho, dão vários motivos, entre eles a falta de experiência para o manejo da atividade, que permitiu por exemplo, o aparecimento de peixes carnívoros como a traça, que teve seus ovos levados por pássaros para o açude e ali se desenvolveu, eliminando os alevinos de pacu e carpa que foram colocados posteriormente no local.

Apesar do insucesso da primeira colheita, o associado não vai desistir da piscicultura e considera que a experiência neste primeiro ano foi válida e o aprendizado servirá para não repetir os erros cometidos até aqui. Ele tem certeza que a atividade tem futuro e já está planejando a construção de mais um tanque



para criação de peixes, onde vai colocar somente alevinos onívoros e não outras espécies como o cat fisch, um peixe carnívoro que Conti pôs no primeiro açude e que pode também ter sido o predador dos filhotes de pacus e carpas.

Para Lucas Vital da Silva, associado em Montese, o que aconteceu com Antônio Conti é perfeitamente normal e já ocorreu quando ele iniciou seu trabalho com piscicultura. O produtor conta que enfrentou os mesmos problemas e dificuldades, mas persistiu e hoje a piscicultura diversificou a sua propriedade e lhe dá uma fonte de renda segura. Além disso, o peixe — um dos alimentos mais nutritivos — faz parte do cardápio da família e está lhe abrindo boas perspectivas de retorno financeiro. Durante a Semana Santa, ele previa vender uma tonelada de peixe, obtendo uma receita em torno de dois mil e quinhentos cruzados novos, e a partir de março do próximo ano, através de convênio, vai fornecer carpas e pacus para a Empaer e a LBA.

## PARA QUEM VAI INICIAR NA ATIVIDADE

Para se começar na piscicultura é preciso observar alguns requisitos essenciais, além da simples disposição para criar peixes e ver na atividade uma forma de lazer. É necessário em primeiro lugar que a área a ser utilizada tenha uma boa topografia e água com vazão o ano inteiro, de preferência com abastecimento por gravidade. Os peixes podem ser criados em barragens, tanques, viveiros ou açudes com tamanho de 100 metros quadrados a cinco mil

metros quadrados, observando-se uma profundidade mínima de 60 centímetros e máxima de dois metros. É preciso também fazer análise da água, que deverá ser pura sem contaminação de qualquer espécie e proceder a fertilização, calagem e adubação do reservatório para que haja um bom desenvolvimento das plantas aquáticas, que servirão por sua vez, para alimentar os peixes.

Na hora de escolher quais as espécies que serão criadas é importante se observar a sua adaptação ao clima, o tempo de crescimento, a facilidade de reprodução, os hábitos alimentares, sua rusticidade (resistência às doenças) e também a sua aceitação no mercado consumidor. Os peixes que tiveram melhor adaptação no Estado, são o pacu, um peixe nativo e a carpa, que é originária da Ásia. Estes dois preenchem todos os requisitos básicos, sendo que o pacu leva 18 meses para atingir o peso de um quilo e a carpa dez meses para atingir o mesmo peso. A alimentação pode ser feita através de consorciação com a criação de suínos, com subprodutos agrícolas, com raízes, ramas ou frutas, com a flora nativa do açude e com ração balanceada.

Outro fator importante a ser considerado é a quantidade de alevinos a serem colocados no açude. O cálculo prevê a criação de um peixe



Antônio Conti

por metro quadrado. Assim a produção por hectare é de duas a quatro toneladas de peixe por ano, utilizando-se alimentação natural e de seis a dez toneladas conjugando-se a alimentação natural mais a artificial, composta por ração industrializada.

## O USO DO PEIXE NA ALIMENTAÇÃO

É sabido que o peixe apresenta alto valor nutritivo,

sendo rico em proteínas, minerais, vitaminas e gorduras. Mesmo assim o brasileiro, a despeito da enorme oferta provocada por uma extensa costa marítima e uma bacia hidrográfica invejáveis, consome pouquíssima carne de peixe, muito provavelmente pela falta de hábito, uma vez que o peixe leva várias vantagens sobre os outros tipos de carne. A começar pelo seu valor alimentício, cuja carne apresenta as menores taxas de gorduras, sendo recomendada tanto em regimes alimentares como para quem está preocupado em manter sua saúde em dia, com baixas taxas de colesterol. Leva vantagem ainda, com relação ao preço, principalmente se comparada a carne bovina. Também quanto ao paladar, o peixe oferece variadas opções, podendo ser preparado de outras maneiras além do tradicional peixe frito. Pode ser consumido em forma de escabeche, assado ou grelhado.

E para quem cria carpas há boas notícias. A novidade vem da EMPASC, de Santa Catarina, que descobriu novas utilizações para a carpa na alimentação humana. Uma delas é o carpiar, iguaria semelhante ao caviar, que é feito com as ovas da carpa. A outra é o fishburger, um bolinho de carne para sanduíches, feito com os peixes menores que não são utilizados comercialmente. As novidades provam que a pesquisa está atenta para novas descobertas, garantindo desta forma mercado consumidor para aqueles que investiram na piscicultura.

Proteja Seu Lucro.

## Sacaria FRESAL de Polipropileno

- Alta resistência e durabilidade;
- Costura lateral com dobra dupla e reforço na boca;
- Impressão nítida em até 3 cores;
- Baixo custo e entrega imediata.



FRESAL EMBALAGENS LTDA.  
Fone: (0512) 43.4399

P.A.Z.

## DOM PEDRITO

# Um sindicato mais político

O futuro presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, José Roberto Pires Weber, que concorre em chapa única às eleições de 24 de maio próximo, tem grandes planos para a gestão. Liderando uma nominata onde destacam nomes como do ex-prefeito municipal, Quintilhano Machado Vieira, vereador Lidio Dalla Nora Bastos, Antônio Carlos Xavier Hias, Ricardo Luiz Alves Bender, Anthero de Assis Meirelles, Waldomiro Antônio Coradini, Pascoal Marcelo Brandi e Ilso Menegás, está entusiasmado com a perspectiva de desempenhar uma ativa administração, para o que espera a participação de todos os futuros companheiros de diretoria.

Weber pretende um sindicato participativo em termos sociais e mais atuante nas questões políticas. Propõe que o sindicato passe a agir, ainda mais do que na atualidade, como um braço político da comunidade, atento às suas necessidades mais hegemônicas. É sua intenção, também, desenvolver uma política de

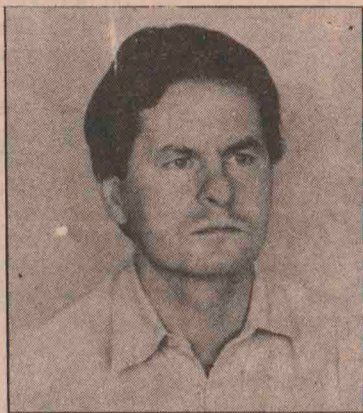
maior integração entre lavoura e a pecuária, respaldando, conforme frisou, trabalho que vem sendo desenvolvido há tempos, pela Cotrijuí.

Considera fundamental que as lideranças do ruralismo gaúcho se conscientizem mais para a necessidade de uma prática política que venha fortalecer os sindicatos, em particular, e, por via de consequência, a própria Farsul, que é a entidade máxima representativa da classe agropecuária. Deseja uma participação maior dos agricultores do município junto ao sindicato, "pois é somando forças que se vence batalhas", ressaltou o ruralista.

No que se refere à administração interna, pretende dar um maior aproveitamento ao parque de exposições "Juventino Corrêa de Moura".

### NOMINATA DA DIRETORIA

Os nomes que compõem a chapa que concorre às eleições de 24 de maio, são: efetivos — José Roberto Pires Weber, Lidio Dalla Nora Bastos, Quintilhano Machado Vieira,



José Roberto Weber

Antônio Carlos Xavier Hias, Ricardo Luiz Alves Bender, Anthero de Assis Meirelles e Waldomiro Antônio Coradini.

Suplentes: Edegar Pereira Severo, Eleutério Almeida Brum, Mário Ricardo da Silva Seabra, Edelci Carlos Comin, Ector Machado Rodrigues, Carlos Alberto Ruiz Severo e Luiz Afonso de Souza Severo.

Conselho fiscal — efetivo — Cândido de Godoy Dias, Pascoal Marcelo Brandi e Ilso Menegás. Suplentes — Darci Ferreira Maciel, Arthur Villamil de Castro e Elbio Frantz Costa.



A boa pecuária de Dom Pedrito

## Dom Pedrito promove este mês 5ª Fetername

Pecuaristas de Dom Pedrito já se preparam para a realização da 5ª Fetername, a se realizar no próximo dia 18 de maio no Parque de Exposições "Juventino Corrêa de Moura", do Sindicato Rural do município. A promoção é da Secretaria de Promoção e Abastecimento, Sindicato Rural de Dom Pedrito, Núcleo Pedritense de Produtores de Terneiros de Corte, e apoio da Cotrijuí.

Para Newton Munhoz, diretor do Sul Remates — Produtores Associados, a 5ª Feira de Terneiro de Corte de Dom Pedrito será inovada este ano, com a oferta de vaquilhonas. Segundo disse, serão colocados em pista, para venda, 300 terneiros e 150 vaquilhonas selecionadas.

Até poucos anos atrás, Dom Pedrito era um município apenas criador. A terminação, diz Newton Munhoz, ficava por conta de outros municípios, mesmo da região da fronteira, até com campos inferiores aos campos pedritenses, que são considerados os melhores para a pecuária, do Brasil. Mas com a entrada da Cotrijuí em Dom Pedrito, seguida das feiras de terneiros, hoje esse panorama está mudando, diz o ruralista.

Hoje, não só estamos com elevados índices de terminação, como também, reduzindo a idade de desfrute e aumentando a taxa de natalidade dos rebanhos. A adoção das pastagens de inverno e verão, como reforço aos campos naturais, está se tornando rotina, diz Munhoz. Inclusive, com a expansão da agricultura, os pecuaristas estão aproveitando as restas do arroz e da soja, para a terminação de engorda do gado, resultando em ótimos resultados de ganho de peso.

# Para dominar o gado bravo, você precisa da força de um Elefante.

O arame farpado Elefante possui fios grossos de alta resistência.

Suas farpas, entrelaçadas por dentro e por fora do fio da cordoalha, nunca saem do lugar.

E apesar de tão robusto, mantém uma flexibilidade que facilita o trabalho.

Não é à toa que Elefante é o preferido na sua categoria. Até os animais mais pesados e inquietos respeitam a força que ele tem.



SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.  
Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS - CEP: 93200 - TEL.: (0512) 73-1288  
COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA.  
Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 23568 - TEL.: (021) 305-1515  
SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.  
BR 232, Km 12,7 - Recife - PE - CEP: 50791 - TEL.: (081) 251-3488

PP 232/88

COTRIJORNAL

COTRIJORNAL

### A poliomelite infantil

Marli Dambroz Klein

No período de 1980 a 1985, o Brasil teve como meta o controle da poliomelite através, principalmente, dos dias nacionais de vacinação. A partir de 1986 o objetivo é erradicar a paralisia infantil, ou seja, acabar de vez com a transmissão dessa doença até 1990.

Este esforço de acabar com a poliomelite faz parte de um compromisso assumido por todos os países das Américas, a serviço do Conselho Diretor da Organização Panamericana da Saúde — OPAS — que é constituído pelos Ministros de Saúde americanos. Assim, o governo brasileiro inclui esta meta no seu Plano de Prioridades Sociais.

No Brasil, com a adoção dos dias nacionais de vacinação a partir de 1980, conseguiu-se diminuir o número de casos, que até 1979 registrava, em média, cerca de 2.500 casos anuais de paralisia infantil. Já no primeiro ano das vacinações (1980), o número de casos reduziu quase a metade, ou seja, 1.290. Em 1981 caiu para 122, em 1982 para 69 e 1983 caiu para 45, sendo que nestes anos o número de crianças vacinadas foi bem alto. Entretanto, em 1984 o número de casos aumentou para 130 e em 1985 para 156. Isto se deve, principalmente, porque o número de crianças vacinadas diminuiu.

Para erradicar a poliomelite até 1990, a participação de todos é muito importante. Para tanto, é preciso que todos saibam o que é a poliomelite, a vacina, as campanhas de vacinação e a vigilância da doença, e que assumam sua parte na tarefa de acabar com esta doença no Brasil.

#### O QUE É A POLIOMIELITE?

A poliomelite, também chamada de paralisia infantil, é uma doença causada por micróbio chamado poliovírus, que ataca o sistema nervoso. Quando o poliovírus entra no organismo de uma pessoa, geralmente ele causa apenas uma infecção localizada no intestino, que nem é percebida pela pessoa. É a chamada forma inoperante, que ocorre em 9 de 10 casos infectados. Outras vezes, a pessoa começa a apresentar, uns 7 dias depois, febre, dor de cabeça, dores na barriga e nos músculos (principalmente nas pernas), a pessoa vomita e sente um mal-estar geral. Muitas vezes a doença fica só nisso, e em alguns casos o poliovírus causa paralisia que permanece pelo resto da vida. A paralisia é mais freqüente nas pernas, mas pode afetar os músculos da respiração, levando à morte, e tanto adultos como crianças podem ter poliomelite. No Brasil esta doença ataca mais as crianças que têm menos de 5 anos de idade.

#### Como a poliomelite se transmite de uma pessoa doente para outra sadia?

A poliomelite sai do organismo do doente pelas fezes ou quando o doente tosse, espirra ou fala. A pessoa sadia pega a poliomelite quando tem contato direto com estas fezes contaminadas pelo poliovírus ou quando tem contato direto com o doente, mesmo que ele não apresente paralisia.

#### O que se pode fazer para evitar a transmissão da poliomelite

Para evitar a transmissão da po-

liomelite é preciso:

1) Vacinar todas as crianças menores de 5 anos, pois a vacina é o único meio disponível para evitar que as pessoas adoeçam de paralisia infantil. A vacina é indicada a todas as crianças menores de 5 anos, porque é nesse grupo que acontece a maior parte dos casos da doença.

A vacina contra a poliomelite é dada pela boca, em três ou mais doses. Geralmente cada dose corresponde a duas gotinhas, e a vacina é encontrada nos postos de saúde em qualquer dia do ano, gratuitamente, e a criança deve receber a primeira dose aos dois meses de idade. Nas campanhas de vacinação que ocorrem todos os anos no Brasil, todas as crianças, desde o dia em que nascem até os 5 anos de idade precisam ser vacinadas, mesmo que já tenham tomado várias doses de vacina. Vale a pena ressaltar que nos dias de campanha, a vacina contra a poliomelite deve ser aplicada em todas as crianças, mesmo que estejam com diarreia, gripadas, com febre até 38 graus ou que já tenham tomado a vacina em dias anteriores.

2) A poliomelite, como já foi dito, é uma doença que se transmite com facilidade. Uma pessoa doente pode passar o poliovírus para, aproximadamente, mil pessoas. Por isso é preciso ficar vigilante, ou seja, ficar atento ao aparecimento de pessoas, principalmente crianças, com pernas moles ou com qualquer paralisia em qualquer parte do corpo, que tenha aparecido "de repente". Quando isso acontece, essa pessoa deverá ser levada rapidamente a um hospital para receber cuidados médicos. Deve-se também avisar ao Posto de Saúde, Secretaria de Saúde, prefeitura ou outra instituição, a fim de que sejam tomadas as devidas providências.

#### O que fazer para colaborar nas campanhas de vacinação?

É preciso vacinar todas as crianças de zero até 5 anos de idade para que se interrompa a transmissão da paralisia infantil. Para isso é importante que todas as pessoas da comunidade se juntem às equipes de saúde no esforço para vacinar todas as crianças. É fundamental que todos participem na divulgação, organização, na execução e avaliação da campanha. É importante também que a população esteja bem informada sobre a doença, vacina e campanha, que a população verifique se a vacina está conservada na geladeira ou isopor com gelo; que a população verifique se cada dose aplicada está sendo registrada na folha de registro; que a população verifique se todas as crianças menores de 5 anos de sua rua, bairro, zona rural, sítio, etc., receberam a vacina antipólio oral; que a população denuncie aos serviços de saúde competentes a ocorrência de negligência, deficiências, mau atendimento, falta de vacina e outros problemas que possam impedir que todas as crianças sejam vacinadas.

Para que consigamos vacinar todas as crianças até 5 anos de idade, é preciso que todos participem de todas as etapas do trabalho de vacinação, de forma que cada cidadão se sinta responsável e assim consigamos acabar em breve com a paralisia infantil no Brasil.

Marli Dambroz Klein é enfermeira do Hospital Bom Pastor

# COLUNA do LEITE

## LEITE CONGELADO

• Em conseqüência da queda de temperatura que nesta época do ano começa a ocorrer, o Setor de Leite da Cotrijuí volta a enfrentar um velho e desgastante problema: o do leite congelado. Ao contrário do que alguns produtores ainda pensam, leite congelado é sinal de problemas, tanto no ato de recebimento do produto como no próprio bolso do produtor. Dificulta a retirada do produto do tarro, acarretando perda de tempo; altera o funcionamento da descarga no Posto de Recebimento, obrigando uma parada no trabalho da balança, pelo menos até que o produto seja retirado do tarro; apresenta problemas de armazenagem devido a alteração que sofre ao passar do estado líquido para o sólido, além de perder qualidade. Por estas séries de razões e dificuldades, o Setor de Leite da Cotrijuí está solicitando aos produtores que evitem a entrega de produto congelado. Para que o produto não congele, já que a temperatura começa a cair e o leite precisa ficar no congelador, basta evitar o contato direto do tarro com as paredes do congelador. Mas vai um aviso: caso este problema continue se agravando, o Setor de Leite será obrigado a suspender o recebimento do produto congelado.

## TARROS

• Outro problema: tarros de leite à beira da estrada desde a manhã até a tarde. O Setor de Leite está solicitando que os produtores avaliem as condições higiênicas de tais situações — beira da estrada — que são precárias, e permitam o desenvolvimento de bactérias no tarro pela ação da temperatura e das sujidades advindas destes locais — poeiras, animais, entre outros. Um segundo ponto, referente aos constantes furtos de tampas e até mesmo de tarros devido ao fácil acesso encontrado e que propiciam estes danos. Por estas duas razões — falta de condições higiênicas e roubos — o Setor de Leite volta a lembrar a necessidade do produtor construir pequenos abrigos para os tarros evitando, desta forma, possíveis transtornos.

## PRODUÇÃO DO MÊS

• Durante o mês de março de 89, a produção leiteira da Região Pioneira ficou em 2.802.527 litros de leite, para um total de 5.032 produtores. Neste caso estão incluídos leite normal, ácido e condensado. Em relação a janeiro deste ano, a queda na produção de março foi de 19,06 por cento. Fazendo um comparativo com os números do ano passado, mesmo período — janeiro e março — a queda de produção foi de 11,40 por cento, ou seja: praticamente 8 por cento menor. Essa diferença é atribuída aos problemas de estiagem ocorridos em janeiro de 88.

## REUNIÃO TÉCNICA DA CCGL

• Na última reunião técnica da CCGL, realizada na cidade de Rio Grande, no dia 5 de abril, na propriedade do Grupo Joaquim Oliveira, foram discutidos diversos assuntos, entre os quais: o comportamento do recebimento de leite pela CCGL até o mês de março deste ano, apresentando um crescimento de 6,71 por cento em relação ao mesmo período do ano passado — enquanto isso o recebimento efetuado pelas indústrias em todo o Estado, foi de 1,74 por cento negativo e autorização, por parte do governo, de importação de 36 mil toneladas de leite em pó sem tributação do ICMS e com diferença de preço entre o produto importado, que entra subsidiado, e o nacional, fazendo crer que não existe intenções de qualquer reajuste, pelo menos imediatamente. Outro assunto da pauta esteve relacionado com a intenção da CCGL de financiar resfriadores de leite pelo sistema de troca por produto. Este financiamento — ainda em estudo — deverá atingir apenas aqueles produtores com entrega de mais de 100 litros diários de leite. O resfriador a ser financiado teria um custo menor e o prazo de pagamento, em leite, poderá ficar em seis meses. Assim que o Setor de Leite da Cotrijuí tiver informações definidas a respeito deste financiamento, repassará aos produtores de leite.

## FENALÊITE

• Estará acontecendo de 24 a 28 de maio de 1989, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, a 1ª Feira Nacional do Leite. Paralelamente a este acontecimento, também se realizam a 12ª Exposição de Gado Leiteiro — Expoleite; a I Feira de Derivados, Insumos de Indústria e o I Encontro Brasileiro de Leite — EBL. Os temas a serem debatidos no encontro são os seguintes: produção leiteira, extensão e cooperativismo a serviço do desenvolvimento; sistema de apoio do governo aos pequenos produtores; a importância do leite na economia do Estado; O papel social na distribuição do leite; o leite como alimento indispensável na saúde humana; o leite e seus produtos; o Cone Sul e o leite; alfafa, a rainha das leguminosas; capineiras, garantia de alimento na entressafra; feno e silagem — leite o ano inteiro e resíduos da indústria. Será um evento técnico, mas aberto ao público interessado.

## ATESTADO DE VACINA DA FEBRE AFTOSA

• Por solicitação do Ministério da Agricultura, todos os produtores de leite deverão estar em dia com a vacinação de seus rebanhos contra a febre aftosa, para que a cooperativa possa continuar recebendo o leite oriundo de suas propriedades. Aqueles produtores que vinham vacinando seus rebanhos regularmente, já têm o atestado de vacina pronto, e estão com sua situação em dia. Aqueles produtores que não vinham vacinando, terão que regularizar a situação junto a Inspetoria Veterinária. Diante desta situação, o Setor de Leite da Cotrijuí está solicitando aos produtores em situação irregular que providenciem nas vacinações, evitando, assim, uma possível suspensão no recebimento do leite.

## FINANCIAMENTO DE PASTAGENS

• O Setor de Leite da Cotrijuí comunica que os financiamentos de pastagens por troca de leite continuam, porém apenas para aquisição de sementes de forrageiras. O financiamento do adubo era limitado e a verba repassada pela CCGL esgotou logo nos primeiros dias.

## VENDA DE NOVILHAS

• A Cotrijuí tem trazido novilhas holandesas de outras regiões do Estado para serem comercializadas aos associados produtores de leite pelo sistema troca de animal por litro de leite. Dentro deste projeto já foram vendidos 68 animais para associados das diversas unidades da Regional Pioneira. Atualmente o projeto aguarda uma maior oferta de animais no mercado, para prosseguir com os financiamentos.

# CALENDÁRIO

## O cooperado de hortigranjeiros

Volume, frequência e qualidade. Estes três fatores resumem os objetivos do novo programa cooperado de hortigranjeiros da Cotrijuí. Antes de implantado, o programa, ainda sob a forma de projeto piloto, foi debatido e aprovado pelo Conselho de Produtores de Hortigranjeiros em reunião realizada no dia 14 de abril. "Neste primeiro momento buscamos, através do programa cooperado, consolidar canais de comercialização", destaca João Agostinho Boaro, agrônomo e coordenador da Área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira, lembrando que a falta de oferta de produtos em determinadas épocas do ano, afasta o comprador que vai procurar o mesmo produto em outras fontes. "O que se está buscando é garantir a frequência, o volume e a qualidade do produto, reforça o agrônomo que vê neste três fatores uma forma de melhor organizar a produção de hortigranjeiros da região, eliminando



O repolho é um dos quatro produtos que integram o programa

as faltas ou excessos de produtos em determinadas épocas.

Mas além de procurar melhor organizar a produção de hortigranjeiros, o programa cooperado vai oferecer maior segurança ao produtor na medida em que seus produtos têm colocação certa no mercado. Os excessos de produtos na lavoura vão desaparecer, pois toda a produção foi programada de acordo com a demanda. João Boaro aponta ainda como vantagens o fato do programa contribuir para o aumento do

## Financiamento para correção do solo

Os agricultores interessados em participar do Projeto Global de Correção de Solos, implantado pela Cotrijuí, Regional Pioneira, no ano passado, devem procurar as Unidades da cooperativa em seus municípios. A Cotrijuí está colocando à disposição dos seus associados, independentes de suas categorias, duas modalidades de financiamentos: uma chamada "financeiro" e a outra "troca por soja".

Na modalidade **financeiro**, o associado que solicitar financiamento para correção do solo assinará um título de crédito correspondente ao valor total do financiamento. Este valor se-

rá corrigido pela variação do IPC acrescido de mais 12 por cento ao ano, "podendo este índice, alerta Júlio Feil, gerente da Área Financeira da Cotrijuí na Pioneira, ser alterado conforme decisão do governo. O prazo de pagamento é de quatro anos, divididos em quatro parcelas anuais iguais, com vencimentos para 15 de julho de cada ano.

Os agricultores que optarem pela modalidade **troca por soja**, terão de comprometer soja em grão para pagamento em 31 de maio de 1990. O preço da soja para base de cálculo é de NCZ\$ 0,15 por quilo.

## SERVIÇOS...

### PRODUTOS VETERINÁRIOS

A Squibb Veterinária está distribuindo e comercializando quatro novos produtos da "Linha Champion":

- **Eclosan** — antiparasita oral para eqüinos, distribuído em seringas de 25 gramas. O produto é uma associação de Closantel e Mebendazol.

- **Disofen** — Antihelmíntico injetável para bovinos, ovinos, caprinos e bubalinos, à base de Disofenol.

### PILOTO AUTOMÁTICO

A Precon S.A. — Indústria de Equipamentos Eletrônicos, de Porto Alegre, está lançando o seu piloto automático "Speedostat", que já se encontra à venda no Rio Grande do Sul e São Paulo. A Precon, empresa subsidiária de Albarus, tradicional fabricante de auto-peças, desenvolveu o "speedostat" com tecnologia da Dana Corporation, norte-americana, que fabrica esse sistema de controle de velocidade há 26 anos. O aparelho pode ser usado em carros de passeio de fabricação nacional ou estrangeira, a álcool ou gasolina, e em "pick-ups" leves, com transmissão automática ou mecânica.

Consiste num equipamento

que proporciona atividade contra os mais importantes parasitas internos do gado até por 120 dias.

- **Nutrerumen** — Proteínas e Minerais para o rebanho. Balanceada composição de proteínas e minerais para aumentar rendimento da criação.

- **ADE — 12** — Suplemento vitamínico em pó para bovinos, ovinos, caprinos, eqüinos, suínos, aves, coelhos e bubalinos.

eletromecânico controlado eletronicamente, tendo como principal função manter a velocidade do veículo num nível de média constante pelo motorista. De acordo com os técnicos, o equipamento independe de qualquer manutenção, possuindo vida útil de 250 mil quilômetros. O lançamento oficial do projeto aconteceu no último dia 13, na Federação e Centro das Indústrias em Porto Alegre. Segundo o presidente da Precon, engenheiro Tito Lívio Goron, o passo seguinte da empresa será desenvolver tecnologia para produzir equipamento semelhante, destinado ao uso em caminhões e ônibus.

volume produzido e comercializado; o melhor aproveitamento das entressafras e uma maior eficiência no mercado.

### QUATRO PRODUTOS

Neste primeiro momento, o cooperado de hortigranjeiros vai atingir apenas quatro produtos: a cenoura, a beterraba, o repolho e a moranga cabutiá. Para um futuro próximo, a intenção é a de abrir o programa, buscando não apenas aumentar o volume de produção, mas também envolver um maior número de produtos e de produtores. O programa inicia com 110 produtores que, obrigatoriamente terão de obedecer a um calendário de plantio e de entrega da produção: 12 produtores de cenoura, 12 de beterraba, 12 de repolho e 74 de moranga.

lho e 74 de moranga.

Dentro do programa cooperado, os produtores receberão os insumos necessários para a implantação das lavouras — podendo realizar o pagamento por troca de produto — e orientação técnica. Os produtores, por sua vez, vão ficar no compromisso de entregarem a produção para a cooperativa. E esta, no compromisso de comercializar toda a produção entregue. Para os produtos cooperados, a Cotrijuí já assumiu, via box da Ceasa, em Porto Alegre, o compromisso de enviar, toda a semana, uma carga de cenoura, beterraba, e repolho. O compromisso com a moranga cabutiá, é de 300 toneladas por ano.

## Lã: prioridade em Jóia

Antônio Goya

A lã, no Rio Grande do Sul, constitui-se em um dos principais produtos de importância econômica, uma vez que é, definitivamente, a produção de uma matéria-prima com a qual se elabora uma gama muito variada de produtos têxteis.

Entretanto, a transformação da lã, desde seu estado natural até seu uso final, está caracterizado por uma série de etapas, onde sofre progressivas modificações e onde intervêm produtores, compradores, indústria de beneficiamento, confeccionista, vendedores e consumidores. O produtor, por sua vez, deveria conhecer melhor quais as características da lã que apresentam importância econômica para que possa considerá-la nos planos de melhoramento genético, manejo, sanidade e nutrição do rebanho.

O ovinocultor precisa conscientizar-se que a lã não tem valor apenas pelo peso, mas sim pela classificação, a qual divide-se nas seguintes classes: merina, amerinada, prima A, prima B, cruza I, cruza II, cruza IV, cruza V e cruza VI, além da crioula, preta ou moura. Estas, por sua vez, subdividem-se em supra, especial, boa, corrente e mista.

No município de Jóia, onde predomina uma região de campo com um rebanho ovino bastante expressivo, a unidade da Cotrijuí conta hoje com assistência técnica nesta área, tanto a nível de campo como de barraca. Com esse trabalho busca-se não apenas uma maior produção de lã de melhor qualidade, mas também levar o pecuarista a melhorar seu rebanho, genética e sanitariamente, pois é do interesse da Unidade a produção de lã.

A lã recebida pela Unidade até o momento, totaliza 30 toneladas, sendo que a estimativa para a próxima safra é de aproximadamente 80 toneladas. Em torno de 70 por cento do recebimento foi do município e o restante procedente de outras regiões, como Santo Augusto, Augusto Pestana, Ijuí, Santo Ângelo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Ajuricaba e Catuípe, envolvendo cerca de 180 associados.

A classificação da lã está sendo feita na própria Unidade. Hoje, o associado não precisa esperar de dois a três meses para receber seu dinheiro, como vinha ocorrendo até algum tempo atrás, quando o produto era enviado para Dom Pedrito. A Unidade conta ainda com uma prensa para que a lã classificada seja enfardada — fardos de 370 quilos — e posteriormente comercializada com a Valuruguai. A mudança no setor de lã foi bastante acen-tuada, beneficiando o produtor, pois após a classificação é feita a liquidação, a um preço médio de três dólares por quilo.

É importante que o produtor assista a classificação do produto para observar e conhecer os defeitos existentes na lã e que ocasiona, prejuízos econômicos em decorrência da baixa qualidade. Por exemplo: lã de capacho oriunda de ovelhas velhas recebe um valor 50 por cento abaixo do normal ou ainda a lã corrente — que se caracteriza pelo estrangulamento das fibras, que também são desvalorizadas. Na classificação, onde é testada a sua resistência, há o rompimento das fibras, diminuindo o comprimento das mechas. A lã manchada é outro problema que ocorre devido a presença de fungos ou é transmitida geneticamente.

Deve-se destacar também, os cuidados que o produtor tem que ter para que não misture lã preta com lã branca, uma vez que é impossível separá-las no momento da classificação. A lã preta possui baixo valor em função de não absorver corantes no processo de industrialização.

Outro aspecto a salientar diz respeito a sanidade do rebanho. A espécie ovina, como toda criação animal, também apresenta problemas sanitários, nos quais estão estabelecidas as mesmas regras para as demais espécies domésticas. Sendo assim, temos que levar em consideração diversos fatores que contribuem para o estabelecimento e difusão das enfermidades, os quais podemos dividi-los em: intrínsecos e extrínsecos. Os primeiros são decorrentes das condições do animal — espécie, raça, sexo, idade e estado nutricional. Os fatores extrínsecos são oriundos do meio ambiente — solo, clima, topografia, sistema de criação e manejo.

A sanidade é um dos muitos problemas do rebanho ovino que pode ser atendido com maior cuidado, na certeza de que o resultado econômico apresentará um melhor desempenho. Acreditamos que apenas palavras não resolveram a situação. Também sabemos que é necessário provar, a nível de campo, resultados obtidos entre produtores para que finalmente sejam adotados procedimentos corretos nesta área, estimulando o setor, com aumento da produção dentro das medidas tecnológicas de trabalho e de custos possíveis de serem repassados aos produtores com destacada margem de benefícios, viabilizando a ovinocultura.

Antônio Goya é médico veterinário responsável pela área de Ovinocultura da Unidade de Jóia.

# A modernização da agricultura

O processo de modernização da agricultura na região e seus efeitos sobre os pequenos, médios e grandes produtores. Este é o ponto mais importante do trabalho de tese do professor do Departamento de Economia da Unijuí, Agenor Castoldi, defendido por ocasião da realização do curso de mestrado em Desenvolvimento Agrícola, no Rio de Janeiro. Natural de Roca Sales, Castoldi possui experiência universitária, principalmente nas áreas de Economia e Administração Rural. É graduado em Administração Rural - técnico - e em Ciências Contábeis - bacharel - pela Universidade de Ijuí. Em seu trabalho de tese, buscou analisar propriedades tecnificadas de trigo e soja que representassem no mínimo 70 por cento da renda do produtor.

Quando começou a trabalhar sua tese, que contou com mais de 100 entrevistas de produtores, Agenor Castoldi tinha uma grande preocupação: deixar claro quem era pequeno, médio e grande produtor e de que forma essa produção tecnificada de trigo e soja favoreceu estes produtores. Iniciou fazendo um resgate do processo de modernização da agricultura a nível de Rio Grande do Sul, dando ênfase para "sistema de produção" que caracteriza a economia agrária do Estado, identificando três segmentos importantes: a pecuária tradicional, a agropecuária colonial e a lavoura empresarial. Esta última inicia com o arroz por volta de 1910 a 1920. Em 50 começa a lavoura de trigo e mais tarde aparece a soja.

Por esta época, segundo dados do IBGE levantados no trabalho do professor, já existiam 286.733 estabelecimentos agropecuários que, naquele ano ocupavam uma área de 22.069,375 hectares dos 26.752.800 hectares e que representavam 82,49 por cento da área total do Estado. A lavoura ocupava 9,35 por cento e a pecuária 69 por cento do solo gaúcho.

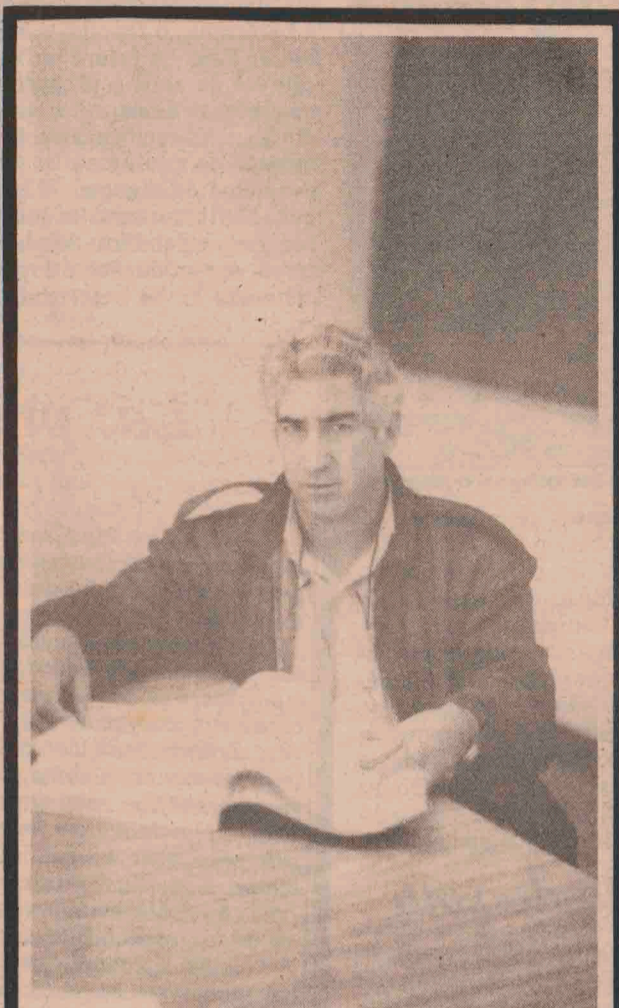
## A INFLUÊNCIA DA LAVOURA EMPRESARIAL

Mas foi a lavoura empresarial, segundo pode constatar Castoldi, a responsável pelas grandes transformações ocorridas na agropecuária colonial e na pecuária tradicional e extensiva. "A partir deste elemento, observa, pudemos analisar o surgimento do cooperativismo empresarial, que vem dar ênfase a este processo do segmento da lavoura empresarial. O cooperativismo empresarial tem esta conotação. Ele representa a penetração do capital no campo e seus efeitos na sociedade gaúcha".

Mas como estes produtores foram se modernizando? Este é outro elemento analisado pelo professor. Segundo ele, na medida em que a suinocultura e a fabricação de cachaça - as atividades representativas da época na região - foram decaindo, esses produtores passaram a investir em tecnologia, "acompanhando o processo de modernização que estava ocorrendo na região e que começou por volta de 1950 a partir do pioneirismo de alguns agricultores, que terminaram por influenciar os demais no sentido de resolver seus problemas".

A modernização, segundo Castoldi, foi uma exigência do próprio desenvolvimento da sociedade brasileira e que colocava como necessidade a ampliação do processo de produção da agricultura". Então, a modernização da agricultura veio trazer esse novo elemento, que é o aumento da produtividade através de novas técnicas de produção, diz ainda o professor questionando velhos argumentos que dizem ter sido o processo de modernização imposto e impulsionado pelas multinacionais. Reconhece que elas tiveram influência, mas não ao ponto de serem as únicas responsáveis pela modernização da agricultura. "O processo de modernização é resultante de uma exigência de maior produção e produtividade na economia brasileira, principalmente na agricultura. De outro lado, havia uma predisposição dos agricultores em se modernizarem para buscar maior produtividade e rentabilidade no setor agrícola, mas não tínhamos tecnologia e fomos buscar junto às multinacionais. Apenas isto foi o que aconteceu".

Na verdade, diz ainda Castoldi, o que determina a modernização de um setor não é apenas a vontade das pessoas, mas todo um processo de produção estabelecido e que, enquanto está dando resultados satisfatórios, não exige outras necessidades. Um exemplo desta situação é a própria pecuária tradicional. Por que um pecuarista vai aplicar recursos na sua



Agenor Castoldi: as transformações da região

*"Na década de 1950, inicia-se no Planalto do Rio Grande do Sul o cultivo mecanizado do trigo, cultura que vai desencadear um processo de grandes transformações sócio-econômicas na região. O cereal, cultivado em terra de campo, traz consigo uma nova concepção para a exploração agropecuária. O uso de bois e utensílios simples de cultivo da terra dão lugar às modernas máquinas tracionadas mecanicamente. O solo exaurido pelo uso constante é agora revigorado pela utilização de insumos químicos de origem industrial... Em meio as novas relações sociais que se configuravam como decorrência do processo de modernização da agricultura, surgem as cooperativas de trigo e soja caracterizadas como "empresariais". Elas surgem como movimento dos tricultores que se organizam em defesa de seus interesses. Estas cooperativas não se contentaram em ser simplesmente um "entrepósito" da produção dos associados, mas procuram transformar-se em complexos centros de comercialização e industrialização de insumos e produtos agrícolas perfeitamente integrados ao complexo industrial..."*

atividade, correndo riscos, se ela não está colocada como um problema e, ao natural, ainda apresenta resultados? Ele só vai sentir necessidade de modernizar a atividade no momento em que o tamanho da sua área e a quantidade de povoamento começar a criar dificuldades para satisfazer as suas necessidades. Só irá modificar suas técnicas de produção quando as que está empregando não responderem mais às necessidades de sua renda monetária", destaca.

Foi exatamente esta situação, segundo coloca o professor, que aconteceu com os produtores de suínos da região. Quando a atividade não estava mais apresentando os resultados satisfatórios, eles foram

buscar outras alternativas, mais modernas, para satisfazer suas necessidades, passando para a lavoura de trigo e soja. Por que mais recentemente os produtores começaram a entrar para a área do leite? pergunta. Porque é uma outra forma de conseguir uma renda monetária, responde, considerando o leite, os suínos, aves e peixes, como forma moderna de integração lavoura/pecuária e que exige investimentos.

Castoldi identifica a região de Ijuí - que no trabalho ele considera os municípios de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana - como uma das mais modernas. O agricultor saiu em busca de novas fontes, diz ele. E hoje até já se fala na construção de um frigorífico para a região. Isto representa mais uma imposição da região, que não depende apenas da vontade das pessoas. Para ele a cooperativa tem um papel importante na interpretação destes sentimentos, na busca de novas fontes para atender às necessidades de seus associados.

## O TAMANHO DA ÁREA

O tamanho da área é um fator bastante significativo na produção, segundo pode constatar o professor durante o seu trabalho de levantamento de dados. Existe na região um tipo de exploração familiar que compreende a grande maioria das Unidades de Produção. É evidente, observa, que o trabalho de cinco pessoas da mesma família numa propriedade de 20 hectares é bem menor do que numa propriedade de 80 hectares. O resultado líquido por hectare, nestas duas propriedades é mais ou menos equilibrado, mas na hora de fazer a divisão da remuneração de cada um é que aparece a grande diferença. A Unidade de Produção de apenas 20 hectares remunera muito menos as pessoas que trabalham do que a outra propriedade de 80 hectares.

O trabalho também constata a existência de dois tipos de exploração na região: exploração a nível de Unidade familiar e outra, de estilo capitalista. No primeiro, são os membros da família que trabalham na propriedade. No outro tipo de Unidade de Produção, chamada na tese de capitalista, os donos ocupam apenas a supervisão e o gerenciamento da propriedade. Todo o trabalho é feito por empregados contratados. "Então, destaca, fica evidente que o tamanho da área acaba influenciando de forma significativa nos resultados finais. Quanto maior a área, maior a renda e não apenas em termos de resultados absolutos, mas também em termos relativos. O tamanho da área também influi significativamente na remuneração da mão-de-obra empregada". E essa constatação tanto vale para a Unidade de exploração familiar como a capitalista.

## A INFLUÊNCIA DA COOPERATIVA

A influência da cooperativa foi outro aspecto analisado pelo professor na obtenção destes resultados líquidos nas diferentes Unidades Produtivas. Os produtores, pode observar Castoldi, têm visão diferenciada do papel da cooperativa, na medida em que são classificados por categoria. "Os pequenos consideram a cooperativa como um prolongamento da sua Unidade de Produção. Ela representa um papel muito importante na determinação dos preços, tanto dos insumos como dos produtos produzidos", explica.

Já os grandes produtores têm a cooperativa como mais uma prestadora de serviços. Para eles é muito mais importante a assistência técnica do que o aspecto da comercialização, fator importante para os pequenos produtores. O exemplo da Cotrijuí, destaca Castoldi, deixa muito clara esta questão do tripé: comercialização, armazenamento e assistência técnica. E cada categoria tem o seu ponto de vista em relação a estes pontos, diz ainda, lembrando que quanto maior a área, maior a expectativa em relação a assistência técnica. Já para o pequeno produtor, o grande "calcanhar de Aquiles" continua sendo a questão de comercialização.

Outro aspecto importante levantado no trabalho: será que a cooperativa influi ou não nos resultados das Unidades Produtivas? Certamente que sim, responde o professor, dizendo que teve a oportunidade de perceber, durante as entrevistas, que, se não existisse a Cotrijuí na região, muitos agricultores já teriam abandonado as suas terras, porque não teriam se viabilizado economicamente.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz da Silva Lucchese  
Datilografia: Derci Fátima Mariani

## AS FADINHAS BRINCAM DE MODELAGEM

Estava um por do sol muito bonito, com nuvens cor de ouro e cor de fogo boiando pelo céu. Clara Luz e as outras fadinhas brincavam de modelagem com as nuvens. Faziam elefantes, camelinhos, camelos, pássaros e, às vezes, também, barcos e flores.

Mas gostavam mais mesmo era de fazer bichos.

— Olha lá aquela nuvem! Parece uma girafa!

— E aquela outra parece um elefante!

Ninguém sabia que eram as fadinhas brincando lá no céu.

As mães, de vez em quando, vinham até a janela ver o que as meninas estavam fazendo. Viam que estavam brincando com modos e lam de novo para dentro.

Uma das fadinhas estava modelando um cavalinho cor de fogo. De repente veio o vento, bateu no cavalinho e ele saiu galopando pelo céu, com a crina voando.

Todas bateram palmas de alegria.

— Também quero que minha girafa corral — E o meu camelo também!

Começaram todas a chamar o vento. Mas não adiantou. Ele já tinha ido embora e não ia voltar naquele dia.

— Sei de uma mágica para fazer todos os bichos correrem, disse Clara Luz.

— Conte! Conte como é, Clara Luz!

— Vocês vão ter que fazer tudo de novo. Não vale fazer de qualquer maneira. Tem que ser assim: vocês vão modelando e vão pensando "vou fazer a melhor modelagem da minha vida".

— E depois?

— Depois acontece a mágica. É só isso.

— Ah! É fácil.

E as fadinhas correram para fazer aquela mágica. Foi uma trabalhadeira. Não era nada fácil como parecia no princípio. Mas de repente todas as fadinhas começaram a dizer para os seus trabalhos.

— Gosto de você como se fosse meu filho! O interessante era que elas gostavam deles, assim, justamente porque tinham dado tanto trabalho. Parecia até maluquice, mas não era maluquice não, era mágica.

De repente os bichos todos saíram galopando pelo céu.

E o melhor era que estavam com voz: os cavalos relinchavam, os leões urravam, os pássaros cantavam.

Ouvindo aquela barulheira, as mães vieram para a janela ver o que era:

— Que horror! Vizinha! Vizinha! O céu virou jardim zoológico!

— Não diga! Que perigo, meu Deus! E nossas

filhas que estão lá fora, no meio das feras! Começaram todas a gritar pelas filhas:

— Venham já para dentro!

As filhas não queriam entrar:

— Mas mamãe, logo agora, que a brincadeira está ficando boa!

— Que boa o que, menina! Quer ser devorada por algum leão?

— Mas mamãe, fui eu que fiz este leão. Ele não morde.

— Morde, sim senhora. Entre já, estou dizendo! As fadinhas foram entrando emburradas.

— Puxa, não posso fazer nada, que coisa!

— Mas minha filha, você não tem medo nem de leão?

— Eu não, mamãe. Já disse que fui eu que fiz!

As mães não queriam acreditar:

— Minha filha disse que fez um leão — contou uma para a outra, na janela.

— E a minha disse que fez um pássaro, que canta e tudo.

— Não é possível. Elas ainda nem aprenderam direito a fazer tapete mágico.

A outra pensou um pouco e depois decidiu:

— Nossas filhas não sabem fazer leão, pronto. Está acabado.

As fadinhas dentro de suas casas, estavam todas na maior choradeira:

— Sei fazer leão, sim. Já disse que sei!

— Não quero aprender a fazer tapete mágico. Sei fazer coisa que vive e tem voz.

As mães tentavam convencer as filhas:

— Mas querida, tapete mágico é muito útil. Que diferença faz se tem voz ou não tem voz?

— Faz muita diferença! Faz uma diferença enorme! — respondiam as fadinhas, soluçando.

A mãe da que fizera uma girafa não sabia mais o que pensar:

— Que será que essas meninas têm hoje, meu Deus? — perguntava ela, aflita, para as vizinhas.

— Nunca vi ninguém chorar tanto, por causa de uma simples girafa.

Ouvindo isso a fadinha chorou mais ainda:

— Minha girafa não é simples! Ninguém nesta casa entende a minha girafa. Sou muito infeliz!

E se foi para o quarto para chorar sozinha.

Que luta para as fadinhas se consolarem! Só depois que anoiteceu, a última filha parou de chorar.

As mães se reuniram na janela, de novo.

— Eu acho que tudo é verdade mesmo, — disse uma delas.

— Nossa filhas sabem muito mais coisas do que nós pensamos.

Todas ficaram caladas, refletindo sobre aquilo.

— No nosso tempo, — disse uma, — aprendíamos a fabricar tapete mágico e ficávamos muito contentes com isso.

— É mesmo.

Mas uma das mães, que era muito sincera, interrompeu:

— Eu não ficava contente em fabricar tapete mágico.

Aí todas se lembraram:

— Eu também não ficava nada contente.

— Eu detestava tapete mágico!

— Eu até hoje detesto desencantar princesa!

— E eu, para falar a verdade, detesto todas as lições do Livro.

Foi uma gritaria. As mães falavam todas ao mesmo tempo.

— Eu daria tudo para aprender a fazer um leão, nem que fosse dos pequenos!

— Eu quero fazer um papagalho, mas tem que falar de verdade, senão não serve.

Com o barulho que as mães fizeram, as filhas, que já estavam dormindo, acordaram e vieram ver o que era:

— Que foi, mamãe? Por que você está gritando tanto?

— É que eu quero aprender a fazer um leão! Estou louca para aprender a fazer leão! E quero que seja cor de ouro!

Foi a vez das filhas consolarem as mães:

— Está bem, mamãe. Não precisa se aborrecer. Amanhã eu ensino você a fazer, ouviu?

— Tem que ser amanhã bem cedinho! — exigiram as mães, batendo o pé.

— Não sei porque tanta pressa — espantaram-se as filhas.

— Já perdi muito tempo! Quero que seja assim que o sol raiar!

As filhas, que estavam com muito sono, prometeram ensinar assim que o sol aparecesse.

Mas no dia seguinte, as mães estavam muito encabuladas.

— Que mau exemplo nós demos ontem à noite!

— É mesmo, se a Rainha soubesse que até falamos mal do Livro!

— É melhor fingirmos que esquecemos toda a história.

E foram cuidar do seu serviço, como se nada tivesse acontecido. As filhas compreenderam:

— Coitada da mamãe. Está com vergonha de ter querido fazer um leão cor de ouro!

E não falaram mais no assunto.

(Almeida, Fernanda Lopes de, A fada que tinha idéias)

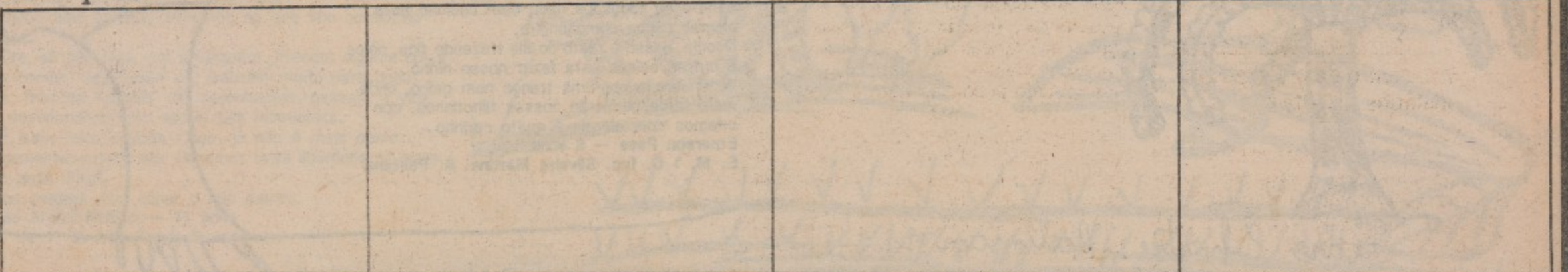
### Amiguinhos!

Na edição passada publicamos um texto muito interessante sobre os cuidados com os dentes. O que vocês acharam? O texto foi extraído do manual Novalgina, do Laboratório Hoesch. Nesta edição estamos trazendo como novidades, sugestões de brincadeiras e receita de uma massa de modelar, que é bem fácil fazer. Tanto a brincadeira como a massinha vocês poderão fazer em casa ou na escola. Vocês poderão modelar o que imaginarem. Divirtam-se.

Ah! Outro recado: estou esperando mais cartinhas, poesias, desenhos, sugestões de brincadeiras e passatempos.

Um grande beijo,  
Mariluz.

Nos quadrinhos abaixo, você vai desenhar a estória.





# Página do Leitor



## A arara

A arara é uma ave. Ela vem do mato e se forma dentro de ovínhos. Ela precisa da comida para viver. Ela vive na natureza onde é o lugar dela. A arara pode ser colorida ou de uma cor só. A arara é um ser vivo, ela é bonita e colorida. Nádia Weimer - 9 anos Escola Humaltá A. Pestana

Nádia Weimer

## A lebre

Tinha uma vez, uma lebre com um lebrãozinho. Certo dia a lebre saiu para roubar cenoura e deixou seu filhote em casa, e disse para ele não sair. Mas ele era teimoso e saiu pela mata.

A lebre voltou e não viu o filhote, ficou preocupada e foi procurar. Encontrou ele, perto de um açude, perdido. Ela deu uma lição para ele nunca mais desobedecer. Carmela Malmann - E.M. 1º G. Inc. Sete de Setembro



Carmela Malmann



Renésio Marchs

## A galinha

A galinha nos dá ovos. Ela faz os ninhos nos lugares difíceis da gente encontrar. Ali ela põe os ovos e depois, quando nós achamos o ninho, pegamos os seus ovos. Utilizamos os ovos na alimentação para a pessoa crescer e ficar forte. A galinha ainda nos dá uma excelente carne, que também serve para a nossa alimentação. Renésio Marchs - 8 anos E.M. Princesa Isabel - A. Pestana

## Eu sou um cacho de bananas

Eu fui tirado do pé, fui amadurecido. Sou muito útil para fazer sobremesa, para comer e para fazer rechelos. Minhas folhas são compridas e verdes, tenho o caule grosso e mole. Durante o período de seca, quase morri, tiveram que me dar muita água para eu sobreviver. Pedro Silvestre Malmann - 11 anos E.M. de 1º G. Inc. Silveira Martins - A. Pestana



Pedro Silvestre Malmann



## Sou um beija-flor

Sou um beija-flor e vôo de flor em flor com muita alegria, buscando meu alimento. Canto com satisfação todos os dias, bem cedinho para alegrar minha companheira. Depois, passo o resto do dia trazendo fios, pêlos e outras coisas para fazer nosso ninho dependurado por uma trança num galho, onde mais tarde nascerão nossos filhotinhos, que criamos com alegria e muito carinho. Emerson Paes - 8 anos E.M. 1º G. Inc. Silveira Martins. A. Pestana

Emerson Paes

## Eu sou uma ovelha

Eu sou branca e sou muito querida, mamãe gosta muito de mim. Mas elas me criaram guacho, eu mamô na mamadeira. Todos os dias mamãe me trata. Mamãe me trata nas horas certas, seis vezes ao dia. Eu gosto muito de leite. Minha mãe não me deixa mamar nela, porque tem muito pouco leite. Quando passarem os meus primeiros quatorze dias, eu já começo a comer pasto, mas agora ainda só tomo leite. Adriane Gehrke - 10 anos E.M. de 1º G. Inc. Silveira Martins



Adriane Gehrke

## O gatinho

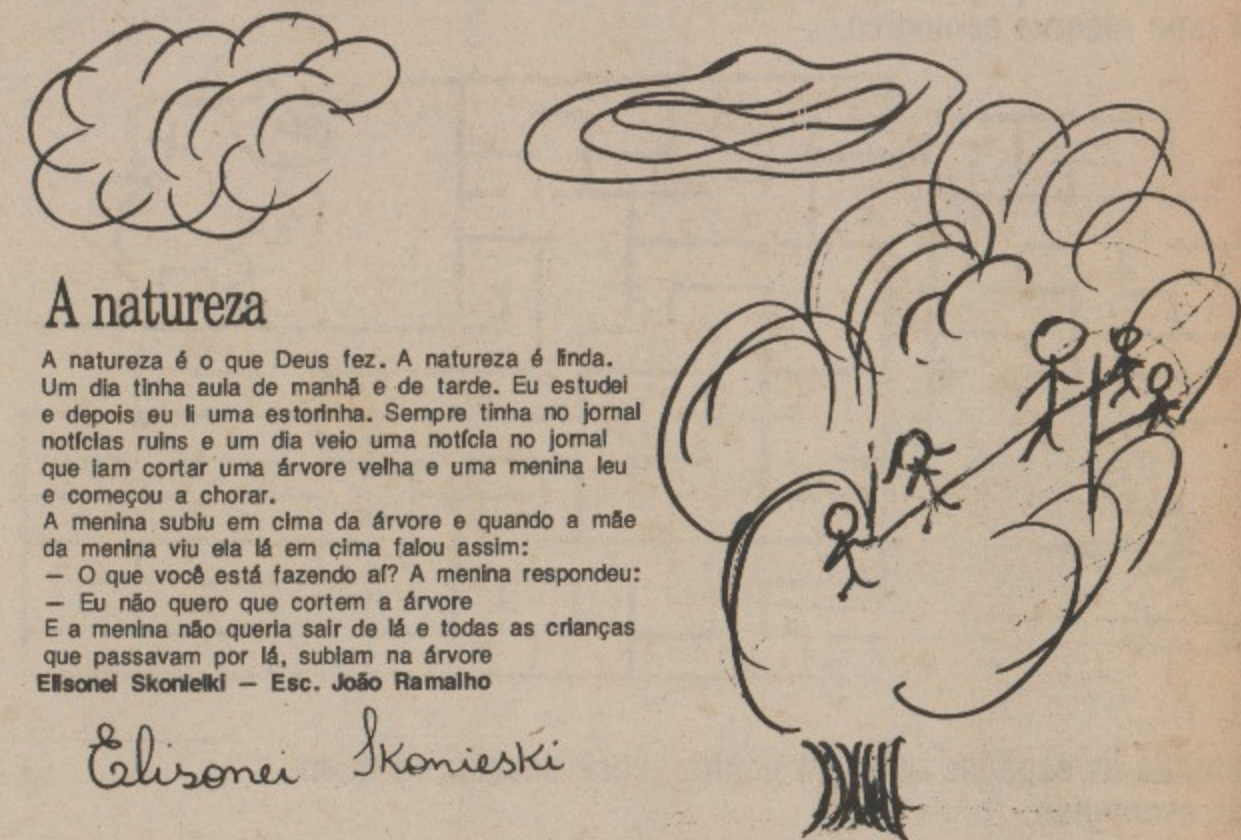
O gatinho vem da barriga do gato. O gatinho se alimenta de leite quando é pequeno. Ele vive na minha casa. Ele corre, brinca e pula. O gatinho é feliz e sua cor é marrom. Quando ele é grande, ele caça rato. Douglas José Bieger - 8 anos Escola Humaltá - Augusto Pestana



Douglas José Bieger

## A onça e o passarinho

A onça e o passarinho começaram a falar. A onça perguntou ao passarinho: - O que está fazendo aqui, passarinho? O passarinho respondeu: - Construo meu ninho. E você, onça? - Estou aqui parada, pensando no que vou comer no almoço. - Ora, só não faça mal a ninguém. Procure alguma coisa para comer, faça como eu, trabalho muito para poder viver, mas os homens não reconhecem, passam a vida nos envenenando com esses tais inseticidas. - É isso, falou a dona Onça, já não é mais como antigamente, quando nós tínhamos tanta liberdade na mata. Hoje está difícil. Adeus, cardeal, vou achar o que comer. Sérgio André Baisch - 11 anos E.M. de 1º G. Inc. Bento Gonçalves



## A natureza

A natureza é o que Deus fez. A natureza é linda. Um dia tinha aula de manhã e de tarde. Eu estudei e depois eu li uma estorinha. Sempre tinha no jornal notícias ruins e um dia veio uma notícia no jornal que iam cortar uma árvore velha e uma menina leu e começou a chorar. A menina subiu em cima da árvore e quando a mãe da menina viu ela lá em cima falou assim: - O que você está fazendo aí? A menina respondeu: - Eu não quero que cortem a árvore. E a menina não queria sair de lá e todas as crianças que passavam por lá, subiam na árvore. Elisonel Skonielki - Esc. João Ramalho

Elisonel Skonielki

Chella Cristina Müller



## Os animais

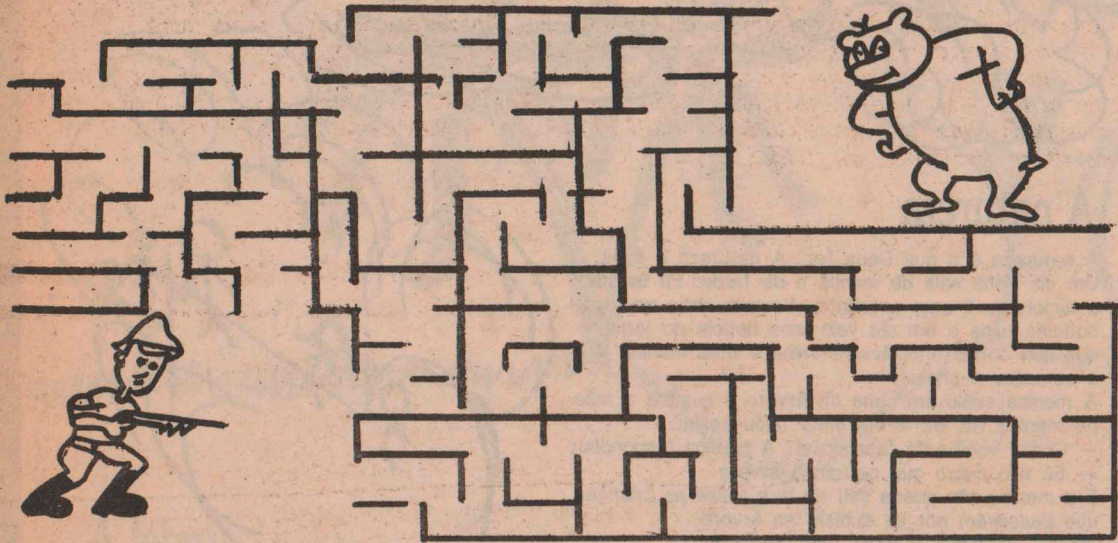
Eu tenho um cão, o nome dele é Bilu. A minha mãe tem doze vacas. O papai leva cada dia as vacas no pasto. Eu gosto de comer carne de vaca. A vaca dá leite para tomar. Papai comprou uma vaca do tio. Mamãe deu arroz para o gato e ele arranhou a mamãe. A galinha põe ovos. Chella Cristina Müller - E. E. 1º G. Inc. Dr. Pestana

Sérgio André Baisch

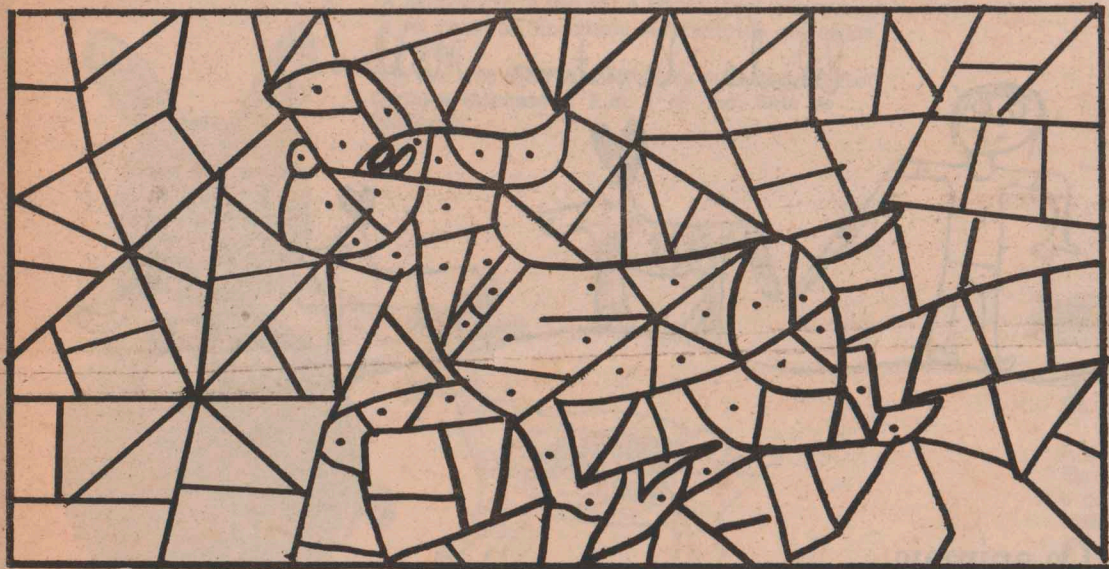


# Passatempo

Ajude este simpático caçador a encontrar um urso que fugiu de uma reserva ecológica.

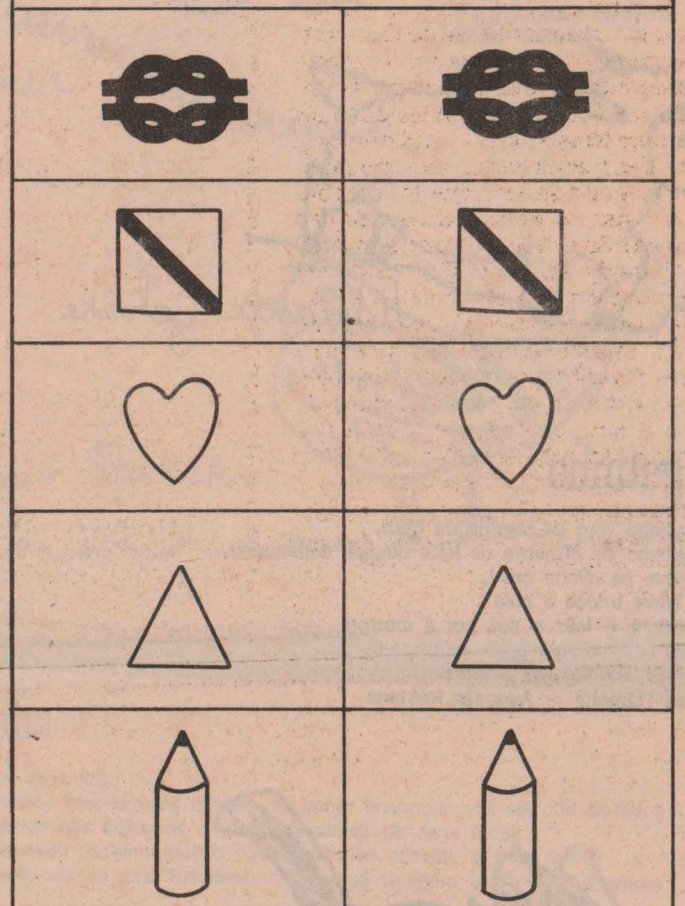


Pintando os espaços que tem pontos, você descobrirá quem está escondido.



## JOGO DE MEMÓRIA

- 1 - Recorte cada quadrado
- 2 - Embaralhe todas as peças
- 3 - Coloque todas as peças viradas para baixo
- 4 - Cada jogador na sua vez vira 2 peças. Olhe os desenhos, e se virou as peças iguais, tire este par da mesa, marcando um ponto.
- 5 - Ganha quem conseguir o maior número de pares de figura.



Desenho: Luiz Carlos Peres

## MASSA DE MODELAR

Você pode brincar de modelar, fazendo esta massa:

- Serragem
- 1/3 de xícara de azeite
- 1/4 de xícara de sal
- 1 xícara de farinha de trigo
- Corante - Anilina ou Q-suco
- Misturar e sovar até obter o ponto desejado

## EMPRESTA TUA CAMISA?

Convide seus amigos para brincar de...  
**Empresta tua camisa?**  
 Todos os participantes deverão formar um círculo. Em redor de cada participante, serão traçados círculos e num círculo no meio da roda ficará um participante. Dado o sinal inicial, o que estiver no círculo central dirá "Empresta tua camisa?" Os outros responderão, "pois não". Nesse momento, deverão todos trocar de lugar, enquanto o que estiver no centro procurará ocupar um dos círculos vagos. Quem sobrar irá para o círculo central.

Ligando os pontos em ordem alfabética você descobrirá um bonito desenho.

